

# REVISTA PHARMACEUTICA

JORNAL

DA

SOCIEDADE PHARMACEUTICA BRASILEIRA

PUBLICADO SOB A REDACÇÃO

DO

*Dr. F. L. de Oliveira Araujo.*

TOMO II.

1852-1853.

Morbos autem non eloquentia  
sed remediis curari.

CELSO.



RIO DE JANEIRO

TYP. GUANABARENSE DE L. A. F. DE MENEZES,

RUA DE S. JOSÉ N. 47.

1852.

## INTRODUÇÃO.

Corria em começo o anno de 1851, a classe medica, e bem assim a pharmaceutica, se achava devidida em dous bandos, porque alguns individuos avidos de grandes interesses, levantando o estandarte do partido, mercadejavão a sciencia especulando com a saúde publica; a população da cidade do Rio de Janeiro acabava de ser vendimada por horrivel epidemia, que inda aterrava seus animos; as officinas pharmaceuticas em grande numero mais simulavão casas de negocio, que verdadeiros laboratorios, sendo tidas e dirigidas mesmo por homens sem pratica e sem sciencia; tudo enfim collocava a pratica da pharmacia sob bem máos auspicios, quando alguns pharmaceuticos desta capital, guiados pelo espirito de humanidade, dedicação ao paiz e amor á sciencia e á sua arte, reunidos em corpo collectivo, tentando reformar a pharmacia, fundarão e installarão a Sociedade Pharmaceutica Brasileira no dia 30 de março desse mesmo anno.

Fundada sob tão máos auspicios, ardua e pesada era a missão que se impuzera a Sociedade, e apezar de ver-se balda de soccorros estranhos, venceu todas as difficuldades que sóem abafar quasi todas as associações scientificas em seu nascer, e com suas idéas nobres e magnanimas marchou sem tropeços. Breve quasi todos os pharmaceuticos desta cidade, assim nacionaes como estrangeiros, vierão se inscrever como seus socios, e com suas luzes e illustração trabalhar para a regeneração da pharmacia brasileira, progresso da sciencia, e beneficio da humanidade.

Desde seu principio entendeu a Sociedade que o melhor meio de preencher seus fins, e propagar suas luzes, era a publicação de um jornal, e foi essa tarefa pouco tempo depois de sua installação confiada ao nosso illustre collega o Sr. Dr. Exequiel Corrêa dos Santos, que não se poupando esforços, com o talento cultivado que o caracteriza quasi por si só sustentou a redação desse jornal, missão que mui digna-

mente preencheu, satisfazendo completamente a expectativa de seus collegas.

Hoje pesa sobre nós essa tarefa. Não nos illudimos ; conhecemos perfeitamente os trabalhos e difficuldades que teremos de superar : quando tantos e tão abalisados genios têm pensado e escripto sobre as materias de que deveremos nos occupar, seria temeridade nossa imaginar que, sem muitas difficuldades, e innumerados embaraços, poderiamos levar a termo nossa empresa ; não nos negamos á ella porque partilhando as honras de nossos consocios, seria faltar á um de nossos primeiros deveres recusarmos-nos a participar seus trabalhos, tanto mais que alentamos a esperanza de que seremos em nossa missão coadjuvados pelos nossos illustres collegas.

Conscios de nossa insufficiencia, como o fizemos sentir e sobrecarregado, além de nossos trabalhos clinicos, com a organização do código pharmaceutico nacional, estamos certos de que a nossa revista não poderá indubitavelmente continuar a apresentar em suas paginas a mesma illustração que a caracterisava ; o nosso illustre predecessor começando á preencher uma lacuna que até então existia, não teve carencia do incentivo que os paizes civilizados, e os homens de letras sóem prestar aos talentos que desabrochão ; porque o seu se achava já bastante cultivado, fallamos da benevolencia dos leitores, que humildemente impetramos em nosso favor, e esperamos nos seja conferida, não pelos merecimentos de nossos trabalhos, mas pelos sacrificios que teremos de empregar.

A publicação do jornal da Sociedade Pharmaceutica Brasileira continuará a ser feita uma vez por mez sob o titulo de — *Revista Pharmaceutica* — formato em 8.º, e com duas folhas de impressão.

O jornal continuará a ser devidido em duas partes ; a 1.ª conterà as actas, discussões, memorias, e mais trabalhos da Sociedade ; a 2.ª, com cuja responsabilidade nada tem a Sociedade, constará de artigos sobre pharmacia theorica e practica, sciencias accessorias, e communicados dirigidos á redacção (para o que lhes franqueamos nossas paginas) quando não involvão questões pessoaes, e estranhas á sciencia ou aos fins da Sociedade,

Rio de Janeiro, 1.º de Julho de 1852.

DR. O. Araujo.

## SOCIEDADE PHARMACEUTICA BRASILEIRA.

---

SESSÃO LITTERARIA EM 24 DE MAIO DE 1852.

*Vice-Presidencia do Sr. Gouvea.*

Estando presentes os membros constantes do livro de presença, e faltando com causa o Sr. Presidente, o Sr. Vice-Presidente abriu a sessão.

Leu-se e approvou-se a acta da sessão antecedente fazendo o Sr. Dr. Pereira Leitão uma pequena observação.

Correu o escrutinio e foi approved socio contribuinte o Sr. Manoel Joaquim Carvalho e Araujo, pharmaceutico no Maranhão.

O Sr. Presidente mandou a seguinte proposta :

« Proponho para socio honorario o Exm. Sr. Visconde de Olinda, pelos relevantes serviços que tem prestado a medicina no Brasil. »

O Sr. Balthazar propoz para socio contribuinte ao Sr. Dr. José Leonardo de Azevedo.

Estas propostas ficarão sobre a mesa para serem votadas na seguinte sessão.

Leu-se o parecer apresentado pela commissão de contas, em que se declara a exactidão dellas e se fazem verdadeiros elogios ao Sr. Thesoureiro.

Leu-se um officio apresentado pelo Sr. Bartholomeu Almagro participando retirar-se por algum tempo para a Europa. O Sr. Vice-Presidente manifesta o desgosto que sente a Sociedade quando se retira algum de seus membros. O Sr. Almagro offerece o seu prestimo a Sociedade, para onde quer quevá, e pede á Sociedade um diploma de socio contribuinte.

O Sr. Vice-Presidente disse que a mesa se encarregava de dar um diploma ao mesmo senhor.

O 2.º Secretario propõe que a Sociedade mande imprimir diplomas para serem distribuidos pelos socios, o que foi approved, ficando a mesa encarregada de os compor e mandar imprimir.

Entrou em discussão a 3.ª parte da ordem do dia « Se o pharmaceutico deve obedecer *sempre* por direito a prescripção do medico. »

O Sr. Dr. Pereira Leitão confrontando o art. 42 da Junta de Hygiene publica com o art. n.º 26 dos estatutos da Sociedade conclue dizendo que o pharmaceutico não deve obedecer *sempre* a prescripção do medico, porém dirigir-se a elle toda a vez que a sua prescripção lhe offereça duvidas

O 2.º Secretario pediu o adiamento desta parte da ordem do dia attendendo ao pequeno numero dos membros presentes, o que foi approvedo, e levantou-se a sessão.

---

**Oração funebre do Sr. Presidente ao dar-se á sepultura o cadaver do novo 2.º Secretario João Corrêa Dutra.**

Um anno não é ainda decorrido, o tempo com sua inexoravel foice ainda não aplainou o espaço porque ha de escoar-se 365 dias, que os Pharmaceuticos desta cõrte trajando galas, transluzindo no semblante de cada um delles o prazer, e a esperança de um porvir de honra para elles, e gloria para a sciencia, reunidos em commum installarão a Sociedade Pharmaceutica Brasileira.

A meu lado, honrado como eu pelo suffragio de meus collegas, existia cheio de vida e de esperanças um dos honrados Pharmaceuticos desta cõrte. Foi no rico salão da Sociedade Phil-harmonia, circundados de um alegre concurso das illustrações do Paiz, no meio de flôres e de aromas, que tudo isto se passou no dia 30 de março de 1851. E hoje, senhores, o que é feito dessas galas? em lugar dellas existe o crêpe; a esperança está trocada pelo desanimo, o riso pelas lagrimas, e em troca do abraço e parabens do expectador só se divisão a saudade dos amigos, e o luto de uma associação, o brilhante salão trocado por um cemiterio, nelle uma sepultura aberta, e a lousa lugubre e fria prestes a cahir sobre esta sepultura para fechar por toda a eternidade os restos do illustre Pharmaceutico João Corrêa Dutra, 2.º Secretario da Sociedade Pharmaceutica Brasileira. Que contraste entre o dia 30 de março de 1851 e o dia 4 de março de 1852.

Filho legitimo de Manoel Corrêa e D. Anna Thereza, honrados lavradores da freguezia de S. Gonsallo na Provincia do Rio de Janeiro, o illustre Pharmaceutico e Brasileiro cujo cadaver temos diante dos olhos, depois de seus estudos preliminares, deu-se ao estudo da Pharmacia que praticou com mestres habéis, aprendeu com facilidade e perfeição a lingua franceza, que o habilitou a entender os melhores au-

tores, e a praticar os mais acertados processos por elles prescriptos, para a preparação dos remedios. Ambicioso de instrucção, conhecendo que a pratica aperfeiçoa a theoria, effectuou em 1844 uma viagem á Europa, demorou-se em França, visitou os laboratorios chimicos, as principaes officinas pharmaceuticas, e voltou para a terra da patria de quem nunca se esqueçêra com mais aprofundada illustração. Foi elle quem primeiro no Brasil preparou com perfeição as capsulas gelatinosas dos oleos de cupahiba, de ricine de figado de bacalhau, e de outras substancias nauseabundas, facilitando desta arte ao enfermo um meio facil e agradavel de tomar sempre recente medicamentos tão repugnantes. Quando foi convidado para membro installador da Sociedade Pharmaceutica Brasileira sua alma expandio-se, seu coração dilatou-se de jubilo, por ver aproximar-se a realisação de um pensamento de que sempre se occupára, — a reunião em Sociedade de todos os Pharmaceuticos do Paiz. — Eleito em suffragio espontaneo de seus collegas para 2.º Secretario dessa Sociedade, demonstrou por sua actividade, por sua dedicação illimitada, que não fôra illudida a confiança daquelles, que para tão importante cargo o escolherão. Poucos mezes porém poude elle acompanhar-nos em nossos trabalhos scientificos, guiar-nos com sua experiencia, e ajudar-nos com sua illustração, porque a enfermidade o acommettêra, trocando a cadeira de Secretario pelo leito da dôr, onde deu a vida ao Ente Supremo no fatal dia 3 de março, ás 9 1/2 horas da manhã, deixando na classe um vacuo difficil de occupar-se, no Paiz um patriota desinteressado de menos, e na Sociedade Pharmaceutica Brasileira eterna e dolorosa saudade. É por isso, caros collegas, que aqui nos achamos reunidos pagando á memoria do illustre Secretario que perdemos, o tributo que se deve ao justo não só na vida como além tumulo. Sim, illustre collega, se teu corpo inanimado me não ouve, se as fibras insensiveis de teu coração não estremecem com a dôr e com o pranto dos que neste momento solemne te dizem o ultimo adeos, não succede assim com tua alma, que junto a Deos que te criou, vê o que se passa neste mundo de miserias e de enganos. Aceita pois os sinceros gemidos de teus collegas que ás bordas do teu sepulcro te promettem eterna saudade, te desejão o repouso de tua alma, e que a terra que tem de cobrir teu cadaver seja leve.

### Nafé da Arabia.

O nafé é um fructo, cujo nome significa em lingua oriental — saudavel para o peito. Este fructo originario da Syria, é fornecido pelo *Hibiscus Erculentus* de Linneo, da familia das malvaceas. Lemery em seu tratado universal de drogas simples dá-lhe o nome de — *Sabdariffa alia* — e os caracteres seguintes: caule de tres a quatro pés de altura, direito, canellado, purpurino, guarnecido de folhas largas e dentadas; flôres grandes semelhantes as das malvas, de uma côr de purpura esbranquiçada, á que succedem fructos oblongos, ponteagudos cheios de sementes redondas; as raizes fornecidas de muitas fibras brancas. As sementes servem de alimento como legumes, a planta toda contém um succo viscoso, semelhante ao da malva, é muito emoliente, peitoral e propria a abrandar as dôres.

O Sr. *Delangrenier* de Paris aproveitando a reputação de que goza esta planta no Oriente, fabrica com seus fructos pastilhas, e um xarope a que dá o nome de *peitoraes de Nafé da Arabia*. Das analyses procedidas segundo seu autor pelos medicos dos hospitaes de Paris e pelos professores *Barruel e Cottereau* se conclue, que tanto o xarope como as pastilhas não contém preparação alguma opiacea, e que sua propriedade calmante é devida ao fructo de que é preparada.

As pastilhas assemelham-se á pequenos confeitos cobertos de assucar cristalizado, podem se tomar com pequenos intervallos, fazendo-se fundir na boca por meio da saliva.

O xarope pôde ser tomado simples, ás colheres de chá com pequenos intervallos, ou então dissolvido em agua quente, o que fórma uma bebida agradável.

Estas preparações de Nafé tem sido mui preconisadas em toda a Europa, e mesmo entre nós contra todas ás affecções flogisticas do peito e mesmo do estomago. Apesar de nomes bem respeitaveis, taes como os dos professores, *Blandin, Boyer, Broussais, Chauseier, Larrey, Marjolin, Pinet, e Roux* ingenuamente confessamos que nenhuma vantagem temos delle colhido em nossa pratica, salvo em algumas catarraes muito simples e ligeiras, effeito, que obteriamos com o xarope de gomma ou outro qualquer mucilaginoso, que pôde ser obtido por muito menor preço, tanto que unicamente empregamos as pastilhas nas creanças; por isso que são facilmente illudidas, com a apparencia que ellas tem com os nossos confeitos.

## VERSÃO

**Da dissertação inaugural sobre os medicamentos brasileiros que podem substituir os exóticos na pratica da medicina no Brasil, pelo Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto.**

### I. MEDICAMENTOS TONICOS.

Os medicamentos tonicos tirados do reino vegetal são, ou substancias amargas, ou adstringentes, ou finalmente principios de sabor amargo e aromatico.

#### § 1 AMARGOS.

(Quina.)

Pela energia de sua acção merecem, e se achão collocadas á testa dos medicamentos tonicos as diversas especies de quina.

Ninguem ignora que estas cascas preciosas são tiradas de algumas arvores do genero *cinchona*, que faz parte da familia das Rubiaceas. Todas as especies de quina até agora usadas em medicina vinhão do Perú, Chili e da Colombia, e pensou-se mesmo que era esta parte da America a unica que produzia as verdadeiras cascas officinaes. O governo francez mandou fazer pesquisas para descobrir si a Goayana situada no mesmo paralelo que as outras regiões da America banhadas pelo Oceano Pacifico, onde crescem as verdadeiras quinias, produziria igualmente as mesmas especies ou analogas que podessem lhes ser assemelhadas.

As observações do naturalista *Leblond*, enviado para este fim á Goayana forão vãs, e as especies que elle achou erão mui differentes por suas propriedades, e pertencião a uma divisão do genero *cinchona*, de que mais tarde se fez um genero distincto com o nome de *exostemma*. Com effeito ao tempo que as verdadeiras quinias são eminentemente tonicas, as cascas do genero *exostemma* conhecidas sob os nomes de *quina piton*, *quina de Santa Lucia*, *quina carahiba* tem uma acção purgativa.

No dizer de alguns naturalistas viajores, que ultimamente explorarão com muito zello todas as producções naturaes do Brasil, e muito particularmente as observações de *M. Aug. de Saint-Hilaire*, provão que o Brasil possui tambem algumas especies de quina verdadeira, que por suas propriedades podem ser postas em paralelo com as cascas do Perú. De-



vemos fazer aqui sentir, aos habitantes do Brasil, que a palavra *quina* se emprega indistintamente para muitos medicamentos differentes, mas que gozão todos d'uma propriedade tonica mais ou menos energica. Entre o grande numero que faremos successivamente conhecer em lugar convinavel, tres sómente pertencem ao genero *cinchona*, M. *Auguste de Saint-Hilaire* as descreveu em sua excellente obra intitulada, *plantes usuelles des Bresiliennes*: (1. livre pl. 2) sob o nome de *cinchona ferruginea*, c. *Vellozii* e c. *Remijeana*. Estas plantas crescem na Provincia de Minas Geraes, onde os habitantes as designão por *quina do campo* e *quina Remijo*.

Estas tres especies que os habitantes confundem, e que parecem ser com effeito modificações d'um mesmo typo, crescem entre 21° 45' latitude sul e 17° 50', pouco mais ou menos a altura de 2 á 4 mil pés á cima do nivel do mar. Mr. *Auguste de Saint-Hilaire* as colheu nos cumes áridos e descampados da cadêa de montanhas que se estendem do S. para N. na provincia de Minas e que fórma o limite das matas virgens e paiz descoberto. Segundo a nota do sabio naturalista francez estes tres arbustos indicão com quasi certeza a presença do ferro; encontra-se entre outros nas visinhanças de S. João d'El-Rei, arrebaldes de Villa Rica, Serra dos Pilões, perto de S. Miguel, de Mato-Dentro, Penha no termo de Minas-Novas &c.

O nome de *quina Remijo*, com o qual se designão communmente estas cascas, lhe vem do de um medico, que primeiro indicou seu uso.

As cascas das quinas brasileiras por seu sabor fortemente amargo e adstringente se assemelhão ás cascas peruviannas, fôra de desejar que se fizesse a analyse chimica; a analogia nos leva a crer que se acharia nellas a quinina e cinchonina que formão o caracter destintivo das quinas peruviannas.

Os habitantes dos lugares onde cresce a *quina da serra* a empregão nos mesmos usos e circumstancias em que os medicos prescrevem as quinas do Perú; assim administração a casca sob differentes formas, não só como tonico, mas ainda como febrifugo. Porque se não recolhe esta casca com os convenientes cuidados e se faz della um objeto de commercio, não só entre as differentes Provincias do Imperio, onde ella não tem sido achada, mais ainda muito provavelmente um objecto de exportação para a Europa?

QUINA DO CAMPO.

*Strychnos pseudo-quina.*

De todos os medicamentos tonicos indigenas do Brasil nenhum existe mais importante e digno de fixar a attenção do medico, que o designado pelo nome de *quina do campo*. E' a casca de uma pequena arvore tortuosa, pouco desenvolvida, e sem espinhos, que M. *Auguste de Saint Hilaire* (Pl. usuell. des Bresiliens) reconheceu pertencer ao genero *strychnos*, e escreveu e figurou com o nome de *Strychnos pseudo-quina*. Um facto digno de ser aqui notado é que sendo a maior parte das outras especies do mesmo genero notaveis por suas qualidades eminentemente deleterias, como se nota na noz-vomica, fava de Santo Ignacio e na *serpentina*, &c., esta ao contrario só exerce uma acção benéfica na economia animal, nós veremos d'aqui á pouco, que a analyse chimica nos dará explicação dessa anomalia, demonstrando-nos que a casca de *quina do campo* não contém strichnina, nem acido igasurico. O *strychnos pseudo-quina* cresce em geral nos campos cobertos de arvores tortas e pouco desenvolvidas; encontra-se em toda a parte occidental da provincia de Minas Geraes, no districto de Minas Novas, Diamantina, e nos desertos de Goyaz.

A casca de *quina do campo* é espessa, suberosa, molle e amarella côr de oca externamente, mais compacta, dura, e acinzentada em sua face interna. Seu sabor é muito amargo, porém pouco desagradavel. Pela analyse chimica do célebre professor *Vauquelin* esta casta contém:

1.º Uma materia amarga que fórma a maior parte dos seus principios soluveis, e que, segundo o illustrado chimico, parece ser a em que residem as propriedades febrifugas.

2.º Uma substancia resinosa particular muito soluvel no alcool á 36º, e pouco no alcool absoluto. ●

3.º Uma materia gommosa colorida e unida á um principio animal, que modifica as suas propriedades phisicas.

4.º Um acido particular, que como a noz de galha precipita o sulfato de ferro e a colla forte, porém com modificações que não permitem encaral-o como o verdadeiro acido gallico.

Vê-se, pelo resultado desta analyse, que a casca de *quina do campo* não contém esse principio temivel, que dá aos outros vegetaes do mesmo genero propriedades tão venenosas.

De todas as plantas medicinaes do Brasil, diz M. Aug. de St.-Hilaire, o *strychnos pseudo-quina* ou *quina do campo*, é talvez aquella cujo uso está mais vulgarisado, e cujas propriedades melhor averiguadas. A excepção das bagas que tem um sabor adocicado, e que as crianças comem por gosto, todas as outras partes da planta são excessivamente amargas, e um pouco adstringentes; porém é principalmente na casca que residem suas propriedades, e é tambem della que fazem uso os habitantes do paiz, que a empregão como febrifugo. Um dos medicos mais eselarecidos do Brasil, que fez experiencias comparativas desta com as cascas de quina do Perú, assegurou a M. de St.-Hilaire que a primeira era ao menos igual á quina exotica.

Segundo M. Martins, as propriedades do *strychnos* assemelhão-se antes ás de quassia amarga, gencianna, e outros amargos propriamente ditos, que ás da casca peruvianna; por isso a administração particularmente em certos casos em que esta ultima poderia ser nociva, como nos engorgitamentos chronicos das vicerias abdominaes, molestias, que se desenvolvem frequentemente depois das febres intermitentes, e que provavelmente, muito á erro, são attribuidas ao uso da quina. A preparação que parece melhor aproveitar neste caso, é uma mistura do extracto desta casca e de mercurio doce. Póde-se administrar o pó na dóse de meia á duas oitavas, e o extracto na de um escrópulo á meia oitava.

Pelo que precedentemente dissemos, a *quina do campo* é um medicamento muito precioso, não só por poder substituir com vantagem a quina do Perú no tratamento das febres periodicas, tão communs em algumas provincias do Brasil, mas ainda porque póde ser empregada com successo em alguns casos em que esta ultima não surteria effeito e podia mesmo ser nociva. Na capital do Imperio do Brasil gasta-se uma grande quantidade de quina exotica; seria bom que os praticos das cidades imitassem os das provincias, dando preferencia á um remedio indigena, cuja efficacia, contestada por experiencias diarias, não póde ser posta em duvida. A casca do *Strichnos* é ainda um d'aquelles medicamentos, que para o futuro promete tornar-se um objecto de exportação ao Brasil, que o cederia ao commercio europeu por preço muito menor que o das quinas das outras partes da America.

(Continúa.) O. A.

TOPOGRAPHIA PHISICO-MEDICA (1)

DA

CIDADE DO RIO DE JANEIRO (2)

*Pelo Dr. Oliveira Araujo.*

**I.**

Cêrca de trezentos e vinte annos ha que viajor illustre e corajoso, Martim Affonso de Souza, avido de acquisição de um estabelecimento futuro, e de gloria a mandado de El-Rei D. João III de Portugal veio reconhecer as terras do Sul do Brasil, até o Rio da Prata, para em lugar apropriado fundar uma colonia. Chegado á vista de terras do novo mundo as foi costeando de Norte para Sul; penetrou a enseiada do Rio de Janeiro e fundeou por detraz do Pão de Assucar, no lugar hoje dito Praia Vermelha, onde se demourou por algum tempo. Receioso porém dos Indigenas, *Tamoyos*, que occupão toda a costa desta enseiada, teve de levantar ferros, e se foi caminho do Sul estabelecer a povoação portugueza na ilha de S. Vicente. Em 1534 dividido o territorio do Brasil em Capitancias, coube em partilha ao mesmo Martim Affonso a que elle appellidou do Rio de Janeiro, que comprehendia com todo o interior o litoral desde o Cabo de S. Thomé até a já estabelecida povoação de S. Vicente, sendo este o unico lugar habitado por Portuguezes, em tão extenso territorio, como o desta Capitania. No entanto algumas nações europeas attrahidas pelas riquezas e preciosidade encontradas no novo mundo, cubiçosas de adquiril-as, e considerando a importancia futura que lhes promettia esse continente ha pouco descoberto, conquistado e possuido por uma monarchia então já pouco forte, armarão expedições aventureiras que, estabelecendo relações com os Indigenas, formarão no paiz mesmo um forte apoio para usurpal-o a seus verdadeiros possessores.

(1) Este trabalho já nos servio de these de concurso, e nos deliberamos a fazel-o reimprimir, por já estar exausta a edição de nossa these e não podermos satisfazer a exigencia de algumas pessoas que a desejavão possuir; por este meio fica o nosso trabalho ao alcance de quem quizer havel-o.

(2) Sempre que empregarmos a palavra —Cidade—entenda-se que fallamos do espaço della que comprehende as Freguezias que formão a segunda delegacia de policia.

Os Francezes tomarão a dianteira, e conduzidos por um verdadeiro aventureiro, o vice-almirante Nicolau Durand de Villegaignon com determinação de estabelecer á imitação de Portugal e Hespanha uma colonia para a corôa de França, atravessarão o Atlantico e vierão em demanda da bahia do Rio de Janeiro, *Nictheroy* chamada pelos Indigenas, e ligando-se com elles fundarão alguns estabelecimentos na costa, e na ilha de *Uruçumerim* um forte que ainda hoje conserva o nome de seu chefe (3). Assim estabelecidos os Francezes, admira como a Côrte Portugueza consentio que se elles ahi tranquillos conservassem, já extorquindo-lhe riquezas que de direito lhe pertencião, já fazendo-se mais poderosos no paiz com o engrandecimento de seus estabelecimentos, e mais ainda com a continua e boa alliança que entretinhão com os selvagens, e que só mais de cinco annos depois entendesse o prejuizo que elles lhe causavão, e que convinha d'ahi expelil-os inteiramente, e fundar nesse mesmo lugar uma colonia de seu dominio. Em consequencia partio Estacio de Sá, de Portugal para a Bahia com dous galeões a reunir-se com seu tio, o Governador Mendo de Sá, que juntando alguns *Mamelucos* e *Tupinambás* ás forças portuguezas, veio bater os Francezes, o que conseguiu no dia vinte de Janeiro de 1567, expulsando essa horda de aventureiros quasi toda para suas plagas, e obrigando os de mais com seus alliados, os *Tamoyos*, a se refugiarem para o interior dos sertões. De então data a fundação da cidade do Rio de Janeiro, chamada de *S. Sebastião* em lembrança do triumpho das armas portuguezas no dia que commemora este martyr.

Immediatamente depois da victoria, o Governador Geral obdecendo á suas instrucções, traçou sobre a margem occidental da bahia o plano da nova cidade, que quasi dous seculos depois (1763) foi erigida em metropole da America Portugueza, que mais tarde foi a séde dessa monarchia, quando o Principe Regente o Senhor D. João VI, depois Rei de Portugal, para aqui veio (1808) com toda a Familia Real, em consequencia da guerra com o Imperador dos Francezes, e que actualmente figura, graças ao Sr. D. Pedro I e ao patriotismo nacional, como a capital do Imperio Americano, e uma das primeiras no quadro das cidades commerciaes de um e

(3) A Fortaleza de Villegaignon, uma das mais bem situadas e melhor construidas do nosso porto e que serve de registo no mesmo.

outro hemispherio, sendo a primeira da America do Sul pela sua extensão, riqueza, população e por muitos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos que em si contém, e que de dia em dia se multiplicão.

De principio foi a nova cidade quasi que exclusivamente edificada sobre o morro do Castello, não só porque os Portuguezes, que se arreceiavão de alguma excursão e ataque imprevisito dos naturaes do paiz, se delles resguardavão pela eminencia dessa montanha, tão apta para sua conservação e defesa, mais ainda porque achando-se a planicie toda coberta de frondosas selvas, e de immensos e disseminados pantanos, preciso era que a civilisação com seus artefactos eliminasse estes, e destruísse aquellas para fazel-a habitavel. Pouco e pouco o engrandecimento da população europea, que para aqui emigrava e que comsigo importava o flagello das bexigas, que nos Indigenas causava horrivel e extraordinario estrago, os fez ir mais e mais internando, de sorte que passados bem poucos annos se virão os Portuguezes unicos e tranquillos possuidores de toda a costa, e assim livres de novas invasões externas, por isso que a retirada dos *selvagens* para os sértões cohibia que nações extranhas viessem de fóra com elles travar relações. A segurança individual assim adquirida, as riquezas que continha o paiz, e mais que tudo o dedo de Deos que parecia proteger e favorecer os destinos da terra de Santa Cruz rapidamente augmentarão, e animarão a emigração para esta nascente cidade: breve cresceu sua população, e a civilisação, apezar de todos os seus vicios, começou de aformoseal-a. Missionarios *Jesuitas* a quem o Brasil deve tão grandes e innumeraveis serviços vierão com fé robusta e com seus exemplos fortificar e ensinar a religião de Jesus Christo, e a tosca pedra encontrada á margem do rio polio-se á acção civilisadora, e tornou-se um rico e lusente brilhante; e da planicé coberta de pantanos, habitada por ferozes *selvagens* surgio uma bella cidade, a capital do Imperio Brasileiro, que contém em si mesmo porporções bastantes para, dilatando-se por campos e montes como a antiga Roma, competir em grandeza e magestade com as primeiras cidades dos Imperios mais florescentes do globo.

Na America meridional quasi a 23.º de latitude, e 45.º de longitude occidental do meridianno de Paris, está situada a cidade do Rio de Janeiro. Assentada em uma immensa planicie de fórma mais ou menos simi-circular é ella de um lado,

ao oriente, banhada pelo oceano Atlantico, que penetrando por entre os penedos do Pico e Pão de Assucar, onde lava com suas aguas as muralhas das Fortalezas de Santa Cruz e S. João, fornece a vasta bahia de Nictheroy, que bordando-a em uma linha curva muito irregular offerece seguro porto de ancoragem capaz de em si conter todas as armadas das potencias maritimas. Do outro lado, ao occidente, está cercada por uma continua successão de montanhas, parte da Serra dos Orgãos, que dirigida de S. para N. cahe todavia um pouco para N. E. Lançada nesta extensa superficie corre a cidade nos rumos de O. S. O. para E. N. D. e de N. N. O para S. S. E.

Assim pois a cidade offerece um aspecto já plano, já montanhoso. Na planicie mesmo porém encontrão-se algumas eminencias ou pequenas montanhas que ainda que disseminadas parecem todavia guardar alguma regularidade. Se percorrermos a costa encontraremos o pitoresco e poetico outeiro em que está situada a Igreja da Gloria; o morro do Castello, onde começou a fundação desta cidade, e onde se vê o edificio que servio de convento aos frades da Companhia de Jesus, e em que actualmente está alojado o Hospital Militar, e onde tambem se acha hoje um outro convento, o dos missionarios Capuchinhos; depois veremos o morro de S. Bento occupado pelos frades da mesma ordem, o morro da Conceição, séde episcopal do Bispado do Rio de Janeiro, e finalmente o do Livramento. A partir do morro do Castello, tirando uma linha para o interior da cidade, veremos ainda o morro de Santo Antonio, occupado pelos monges Franciscanos, e mais para o centro o morro de Catumby. Entre as montanhas que concorrem para o complemento da Serra, notaremos principalmente o Pão de Assucar, á entrada da barra como já mencionamos, formado quasi todo de granito, e entretefido bem pouca vegetação; o Corcovado, a Tijuca, e o Pico da Boa Vista, notaveis principalmente por sua eminencia, e que reunidos a outros de menor altura, formão a cordilheira que nos abriga dos ventos de terra, e que vistos do alto mar figurão o gigante que dorme (4).

(4) Do alto mar ao correr da costa figura esta cordilheira um gigante delgado, tão perfeito que alguns viajantes Francezes achão nos traços da parte que simula o rosto o perfil do infeliz rei Luiz.

(Continúa.)

# REVISTA PHARMACEUTICA.

2.º ANNO.

N.º 2. — AGOSTO DE 1852.

VOL II.

## SOCIEDADE PHARMACEUTICA BRASILEIRA.

SESSÃO LITTERARIA EM 7 DE JUNHO DE 1852.

*Presidencia do Sr. E. Corrêa dos Santos.*

Estando presentes os Srs. Rodrigues Maia, Fragoso, Vasconcellos, Fernandes Leite, Virgilio, Flavio, Fernando da Costa, Simões de Faria, Bardy, Lima, Luiz de Mello, Penha, Blanc, Balthazar, Diniz, Coutinho, Baptista de Magalhães, Collares, Ernesto, e os Drs. Araujo e Exequiel; o Sr. Presidente abriu a sessão.

Correu o escrutinio e forão approvados socios, honorario o Exm. Sr. Visconde de Olinda, e contribuinte o Sr. Dr. José Leonardo de Azeredo, propostos na sessão anterior.

O Sr. Presidente declarou ter sido nomeado para ajudar com o seu fraco contingente a Junta Central de Hygiene publica, nas visitas das boticas, e que só aceitaria tal cargo se a Sociedade o approvasse, porque nesse caso tem de cumprir pela sua parte todos os artigos do Regulamento tendentes a pharmacia.

O Sr. Fernando da Costa disse que o Sr. Presidente devia aceitar, porque tal nomeação muito honra, não só ao Sr. Presidente, como a toda a Sociedade, que nenhum dos Socios terá o receio de compromettel-o mostrando os seus estabelecimentos.

O Sr. Gouvêa concorda e crê que a Sociedade deve seufanar com esta nomeação.

A Sociedade approva que o Sr. Presidente aceite o cargo para que foi nomeado.

O Sr. Presidente propõe que o Sr. 1.º Secretario annuncie em nome da Sociedade aos facultativos, pedindo-lhes que



cumprão os artigos 41 e 42 do Regulamento, para que não sejamos obrigados a regeitar receitas, que não estiverem em conformidade com os referidos artigos: esta proposta foi approvada.

Entrou em discussão a 2.<sup>a</sup> parte da ordem do dia: « Deve o pharmaceutico obedecer *sempre* por direito á prescripção do medico? »

O Sr. Fragoso diz que a questão é delicada, que em geral o pharmaceutico deve preparar a receita, porém que nem sempre o pôde fazer, e termina pedindo o adiamento.

O Sr. Presidinte diz que não suppõe necessario o adiamento de uma questão tão simples.

O Sr. Dr. Exequiel diz que o pharmaceutico deve consultar o medico quando as doses de qualquer substancia toxica lhe pareça excessivas ou quando qualquer outra duvida se lhe offereça.

O 2.<sup>o</sup> Secretario diz que fica ao arbitrio e á intelligencia do pharmaceutico repugnar a receita, quando para isso tenha razões.

O Sr. Pires Ferrão, depois de ter dissertado sobre a materia, declara-se contra o adiamento.

Apresentou-se um officio da Sociedade Emmulação Philosophica, convidando a esta Sociedade para assistir a sua sessão magna, na qual perpetúa a presidencia da mesma na pessoa do mui respeitavel Padre Mestre Monte Alverne; o Sr. Presidente nomeou uma commissão composta dos Srs. Pires Ferrão, Silva Costa, Gouvêa, Balthazar, Rodrigues Maia, Collares, e Flavio para assistirem a essa sessão em nome da Sociedade.

O 2.<sup>o</sup> Secretario propõe que se officie ao Governo pedindo a nomeação de um ou mais pharmaceuticos, que fação parte integrante da Junta de Hygiene, attendendo ás visitas que tem de se fazer por boticas, drogarias e mais estabelecimentos, donde depende a saúde publica.

O Sr. Presidente propoz que a commissão, que dentro em 2 mezes não der conta do trabalho para que foi nomeada fique, *ipso factu* sem effeito, nomeando-se outra que a substitua.

Estas propostas forão approvadas, e não havendo mais que discutir-se, o Sr. Presidente levantou a sessão.

---

SESSÃO LITTEARIA EM 12 DE JULHO DE 1852.

*Presidencia do Sr E. Corrêa dos Santos.*

Estando presentes os socios como consta do livro de presença, o Sr. Presidente abriu a sessão.

Leu-se e approvou-se a acta de sessão antecedente.

O Sr. Dr. Leitão propõe para socio contribuinte ao Sr. Dulcio José Dias, Brasileiro e pharmaceutico estabelecido na rua de S. Clemente.

O Sr. Balthazar propõe para socios contribuintes aos Srs. José Luiz do Amaral Guimarães e José Maria de Souza, pharmaceuticos residentes no Rio de Janeiro.

O Sr. Presidente consultou á Sociedade se queria discutir o trabalho do Sr. Figueiró sobre tinturas e extratos, e decidindo ella em contrario, encerrou a sessão; ficando adiada para a seguinte a mesma ordem do dia, e autorizado o Sr. 1.º Secretario a officiar ao Sr. Figueiró para comparecer sem falta a essa sessão.

---

### Pedido á Junta de Hygiene.

Por proposta nossa determinou a Sociedade Pharmaceutica, em sessão de 2 do corrente, que se officiasse á Junta Central de Hygiene Publica —offerecendo-lhe as paginas de nossa *Revista*, e pedindo-lhe os resumos de seus trabalhos para serem nellas publicados. Como é de esperar a illustrada corporação não se negará a esse pedido.

Assim praticando ella dará com a publicação dos trabalhos de suas sessões um desmentido formal ás fallacias, que a seu respeito correm.

A publicação dos trabalhos da Junta Central de Hygiene, além de tornar a nossa *Revista* muito mais interessante, porá toda a população ao facto de suas deliberações, por consequencia em circumstancias de adoptar seus conselhos, e quando por ventura se tomarem medidas correccionaes, os á ellas sujeitos poder-se-hão, com a cessação da infracção dessas mesmas medidas, isemtpar da criminalidade e da pena. A Junta de Hygiene fará ver ainda que tem envidado todos os esforços para melhorar o nosso estado sanitario, e que si a saúde publica continúa entregue á mercê do acaso, não é porque não tenha ella, quanto em si cabe, tratado de estabelecer medidas de policia medica, mas porque sendo sua missão toda de consulta, não tem ella accção administrativa.

Aguardamos a resposta da Junta de Hygiene.

O. A.

**Relatorio da commissão encarregada de apresentar o seu parecer acerca do trabalho do Sr. João Valentim de Figueiró, sobre os differentes processos de se prepararem extractos e tinturas.**

SENHORES.

A commissão encarregada de apresentar o seu parecer sobre um trabalho do nosso collega o Sr. João Valentim de Figueiró, ácerca do estudo dos differentes processos de se prepararem os extractos e tinturas, vem hoje dar-vos conta da missão que vos dignastes confiar-lhe. Se no desempenho della a commissão não satisfizer a expectativa desta Sociedade, não foi certamente por falta de esforços e bons desejos para isto conseguir, mas sim pela carencia de muitos predicados indispensaveis para ella bem desempenhar a difficil tarefa que lhe tocou.

A commissão antes de apresentar as razões em que se funda para discrepar do collega nas idéas por elle expendidas no seu trabalho, julga conveniente acompanhar o autor desde o principio desse seu trabalho, para em cada topico delle fazer as observações que lhe forem suggeridas.

O collega principiando pelos extractos apresenta considerações geraes sobre essas preparações, observa quaes as condições necessarias para se obter um bom extracto, e nota que a prompta alteração que muitos desses productos soffrem em nossas officinas, deve ser attribuida á presença nelles de principios extranhos e inuteis, devidos ao antigo processo de extractificação, cujos principios sob a acção do oxygeno atmosferico transformão-se em verdadeiros fermentos.

Terminá por fim o collega estas considerações, demonstrando as vantagens da deslocação sobre o antigo processo para se extrahir os principios soluveis das substancias, e declara-se a favor deste methodo para a preparação dos extractos, com excepção dos alcoolicos e daquelles cujas substancias, que os fornecem, não podem por sua natureza se prestar a esta operação.

A commissão partilhando as idéas do collega nestas considerações geraes, que elle apresenta sobre os extractos, e sobre as vantagens do methodo da deslocação para se preparar um grande numero delles, comtudo ella diverge inteiramente do collega na parte relativa á total exclusã

do processo da deslocação para se obter os extractos al-  
coolicos e a não depuração dos succos expressos.

Como o collega diz que as razões que apresenta para  
excluir a deslocação nas tinturas alcoolicas são as mesmas  
em que elle se basêa para preferir a maceração nos extractos  
alcoolicos, a commissão procurará quando chegar a essa  
parte a que se refere o collega, mostrar as razões que tem  
para não regeitar de uma maneira completa o processo da  
deslocação para se obter as tinturas alcoolicas, e por con-  
sequencia os extractos da mesma natureza. Proseguindo o  
collega no seu trabalho, apresenta uma serie de substancias  
que devem ser submettidas ao processo da deslocação,  
tendo por dissolvente de seus principios a agua, o vinho,  
o ether ou vinagre.

A commissão percorrendo cada uma dessas substancias  
para estudar e reconhecer a natureza dos seus principios  
activos, consultando para este fim o que dizem os autores a  
tal respeito, extranhou sobremaneira que o collega dissesse  
que substancias para as quaes só é empregada a agua ou o  
alcool para se obter os seus respectivos extractos, podessem  
fornecer tambem extractos ethereos, vinhosos ou acetosos.

Isto se conclue evidentemente, quando o collega diz que  
as seguintes substancias devem ser submettidas á deslocação  
para se obter os seus extractos, quer sejam aquosos, *ethereos*,  
*vinhosos* ou *acetosos*: taes são o aconito, alecrim, agrimo-  
nia, angelica, angustura, arnica, belladona, borragens,  
cainca, campeche, colombo, camomilla, caróba, cascas de  
raiz de romeira, cascarrilha, centaurea, centeio espigado,  
chicorea (raiz), cicuta, digitalis, doce-amarga, elleboro  
negro, fumaria, gencianna, jalapa, meimendro, meliloto,  
pulsatilla, quassia, ratannia, sabina, salsaparrilha, salva,  
saponaria, senne, simarruba, tormentilla, trifolio, vale-  
rianna e zedoaria, substancias estas para as quaes todos  
os autores mandão empregar a agua ou alcool para se pre-  
parar os seus extractos, por serem estes liquidos os verda-  
deiros dissolventes dos seus principios, que em umas é  
um oleo volatil, em outras uma materia resinosa, em  
outras finalmente principios que só encontrão o seu dis-  
solvente na agua.

Continuando o collega sobre os extractos, apresenta outro  
grupo de substancias, cujos extractos elle diz que sejam  
preparados pelo antigo methodo, empregando-se como dis-

solvente dos seus principios a agua fria ou ligeiramente quente.

A commissão si reconhece que este liquido é o dissolvente dos principios de algumas substancias desse grupo, não póde admittir que elle seja o melhor e o verdadeiro das outras, como o castoreo, cubebas, fetto macho, fava de Santo Ignacio, scylla e ipecacuanha, cujos extractos devem ser preparados com o alcool, concentrado ou deluido, que é recommendado por todos os autores como o apropriado, e melhor dissolvente dos seus principios activos. Achan-do-se neste grupo a cainca para della se obter o seu extracto pelo antigo processo, parece haver contradicção da parte do collega, quando anteriormente elle apresentou essa mesma substancia na serie daquellas para as quaes elle prefere a deslocação, para se obter os seus respectivos extractos. Chegando aos extractos obtidos com os succos expressos, a commissão não póde admittir que se possa preparar os extractos de caróba, guaranhem e herba tustão com os succos expressos destas substancias, quando taes substancias são por natureza pobres de agua de vegetação, e que não é possivel pela expressão obter dellas succo, em que se possa preparar os seus repectivos extractoos.

Diz o collega que é de opinião, que não se depurem os succos expressos, quaes as razões do collega a commissão ignora, porque elle não as apresenta?

Se o collega partilha a opinião daquelles que não querem que se depurem os succos expressos, com especialidade o das solaneas, porque dizem elles que se deve conservar a chlorophilla e a albumina vegetal para os tornar mais activos, partilha uma opinião que já não prevalece; pois está reconhecido que a efficacia desses extractos não é devida a essas duas substancias inertes, mas sim ao cuidado que deve haver na sua evaporação, evitando-se o mais possivel a acção muito prolongada do calor, evaporando-se o liquido com a promptidão possivel em banho-maria, e agitando-o continuamente; tal é o processo adoptado por pharmacologistas de grande reputação Henry e Guibourt para a preparação dos extractos de succos expressos.

Quanto á depuração dos succos, pela qual a commissão opina, ella deve consistir unicamente na applicação do calor, que faz coagular a albumina vegetal, esta no acto de se solidificar envolve a materia verde vegetal, separão-se

depois estas duas substancias coando-se o liquido, procede-se depois á sua evaporação, como fica dito, e desta sorte se obterão extractos de succos expressos, cuja energia não será diminuida com a presença desses dous corpos inertes.

A commissão julga desnecessario lembrar que nessa depuração nunca se empregue a albumina animal; porque ella coagulando-se rouba ao liquido grande parte de seus principios activos, enfraquecendo desta sorte a sua acção medicinal.

Eis portanto, senhores, o que a commissão tem de emittir sobre esse ponto do trabalho do nosso collega, passando ella agora á parte concernente ás tinturas, ahi procurará com a mesma franqueza mostrar qual o seu modo de pensar a respeito do que o collega disse dessas preparações.

Principiando o collega a discorrer sobre essas preparações, diz que *quasi a totalidade dos pharmacologistas considerão as tinturas alcoolicas (alcoolatos), como o alcool saturado das particulas de todas as materias soluveis de qualquer substancia.*

A commissão não pôde deixar de ficar sorprendida, vendo que nessa definição attribuida aos pharmacologistas fosse envolvido um erro tão manifesto, qual o emprego da palavra alcoolato como synonymo de tintura. Dizendo o collega, que quasi a totalidade dos pharmacologistas proferio semelhante erro, levanta talvez sem querer contra elles um grave testemunho, accusando-os de confundirem em uma só duas preparações tão diversas.

Se o collega julgar que da parte da commissão não ha exactidão, tenha ante seus olhos essa parte de seu trabalho para reconhecer que é uma verdade o que ella affirma, e se quizer appellar para os mesmos pharmacologistas verá que a definição por elles dada nos seus tratados de pharmacia e materia medica aos alcoolatos, é mui diversa da das tinturas, sendo estas, segundo elles « o alcool sobrecarregado dos principios activos de uma ou mais substancias *por meio da maceração ou digestão*, e aquelles o alcool saturado dos principios volateis das substancias *por meio da destillação.* »

Portanto semelhante definição acompanhada de um erro tão patente é repellida por aquella que se acha estampada nas obras que os pharmacologistas escreverão.

Quanto á maneira pela qual o collega diz, que encara as tinturas, ella não apresenta originalidade alguma, nem ha motivo para o collega dizer, que as encara de uma maneira diversa dos pharmacologistas ; pois segundo o que dizem estes a tal respeito, conclue-se que as tinturas devem conter só os principios activos das substancias, e não os inertes ; porque recommendando elles que na preparação das tinturas deve-se ter muito em vista o gráo de concentração do alcool, e que elle não deve ser indifferente, fica-se entendendo, que nem todos os principios das substancias tem o mesmo gráo de solubilidade, isto é, que uns o são no alcool concentrado, e outros no deluido, donde se deduz que quando se submeter uma substancia á acção do alcool deve-se ter prévio conhecimento da solubilidade de seus principios para empregarmos alcool deste ou daquelle gráo, para obtermos uma tintura, contendo os verdadeiros principios activos dessa substancia.

Continuando o collega diz, que a relação que elle admite entre a substancia e o alcool para as tinturas é de 1 para 4, com excepção de um certo numero dellas, cujas proporções varião entre si.

Estas proporções pelo collega adoptadas são as mesmas que o Codex admite para a mór parte das tinturas alcoolicas, não obstante a commissão julga preferivel que ellas estejam na razão de 1 para 6, ou de 1 para 8, relação esta que segundo Henry e Guibourt, é muito mais preferivel por ter a practica demonstrado, que as grandes proporções de folhas, cascas e raizes nas tinturas do Codex absorvem quasi todo o alcool, o retem em grande parte, deixando além disto as resinosas livre uma grande quantidade deste principio nas poções, e produzindo fortes adherencias nas rolhas dos vidros que as contém.

Conclue finalmente o collega o seu trabalho dizendo, que se deve desprezar totalmente a deslocação para se obter as tinturas alcoolicas pelas razões que apresenta, devendo para este fim empregar-se sempre a maceração que dá resultados mais vantajosos.

As razões em que se basêa o collega para excluir completamente a deslocação para se obter as tinturas e extractos alcoolicos, são de tal natureza que parecem fazel-o cabir em uma mauifesta contradicção quando elle concorda que se empregue esta operação para se obter os extractos, que

tem por dissolvente a agua, o other, o vinho e o vinagre, contra os quaes tem o mesmo peso e valor essas razões, para os excluir da deslocação, que os expõe aos mesmos inconvenientes apontados pelo collega contra as tinturas e extractos alcoolicos, que se quizerem obter por este processo.

Portanto a commissão fará um extracto dessas razões apresentadas pelo collega, para depois mostrar que ellas não são bastantes satisfactorias para se excluir *in totum* o methodo da deslocação para obter as tincturas e extractos alcoolicos, não só porque parece um contra senso não admitir inconvenientes neste processo para as tinturas ethereas, e extractos vinhosos, ethereos, &c., e admittil-os por taes razões para com as tinturas alcoolicas, mas tambem porque o collega devia ter mostrado quaes as experiencias que fez, para com o seu resultado provar que a maceração foi sempre superior para se obter as tinturas e extractos alcoolicos, pois em questões de pharmacia pratica as theorias fallão muitas vezes para deixarem os factos decidirem de que lado está a vantagem.

As razões apresentadas pelo collega para reprovar a deslocação por meio do alcool, são as seguintes: 1.º Porque, quando empregamos o alcool para extrahir os principios activos das substancias organicas, temos em vista obter uma tintura de uma concentração constante, o que não produz de uma maneira completa a deslocação, por serem fracas as quantidades de alcool para esgotar inteiramente os principios, ficando sempre por dissolver uma certa quantidade delles, o que só se consegue com uma prolongada maceração. 2.º Porque a saturação da tintura depende da compressão que soffre a substancia sobre o diaphragma, a qual é sempre variavel. 3.º Porque, quando se quer expellir por meio da agua o alcool, os dous liquidos se misturão, a tintura não é pura, nem perfeita a sua saturação, o que não acontece com antigo processo, em que se submete o residuo á uma forte pressão. 4.º Porque a rapidez com que o alcool pela sua densidade passa a travez da substancia, não deixa dissolver bem os seus principios, principalmente quando a sua solubilidade é difficil, o que não se dá com uma longa maceração ou digestão.

Taes são pois as quatro razões em que se firma o nosso collega para eliminar completamente o processo da desloca-



ção por meio do alcohol, as quaes não são bastante concludentes para condemnar de uma maneira absoluta o methodo da deslocação para se obter as tinturas e extractos alcoholicos como a commissão vai mostrar.

A primeira razão pois não é bastante satisfactoria para desabonar a deslocação por meio do alcohol: 1.º Porque essas quantidades de alcohol, que o collega diz serem fracas, isto é, diminutas para dissolverem completamente os principios, só o são em relação á massa total da substancia, e não á quantidade de principios de que ellas são capazes de dissolver; pois que empregando-se em ambos os processos alcohol de igual concentração, substancia de identica natureza (que se preste á deslocação), não pôde na maceração uma quantidade de alcohol igual á essa fraca do da deslocação dissolver maior quantidade de principios. 2.º Porque na deslocação essas fracas quantidades de alcohol, que se empregão de cada vez, vão sempre expellindo aquellas que já se achavão saturadas, e occupando o seu lugar, vão dissolvendo novas quantidades de principios que ficarão por dissolver, e como isto tem lugar successivas vezes, os principios soluveis são todos exgotados. 3.º Porque na deslocação não ha necessidade como na maceração de um prolongado contacto entre a substancia e o alcohol para se exgotar os seus principios, porque naquella operação este prolongado contacto é compensado pelas repetidas passagens do alcohol pelo interior da substancia, dissolvendo assim sempre novas quantidades de principios.

A segunda razão ainda que exita não influe na saturação do alcohol, porque as substancias que se submettem á deslocação sendo reduzidas a pó nem muito grosseiro nem muito tenue, as particulas desse pó pela irregularidade de suas fórmulas, deixando entre si intersticios, dão livre passagem ao alcohol para ir se saturando dos principios soluveis da substancia, embora haja essa compressão, e a prova de que isto é uma verdade attestada pelo proprio collega, é que devendo existir a mesma compressão sobre o diaphragma na preparação das tinturas ethereas, na dos extractos aquosos, vinhosos e acetosos, nem por isso o collega despreza o methodo da deslocação para se obter essas preparações.

A terceira razão seria valiosa se não se podesse deslocar o alcohol senão pela agua, mas como podemos conseguir

a sua completa expulsão por meio de uma quantidade de alcohol igual a essa que o residuo retiver, deve-se concluir que esta razão não é admissivel.

A quarta razão finalmente não póde prevalecer, porque quando submettemos uma substancia á deslocação ha o cuidado de se humedecer previamente o seu pó com uma certa quantidade de dissolvente, ficando neste estado por algumas horas, o que torna as suas particulas tumidas, as quaes dentro do apparelho em contacto com a quantidade do alcohol que se emprega tornão-se ainda mais, e isto reunido á attracção capilar impede que haja uma rapidez tal na passagem do alcohol, que obste a sua completa saturação de todos os principios soluveis da substancia.

Além disto o collega devia lembrar-se que o deslocador é munido de uma torneira na sua parte inferior, por meio da qual podemos tornar lento e prolongado o corrimento do alcohol quando elle se faça com rapidez.

A' vista pois destes argumentos que a commissão apresenta, ella entende que as razões apresentadas pelo nosso collega no seu trabalho não são as melhores para excluir de uma maneira completa o processo da deslocação para se obter as tinturas e extractos alcoolicos.

A commissão é portanto de parecer que não se despreze totalmente este processo para se obter taes tinturas e extractos, salvo quando a substancia for de natureza daquelles que não se prestão a elle, ou que a experiencia tiver mostrado que o antigo processo dá productos mais vantajosos, pois se este processo é desfavoravel para se obter algumas tinturas e extractos alcoolicos, mostra-se em outros muitos casos superior ao antigo processo.

A commissão desejando apresentar factos que comprovem o que ella acaba de expender, vai mostrar o resultado de algumas experiencias que ella praticou sobre diversas substancias mencionadas pelo nosso collega no seu trabalho, para as quaes elle desprezou completamente o methodo de deslocação.

Confrontando-se o producto da evaporação das tinturas abaixo mencionadas, obtidas por um e outro processo, vê-se confirmado o que disse a commissão quando combateu as idéas do collega contra a deslocação por meio do alcohol, isto é, que as razões por elle emittidas contra este methodo

para se obter os extractos e tinturas alcoolicas não podião prevalecer de um modo absoluto, e nem erão as melhores.

A commissão não submetteu todas as substancias mencionadas pelo collega no seu trabalho, não só porque tornaria este parecer extremamente longo e fastidioso (como já se vai tornando), como tambem porque para casos destes basta um pequeno numero de factos para a maioria dos outros.

As seguintes tinturas alcoolicas obtidas pelos dous processos produzirão, sendo dellas evaporada uma onça, a seguinte quantidade de extracto :

<i>Pela deslocação.</i>		<i>Pela maceração.</i>	
Tintura de Jequetibá. . . . .	24 grãos.	Tintura de Jequetibá. . . . .	14 grãos.
» » timbó. . . . .	4 »	» » timbó. . . . .	4 »
» » digitalis. . . . .	12 »	» » digitalis. . . . .	12 »
» » belladona. . . . .	5 »	» » belladona. . . . .	6 »
» » senne. . . . .	6 »	» » senne. . . . .	7 »
» » cainca. . . . .	9 »	» » cainca. . . . .	11 »

As substancias que servirão para se preparar estas tinturas, tanto n'um como no outro processo, guardarão a proporção de 1 para 8, entre ella e o alcool.

O tempo para a maceração foi de seis dias.

Em ambos os processos a densidade do alcool empregado foi de 36.º Cartier.

O tempo em que se conservou o pó humidecido pelo alcool, antes de ser submettido á deslocação, foi de 12 horas. Eis aqui portanto, senhores, o que a commissão pôde fazer, attento os seus fracos recursos para desempenhar a missão que vos dignastes confiar-lhe, em cujo desempenho ella é a primeira a reconhecer que ha muito a desejar.

Rio de Janeiro 22 de Maio de 1852.

Os membros da commissão — *J. C. S. Costa.* — *J. M. de Gouvêa.* — *M. H. Pires Ferrão.*

**Medicamentos Brasileiros que podem substituir os exóticos na  
prática da medicina no Brasil, pelo Dr. Domingos Ribeiro  
dos Guimarães Peixoto.**

(Continuação do numero antecedente.)

**PARAÍBA.**

*Simaruba versicolor.*

Encontra-se frequentemente nos prados da provincia de Minas, perto do Rio de S. Francisco, uma pequena arvore ramosa, de cinco a dez pés de altura, que os habitantes designão com o nome vulgar de — *paraíba*. — O sabio Mr. *Aug. de St. Hilaire*, reconheceu que era uma especie do genero *simaruba*, que appellidou *versicolor* pela variedade de côres de suas folhas.

Sua casca e folhas tem sabor muito amargo, e semelhante absolutamente ao de *simarruba* da Cayenna e da quassia amarga ; os habitantes do sertão a empregão nos mesmos usos que a *simarruba*. E' um tonico energico ; pôde-se o administrar para dar alguma energia á membrana mucosa intestinal depois das diarrheas chronicas. Sua infusão em aguardente é considerada pelos Brasileiros como remedio efficaz no tratamento dos accidentes, que sobrevem á mordidura das cobras venenosas.

Uma propriedade que parece ainda bem averiguada na casca da *paraíba*, é sua acção vermifuga ; ella obra neste caso com grande energia ; emprega-se ainda com successo no tratamento da molestia pedicular no homem, molestia que não é rara no Brasil !

**QUINA.**

*Solanum pseudo-quina.*

O vegetal de que é aqui questão, é uma arvore mui pequena, sem espinhos, descrita e figurada pelo infatigavel naturalista Mr. *August de Saint Hilaire* (pl. usuell des Bresil ; t. XXI) com o nome de *solanum pseudo-quina*. Sua casca é extremamente amarga e os habitantes da parte da provincia de S. Paulo, situada fóra do tropico, lhe conhecerão desde muito tempo uma acção iminentemente tonica e febrifuga, e é para elles, um medicamento equivalente ás cascas do Perú. Este facto é mui digno de ser notado : esta quina pertence a uma familia de vegetaes, as Solaneas, que são em geral mais ou menos suspeitos, e da qual alguns são mesmo verdadeiros vene-

nos, porém a especie de que aqui tratamos, não tem nada em seu modo de obrar que possa revelar essa origem suspeita.

Segundo uma analyse feita pelo professor *Vauquelin*, a casca do *Solanum pseudo-quina* se compõe :

1.º De um principio amargo de natureza puramente vegetal, a que a casca deve sua acção febrifuga.

2.º De uma materia resinosa ligeiramente solúvel n'agua, e cujo sabor é amargo.

3.º De uma materia viscosa, graxa, em pequena quantidade.

4.º De uma substancia animal mui abundante, combinada com potassa e cal.

5.º De uma pequena porção de amido

6.º De oxalato de cal.

7.º De outra materia calcaria muito abundante.

8.º De magnesia, e de phosphato de cal.

9.º De oxido de manganez, e de ferro.

10. Emfim de uma grande quantidade de substancia lenhosa.

#### LARANGEIRA DO MATE.

(*Evodia febrifuga.*)

A familia das Rutaceas, fornece, entre outros medicamentos importantes, o famoso *cusparé* das margens do Orenoco, ou *angustura*, que é a casca da *cusparia febrifuga*, HUMB., ou *galipea febrifuga*, SAINT HILL. Esta casca é empregada na therapeutica europêa como um tonico e febrifugo poderoso, cuja acção se assemelha á da verdadeira quina peruvianna. A Flora do Brasil possui algumas plantas da mesma familia que o *cusparé*, e que podem substituí-lo em todas as circumstancias possiveis ; as Rutaceas brasileiras são : a *evodia febrifuga*, a *ticorea febrifuga* e a *hortia brasiliana*, de que successivamente nos vamos occupar.

1.º *Evodia febrifuga* vulgarmente chamada *larangeira do mato*, *tres folhas vermelhas*, *quina*, na provincia de Minas, em cujos matos cresce, é uma arvore alta e elegante; sua casca e parte lenhosa tem um sabor extremamente amargo, e adstringente. Os habitantes fazem della frequente uso, e a substituem com feliz successo, a quina do Perú, principalmente no tratamento das febres periodicas. O sabio M. de St. Hill. suspeita que é desta especie a casca que alguns mineiros trazem ao Rio de Janeiro, e que dizem *casca de laranjeira da terra*, na qual o Dr. B. A. Gomes achou a *cinchonina* (Mem. L. 3, p. 211). Temos isso por pouco verosimil ; e si é verdade, ter-se encontrado *cinchonina* na *larangeira da terra*, mal conhecida, é de crer que seja antes de alguma planta da familia das Rubiaceas, que das Rutaceas.

(*Continúa.*) O. A.

## TOPOGRAPHIA PHISICO-MEDICA

DA

CIDADE DO RIO DE JANEIRO

*Pelo Dr. Oliveira Araujo.*

*(Continuação do numero antecedente.)*

Elevados a mais de mil e seiscentos pés sobre o nivel do mar, dão origem a nascentes de cristalinas aguas que abraçando-os e percorrendo-os em mil diversos sentidos, depois de ter embalsamado essa atmospherá vivificadora, que se respira em nossas montanhas, vem finalmente reunindo-se ás do Maracannã abastecer a cidade. Pouco habitadas, é certo, mas cobertas de uma contante verdura, afformoseão essas montanhas o nosso panorama, e entretem em redor de nós uma primavera eterna, que tanta admiração excita ao recém-chegado. Muito de nossa vontade deixamos de mencionar mais algumas prominencias montanhosas, que se apresentam na cidade, já porque mais distantes de seu centro são ellas pouco frequentadas, já porque sua relação com as outras nada augmentaria ás considerações, que á respeito teremos de expôr.

As ruas da cidade em geral estreitas e pouco inclinadas para o esgoto das aguas acompanhão a direcção da costa ou d'ahi partem, e vão terra dentro atravessando a cidade velha ganhar a nova. Entre as principaes ruas que seguindo a direcção da costa, e mais ou menos parallelas entre si cortão as que d'ali partem, notaremos a Direita, Quitanda, e Ourives, todas de muito commercio, e formadas, como quasi todas as desta cidade, de casas aglomeradas umas sobre outras, e guarnecidas de pequenas aberturas, que as fazem consequentemente pouco arejadas. As outras ruas, isto é, as que partem da costa, são mais regulares que as primeiras em sua direcção, entre ellas notaremos principalmente as da Assembléa, Sabão, e S. Pedro, que percorrem toda a cidade velha, ganhão o Campo de Santa Anna, atravessão-o, vão-se continuar na Cidade Nova e seguem caminho da Serra: a primeira continúa sempre em direcção mais ou menos recta e conduz ao Engenho Velho, Andarahy, e Serra da Tijuca, lugares já bastante povoados, mais constantemente floridos e cobertos de verdura; onde depois do laborar de uma vida

activa vae-se nas calmosas noites do estio fruir uma atmosphera fresca e embalsamada pelos aromas vegetaes. Si á esquerda desse trilho geral tomarmos dous atalhos que se nos offerecem, iremos pela rua dos Coqueiros passado o Cemiterio de S. Francisco de Paula encontrar um formoso valle, que se vai estreitando até subir o cume das montanhas, de onde descendo para o lado opposto, começa a alargar-se de novo e fórma o delicioso valle das Lorangeiras, que se estende até á praia do Flamengo; si mais adiante tomarmos o segundo caminho passaremos ao Rio Comprido, sitio saudavel e aprazivel que deve seu nome a um regato, que vindo das montanhas o percorre em toda a sua extensão.

As ruas do Sabão, e S. Pedro, que como já mencionamos, partem da costa, atravessão paralellamente toda a cidade em sentido longitudinal, e chegão ao mangue da Cidade Nova, ahi se termina a primeira por ainda não se achar aterrado esse mangue, focô de imundicias, e de miasmas, que tornão insalubre esse lugar; a outra continúa, e vae ganhar S. Christovão. Em caminho dessa estrada encontraremos um edificio, que terminado deve servir de matadouro, e para o corte da carne verde para consumo da população, idéa infeliz, que tornará esse sitio ainda mais insalubre, quando esse lugar podera mais apropriada e civilmente utilizar-se em um quartel de cavalaria, para o que tem as necessarias proporções, e está situado convenientemente. Mais adiante encontraremos a quinta e Palacio da Boa Vista, habitação ordinaria da Familia Imperial. Continuando, a estrada se bifurca; á direita conduz por uma via muito frequentada ao interior do Brasil, e á esquerda vae ter ao Engenho Novo, cortado por immensas aguas, afformoseado por sua vegetação constante, sitio ermo e solitario, que deslembra o labor da vida, concentra-nos em nós mesmos, e faz amar a solidão com todos os seus encantos ao ente que nella se apraz.

(*Continúa.*)

# REVISTA PHARMACEUTICA.

2.º ANNO. N.º 3. — SETEMBRO DE 1852. VOL. II.

## SOCIEDADE PHARMACEUTICA BRASILEIRA.

SESSÃO LITTERARIA EM 2 DE AGOSTO DE 1852.

*Presidencia do Sr. E. Corrêa dos Santos.*

Reunidos os socios constantes do livro de presença, o Sr. Presidente abriu a sessão.

Leu-se e approvou-se a acta da sessão antecedente.

Leu-se um officio do Sr. Dr. Liberato de Castro Carreira, do Ceará, e outro do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Visconde de Olinda, agradecendo as nomeações do 1.º para socio correspondente, e do 2.º para socio honorario, cujos officios forão recebidos com agrado.

Correu o escrutinio e forão approvados socios contribuintes os Srs. Dulcio José Dias, pharmaceutico estabelecido na rua de S. Clemente; José Luiz do Amaral Guimarães e José Maria de Souza, pharmaceuticos tambem residentes no Rio de Janeiro.

O Sr. Dr. Oliveira Araújo propoz que a Sociedade officiasse ao Presidente da Junta Central de Hygiene Publica pedindo o resumo de seus trabalhos para serem publicados na *Revista Pharmaceutica*: esta proposta foi approvada. •

Leu-se o parecer do Sr. Silva Costa ácerca do trabalho apresentado pelo Sr. Figueiró sobre tinturas e extratos.

O Sr. Dr. Pereira Leitão, tomando a palavra, pede o adiamento desta discussão, e que se mande imprimir e publicar o trabalho para ser discutido em outra sessão.

O Sr. Presidente declara-se a favor do adiamento, e lembra á Sociedade que o Sr. Figueiró dissera ter em parte confirmado as vantagens do processo de maceração ao de deslocação, e termi-



nou dizendo que se convidasse ainda uma vez ao nosso collega Sr. Figueiró, para vir sustentar suas idéas, obrigando-se a estar pelo que fôr approvado se não comparecer.

O Sr. Silva Costa diz que a commissão comparando os resultados que obteve pelos dous processos, quiz mostrar as vantagens e desvantagens de qualquer delles, e que votando pelo adiamento muito estimaria a publicação do trabalho.

Sendo approvado o adiamento, o Sr. Presidente encerrou a sessão.

---

**Officio do Presidente da Junta Central de Hygiene Publica.**

Illm.º Sr. — Tendo sido presente á Junta Central de Hygiene Publica o officio da Sociedade Pharmaceutica, de 5 de Agosto ultimo, offerecendo as paginas do seu jornal para a publicação dos trabalhos da mesma Junta; cumpre-me levar ao conhecimento de V. S. em resposta ao citado officio, que, não podendo a Junta acceitar, sem previo consentimento do Governo, a offerta da Sociedade que V. S. dignamente preside, acaba ella de receber com o aviso de 3 do corrente mez, a autorisação que solicitára de poder inserir no jornal dessa Sociedade aquelles de seus trabalhos que não envolverem materia reservada, ou de cuja publicidade não possa resultar comprometimento para o serviço publico: e pois usando dessa autorisação, a Junta remetterá a V. S. em tempo competente para serem dados a luz aquelles trabalhos, que estiverem na condição de serem publicados na conformidade do citado aviso.

Deos guarde a V. S. Rio de Janeiro, 16 de Setembro de 1852. — Illm.º Sr. Exequiel Corrêa dos Santos, Presidente da Sociedade Pharmaceutica Brasileira. — *Francisco de Paula Candido.*

---

AGUA HEMOSTATICA DE PAGLIARI.

A pathologia nos ensina que a cessação spontanea das hemorragias depende da coagulação do sangue. Os vasos feridos se retrahem, diminuem de extensão e calibre, e o sangue infiltrando-se entre suas tunicas e partes visinhas solidifica-se e acaba por formar o coagulo obliterador. A agua de Pagliari tem a propriedade de coagular completamente o sangue. Cada gota deste liquido lançada em vidros contendo sangue, produz um magna estantaneo; e si a operação é feita na proporção de  $1/5$  para  $4/5$  de liquido, fórma-se um coagulo tão resistente, que pôde ser agitado impunemente, porque os dous liquidos formão uma massa escura, homogenea que adhere fortemente ao vidro.

M. Magendie fez ver a parte que representa o sangue coagulado na cessação das hemorragias, e que a não plasticidade do sangue no homem é quem tornava as hemorragias temiveis e difficeis de sustar, o emprego pois de um liquido proprio a solidificar o sangue e produzir um coagulo abliterador parece de uma vantagem incontestavel.

A agua de Pagliari é pouco adstringente; não enruga a pelle, e porções de arterias lançadas nella, não se alterão e conservão seu diametro sem constricção appreciavel. Pedacos de esponja submittidos á mesma experiencia perdem sua flacidez e elasticidade. Esta agua é transparente ligeiramente amarellada, e de um cheiro agradavel: seus preparadores devem verificar previamente sua acção sobre o sangue, antes de entregal-a a pratica cirurgica.

M. Sedillot julgando interessante fazer experimentos comparativos em alguns liquidos hemostaticos mui preconizados, obteve resultados inesperados e curiosos.

Dividio estes diversos liquidos em duas classes: 1.º os que coagulão o sangue, 2.º os que não exercem effeitos appreciaveis sobre a coagulação. Na 1.ª classe comprehende, segundo sua efficacia, as preparações seguintes: 1.º *Balsamo de Compingt*, 2.º agua de *Rabel*, 3.º agua de *Hépp*, que é uma ligeira modificação da agua de Pagliari, 4.º alcool absoluto, 5.º acido sulfurico, 6.º acido acetico, 7.º solução concentrada de alumen.

O *Balsamo de Compingt* que se acha á venda em pequenos frascos, por um preço excessivo, exerce sobre o sangue uma acção instantanea e mui energica. Este liquido produz im-

mediatamente depois de applicado um coagulo espesso e resistente, não inferior ao que determina a agua de Pagliari.

A agua de *Rabel* parece merecer a reputação de que goza, bem que sua propriedade coagulativa seja menor que a dos liquidos precedentes. Ella tem uma acção bem manifesta, ainda que lenta. A agua de *Hepp*, de que daremos a composição comparativa com a de Pagliari, obra com o mesmo modo e energia pouco mais ou menos. O alcool absoluto não devia figurar entre os liquidos hemostaticos, por causa das alterações que determina nos tecidos em contacto, mas como bem se pôde prever, sua avidéz pela agua faz com que elle coagule o sangue. O acido sulfurico coagula o sangue, é porém mui caustico para ser empregado. O acido acetico produz um goalugo molle e não tem os inconvenientes do acido sulfurico, as loções de vinagre bastão, como ninguem ignora, para sustar ligeiras hemorragias. A solução concentrada de alumen é igualmente um hemostatico que possui a dupla vantagem de coagular o sangue e exercer uma adstricção forte nos tecidos molles, porém o coagulo é molle e forma-se lentamente.

Os hemostaticos da 2.<sup>a</sup> classe não determinão os mesmos effeitos, apenas alguns d'entre elles por sua mistura com o sangue, produzem um coagulo molle e sem consistencia, no fim de 24 horas. São: 1.<sup>o</sup> solução de ergotina, 2.<sup>o</sup> agua de *Brocchieri*, 3.<sup>o</sup> agua de *Chapelain*, 4.<sup>o</sup> solução de creosoto, 5.<sup>o</sup> agua vulneraria vermelha, 6.<sup>o</sup> resina de beijoim fervida em agua, 7.<sup>o</sup> terebentina fervida n'agua, 8.<sup>o</sup> infusão de macico.

Fôra possivel repetir os memos experimentos sobre outros hemostaticos como os de *Lechelle*, de *Monterosie*, de *Tisserand*, de *Schulz*, de *Neljabin*, &c.

M. Sedillot diz que não pôde ser mais rigoroso na apreciação comparativa dos diversos liquidos, que experimentou, multiplicar maiores ensaios, dar uma analyse mais minuciosa dos effeitos da coagulação do sangue, que seu unico fim foi provar e explicar as propriedades da agua de Pagliari. Elle não buscou esgotar todos os elementos da questão, nota porém que a ergotina de *Bonjean* não parece gozar de uma grande efficacia hemostatica, entretanto que este liquido aproveitou algumas vezes, e cirurgiões mui distinctos fizeram d'elle uso com successo. Elle mesmo se aproveitou de seu uso em uma hemorragia consecutiva á amputação de uma perna, e a he-

merragia sustou-se, entretanto que em uma menina a quem extrahia um tumor thiroidianno, a hemorragia resistio á ergotina e agua de Rabel, e só suspendeu-se por meio de uma compressão methodica e persistente; porém estes exemplos não são sufficientemente provadores nem destroem os resultados, apresentados na nota de M. Sedillot.

COMPOSIÇÃO DA AGUA PAGLIARI. — FORMULA DADA PELO AUTOR  
á M. SEDILLOT á 20 DE AGOSTO DE 1851.

Tome-se oito onças de balsamo de beijoin, oito libras de sulfato de alumina e de potassa, e dez libras de agua commum. Faça-se ferver tudo durante seis horas em vaso de terra vidrado, agitando continuamente a massa resinosa, e substituindo successivamente a agua evaporada por agua quente, para não enterromper a ebolição. Filtre-se depois o liquido e guarde-se em vidros de cristal bem rolhados. A porção não dissolvida de beijoin fôrma um residido, perde o seu cheiro e a propriedade de inflammarse. A agua hemostatica obtida por este processo é limpida, tem a côr do vinho de *Champagne*, gosto ligeiramente stiptico, cheiro suave e aromatico. Evaporada deixa um residuo transparente que adhere ao fundo do vaso.

CASOS EM QUE SE DEVE RECORRER AO EMPREGO DOS  
LIQUIDOS HEMOSTATICOS.

Casos ha, e em grande numero, em que o pratico vacilla em praticar a ligadura, em razão da difficuldade da operação e mesmo da incerteza e perigo do resultado. Eis alguns:

1.º As arterias são friaveis; a ligadura as divide antes de sua obliteração, e apparecem hemorragias consecutivas; descobre-se o vaso e passa-se uma nova ligadura em um ponto mais proximo do tronco. Mesmo insuccesso, e mesma persistencia depois do emprego dos mesmos meios. Tem-se visto doente, succumbir depois da applicação de tres ligaduras successivas, e igualmente infructuosas. A compressão feita com pranchetas de fios embebidas na agua Pagliari parece ser então indicada.

2.º Hemorragias secundarias sobrevem em feridas profundas, inflammadas e doloridas; a arteria é inacessivel sem grande prejuizo dos tecidos ambientes, e tem-se necessidade

de recorrer á ligadura da arteria principal, que alimenta a região ferida; a carotida pelas hemorragias da boca-posterior; a arteria brachial pelas das arcadas pulmonares, &c. A agua hemostatica deve ser antes ensaiada.

3.º Uma arteria é cortada durante uma operação; retrahese, e não póde ser encontrada, e para pol-a á descoberto é preciso multiplicar as incisões, e aggravar o perigo a que o operado está já exposto; é este ainda um dos casos favoraveis ao emprego da agua Pagliari.

4.º Si as arteriolas abertas são pequenas retracteis e numerosas na superficie de uma ferida, a indicação é ainda a mesma.

5.º Em todos os casos finalmente, em que se recorre actualmente á compressão, sem muito comptar com esse meio, as mais das vezes improprio e perigoso, a agua hemostatica será um auxiliar mui poderoso.

(Do *Jornal de Chimica Medica, Pharmacia e Toxicologia.*)

O. A.

---

### **Observações sobre a tintura de ipecacuanha**

*pelo Sr. Le Roy, pharmaceutico em Bruxellas.*

Extracto do Boletim da Academia Real de Medicina da Belgica.

Costumão-se considerar os alcooleos (tinturas alcoolicas) como medicamentos os mais seguros em razão da pouca alteração do vehiculo que serve a preparal-os, longo tempo tambem houve indifferença para as reacções que se podem operar, e muito tempo os pharmacologistas não considerarão a alteração das tinturas, senão em razão da evaporação do alcool que dá lugar á precipitação pura e simples de uma parte dos seus principios em dissolução.

O nosso collega o Sr. Le Roy, pharmaceutico mui distincto, o qual foi por nós apreciado, como homem e como sabio, occupou-se particularmente das mudanças que com o tempo sobreveem pela natureza intima da tintura de ipecacuanha; e recorda as observações que antes d'elle se fizeram sobre este genero d'alteração.

Baumé, diz elle, tendo comparado ao alambre a materia abandonada pela tintura do açafão; o Sr. Guibourt em 1846, apontou-lhe successivas mudanças que a tintura d'iodo experimenta em razão do tempo que tem decorrido depois da sua preparação. Emfim, elle cita Bastiek que tendo collocado diversas preparações alcoolicas a uma variada temperatura de 60 a 80 Fahrenheit em garrafas destapadas, e mesmo com o cuidado de lhe renovar o ar de tempos a tempos, reconheceu que pela maior parte tinham passado pela fermentação acetica, fórma-se deposito redissolúvel em parte por uma adicção d'alcool correspondente á que tinha sido destruida; de mais, estas tinturas tinham perdido o seu sabor e côr.

A tintura de kino, se modifica totalmente, e com o tempo passa ao estado gelatinoso. Este facto referido pelo Sr. Dervault na 3.<sup>a</sup> edição da Officina, foi consignado pelo Sr. Le Roy em 1845 no jornal de pharmacologia.

Do mesmo modo pois, em muitos casos, os depositos formados nas tinturas alcoolicas resultão d'uma modificação dos principios em solução nellas, e que tornando-se insolúveis, ou menos solúveis se precipitão. O nosso collega de Bruxellas colloca nesta cathegoria aquella que tem lugar de uma maneira quasi continua na tintura de ipecacuanha; é muito ligeiro de um branco amarellado, e não é senão depois de tres ou quatro filtrações, com muitas semanas de intervallo que se acha o termo desta precipitação. Vamos citar as suas proprias palavras.

« No decurso do mez de julho deste anno de 1851, preparava segundo a pharmacopea belga, a tintura de ipecacuanha, para servir á preparação do saccharolato do mesmo nome. Pouco mais ou menos seis semanas depois recolhi sobre o filtro o deposito em questão; foi lavado e posto a seccar ao ar livre mas pareceu-me que se tornava a presa de pequenos cryptogamos como uma gelatina animal, aprezei a dessiccação pelo calor de 35 grãos centigrados.

« Este deposito durante a dessiccação se deshydrata, passa ao rubro escuro, tornando-se ligeiramente translucido; bem secco é friavel, e sem cheiro nem sabor. A quantidade obtida pesava 5 grãos por cada onça de raiz de ipecacuanha empregada; ajunta-se successivamente o producto de novas filtrações operadas por intervalos. A tintura despojada assim não era nem acida, nem alcalina.

« Este producto, formado na tintura de ipecacuanha é insolúvel a frio ou quente, em agua—alcool—e ether; os acidos hydrochlorico — sulfurico — e asotico diluidos, á frio não tem acção sobre elle. Concentrados, o acido nitrico fervente ataca-o vivamente, córando-o de côr rubra escura.

« A materia decomposta em um tubo incha espalhando o cheiro das substancias animaes, o seu vapor reconduz ao azul o papel rubro do tornesol, a sua cinza é branca e composta de cal. »

O depósito da tintura de ipecacuanha, não é pois o resultado da vaporisação de uma parte do alcool; mas uma materia organica particular asotada, unida á cal, e formada á custa de um principio contido na raiz. Qual é a sua verdadeira origem, pergunta o Sr. Le Roy, será a emetina que se desdobraria? Provirá elle do acido ipecacuanhico de Welligh? mas este acido parece não conter asoto: temos mais pesquisas a fazer, e factos novos a contestar. O Sr. Le Roy, na falta de uma quantidade sufficiente deste corpo em questão, não pôde seguir estas experiencias sobre este objecto; agora contenta-se em publicar um facto que lhe parece extraordinario, e provocar a attenção sobre este interessante phenomeno.

Do que precede, vê-se o interesse que pôde offerecer a reacção que se opera no meio das tinturas alcoolicas. E' pois muito complicada? mas não se opera ella como extrema simplicidade? Sabe-se quanto é difficil applicar aos vegetaes dissolventes que permittão isolar os seus principios constituentes, o que complica e torna tão difficil a analyse; eu poderia dizer mechanica dos corpos organisados.

Por exemplo, a agua dissolvendo a gomma — o assucar — os saes soluveis, não arrasta consigo sempre materias — oleosas — resinosas ou outras que, no seu estado de pureza ou de isolamento não se dissolvem nella? O alcool, pela sua parte se encarrega strictamente dos principios immediatos que tem a propriedade exclusiva de dissolver?

Pelo contrario vê-se que o estado de divisão ou de união entre si dos corpos de natureza diversa que entrão na constituição d'um lenho — d'uma casca — d'uma raiz, facilita a mesma extracção por meio de vehiculos proprios. Uma tintura alcoolica occulta pois substancias insolúveis no alcool, assim como uma tintura aquosa se satura d'elementos que isolados resistem a acção da agua.

Nas tinturas simples ou compostas, cada elemento no fim de um certo tempo, toma a sua individualidade, e abandona mais ou menos o dissolvente que lhe não é proprio.

E' assim porque tomei nota do abundante deposito formado em muitas tinturas alcoolicas, a de quina por exemplo. E' assim porque o citrato ou tartaro de cal recolhido por Vogel na tintura de scilla o tinha abandonado.

Admittindo pois, com o nosso collega de Bruxellas, toda a importancia que se une á observação dos phenomenos mais complicados, julgamos dever insistir sobre os resultados os mais complexos, devidos unicamente á separação dos elementos primitivos da tintura.

P. F. Boulay.

(Jornal de pharmacia e de chimica de Paris.)

F. B. dos Santos.

---

**Medicamentos Brasileiros que podem substituir os exoticos na pratica da medicina no Brasil, pelo Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto.**

(Continuação do numero antecedente.)

2.º A casca da *ticorea febrifuga* (SAINT. HILL. PL. USUELL. t. 16) é chamada pelos Mineiros *quina*, e *tres folhas brancas*. Seu amargo e adstringencia em nada cedem ao da planta precedente, os habitantes de Minas empregão indistinctamente uma ou outra.

3.º *Hortia brasiliana*. No numero dos tonicos indigenas, conhecidos pelo nome generico da quina deve-se ainda contar um sub-arbusto da familia das Rutaceas, que *Velozo* e *Vandelli* chamarão *hortia brasiliana*, e cuja descripção e fórma se acha nas plantas usuaes dos Brasileiros por M. Aug. de Saint. Hill. (pl. 17). Este sub-arbusto que floresce de Janeiro á Maio, é muito commum nos pastos naturaes da parte a mais occidental da provincia de Minas, e no meio dia da de Goyaz.

Sua casca é mui amarga e avermelhada é um tonico poderoso, que os habitantes empregão tambem como febrifugo. E' mais uma confirmação das propriedades já notadas em algumas plantas da familia das Rutaceas.



A familia das *Menispermeas* da-nos tambem alguns medicamentos amargos e tonicos; citaremos os seguintes :

1.º ORELHA D'ONÇA.

*Cissampelos ovalifolia*, ST. HILL, *us.*, t. 34

*Cissampelos ebracteata*, ST. HILL., *us.*, t. 35

A raiz destas duas plantas, que os habitantes de Goyaz e Minas designão com o nome vulgar de *orelha de onça*, tem um sabor extremamente amargo. O decocto da primeira é mui usado contra as febres intermitentes, entretanto que se emprega com mais frequencia o da segunda nos casos de mordedura de cobras venenosas. Ninguem ignora que, nos paizes enfeitados por esses reptis venenosos, cada habitante tem, por assim dizer, um antidoto particular, em que deposita uma confiança cega: todavia, assim como a precedente, esta raiz não deixa de ser um tonico mui recomendavel.

2.º BUTUA.

*Cocculus platyphylla*, ST. HILL., *us.*, t. 42

*Cocculus cinerescens*, ST. HILL.

Estes dous cipós são chamados *butua* pelos Mineiros; nome este, que parece ter origem commum com o de *abuta*, que os habitantes da Guyana dão á uma planta da mesma familia, e com as mesmas propriedades. Emprega-se a raiz de *butua* como tonica e febrifuga; ella tem com effeito sabor mui amargo. Os Brasileiros a considerão como muito efficaz em algumas affecções chronicas das vicerias abdominaes, principalmente nos soffrimentos do figado, e a considerão como um excellente resolutivo. Esta raiz é administrada em decocção, ou em pó.

As propriedades que acabamos de mencionar nas *Menispermeas* brasileiras confirmão as que tem sido geralmente observadas nas outras plantas da mesma familia. Além da *abutua amarga* da Guyana, de que á pouco fallamos, devemos lembrar que a famosa raiz de colombo é a do *cocculus palmatus*, DE CANDOLLE, que a *pareira brava* é a raiz do *cissampelos pareira*, L. e *C. ovalifolia* D. C. Todas estas plantas são notaveis por seu sabor amargo, e propriedades tonicas, que se encontrão espicialmente nas raizes; é ainda uma planta desta mesma familia, o *cocculus suberosus* D. C. quem fornece a coca do levante, onde existe a *picrotoxina*, principio eminentemente venenoso; sendo de notar que estas propriedades deletereas se encontão sómente no fructo e não nas outras partes da planta.

A familia das *Gencianas* é, sem contradicção, uma daquellas, cujas propriedades offerecem mais uniformidade; todas são mais

ou menos amargas, e mais ou menos tónicas e febrifugas. As mesmas propriedades se encontram nas plantas desta familia, que crescem em grande numero em diversas partes do Brasil. Entre outras citaremos com particularidade duas plantas alpinas, que *M. Martius*, em sua magnifica *Flora do Brasil* descreveu e figurou com os nomes *lisianthus pendulus* e *lisiantus amplissimus* (*M. nov. gen.* 2 p. 92 — 96, t. 172 e 176); estas duas plantas se fazem notaveis pelo excessivo amargo de suas diversas partes, e sobretudo de sua raiz, que é simples e pivotante.

Os habitantes das comarcas de Ouro-Preto e Serro-Frio as empregão em decocção como medicamento tónico e febrifugo, e mais ainda nos casos de dyspepsia, e atonias de estomago. Com estas raizes, á que se juntão os fructos de *embira* ou *pimdaiba* (*xilopia grandiflora*, *St. Hill.*), canella e cascas de laranja, prepara-se, infundindo-as em vinho generoso, um medicamento mui energico, e proprio a tonificar os orgãos da digestão.

Não duvidamos que todas as outras Gencianas do Brasil gozem de propriedades absolutamente semelhantes, e substituição perfeitamente as Europeas, tão usadas na pratica medica.

As Amaranthaceas são em geral plantas herbaceas, cujo sabor é mais ou menos insipido, e cujas propriedades consequentemente pouco notaveis; duas plantas porém desta familia, no Brasil, se distinguem pelo uso frequente que se faz de sua raiz.

Uma dellas é conhecida com o nome de *paratodo*; é o *gomphrena officinalis* de *M. Martius*, de que *M. Aug. de St. Hill.* nos deu uma boa descripção, e bella figura (*pl. 31 pl. usuell des Bres.*) Acreditão os habitantes do interior do Brasil, diz o mesmo *M. Aug. de St. Hill.*, que a raiz desta planta é propria para a cura de todos os males, e a empregão especialmente nas febres intermittentes, collicas, e diarrheas, e a pretendem ainda boa contra a mordedura das cobras venenosas. Esta raiz de sabor amargo parece ser um tónico; suas virtudes tem sido mui exaltadas, e novas experiencias se fazem precisas para formar verdadeiro juizo á seu respeito.

Uma outra especie do mesmo genero, o *gomphrena macrocephala*, goza com pouca differença das mesmas propriedades; *M. de St. Hill.* a descreveu e figurou na pl. 32 de suas plantas usuaes. As virtudes do *gomphrena macrocephala*, diz o illustre autor da *Flora do Brasil meridional*, não são menos preconizadas pelos Paulistas, que as do *gomphrena officinalis* pelos Mineiros; todavia da primeira se faz mais frequente uso nas collicas e mordeduras de cobras. Como quer que seja, a idéa que os habitantes de lugares mui distantes tem sobre as propriedades destas duas especies prova, que ellas gozão realmente de propriedade medicinaes, e merecem toda a attenção dos homens da arte.

§. II. ADSTRINGENTES.

Algumas plantas da familia das Dilleniaceas se fazem notar por seu sabor muito adstringente, e são usadas na pratica medica em diversas provincias do Brasil. Estudaremos as seguintes :

1.º CIPÓ DE CARJO.

Com este nome e o de *cambaibinha* designa-se em algumas provincias do Brasil dous cipós sarmentosos, a *davilla rugosa* de *Poiret*, ou *davilla brasiliana* de *De Candolle*, e a *davilla elliptica* de *Aug. de St. Hillaire*.

Estas duas plantas tem sabor adstringente mui sensivel, são tonicas e podem ser empregadas em todas as circumstancias que os reclamão ; sua decocção é usada para banhar as ulceras atonicas, cuja superficie estimula ; emprega-se tambem, e com frequencia nas edemacia dos membros inferiores e testiculos, molestia endemica nos lugares humidos e quentes do Brasil.

Este medicamento substitue perfeitamente a bistorta, a tormentilla, a casca de romeira, e rosas rubras, de que em identicas circumstancias se faz tão frequente uso na Europa.

2.º CAMBAIBA.

E' uma pequena arvore tortuosa que cresce em abundancia na parte occidental da provincia de Minas (Sertão) ; a segunda casca desta arvore tem um sabor mui adstringente. Os habitantes dessa parte do Brasil tem por uso lavar com sua decocção as ulceras chronicas atonicas. Ninguem ignora que na Europa faz-se uso nos mesmos casos da decocção da quina.

Entre os medicamentos adstringentes do Brasil citaremos ainda os seguintes :

1.º *Gomphia hexasperma*, SAINT-HILL., PL. US., T. 38.

O *Gomphia hexasperma* é uma arvore mui torta e cheia de ramos, que cresce no districto de *Minas Novas*, e na parte da Provincia de Minas chamada *Deserto de S. Francisco* ; sua casca é mui adstringente. Os habitantes do lugar, em que cresce este vegetal, o empregão na medicina veterinaria, no curativo das feridas dos animaes originadas pela mordedura de insectos. Poder-se-ha sem duvida alguma applical-o para os mesmos fins no curativo da especie humana.

(*Continúa.*)

O. A.

TOPOGRAPHIA PHYSICO-MEDICA

DA

CIDADE DO RIO DE JANEIRO

*pelo Dr. Oliveira Araujo.*

*(Continuação do numero antecedente.)*

Si collocado no largo do Paço percorrermos a costa, encontraremos á esquerda a Praia dos Mineiros, que banha o caes do mesmo nome, a Prainha em frente de uma praça, onde está hoje collocada a Academia de Marinha, a Praça e caes da Imperatriz, assim chamado por ahi ter ella desembarcado, quando chegada á nossas plagas; as Praias da Saúde e Gambôa, o Caes do Gambá no Sacco do Alferes, a Praia dos Lázaros, banhando uma pequena montanha, em cujo cume se vê o hospital, em que se recolhem e tratão os affectados de Elephantiasse dos Gregos, depois continúa-se a praia do Cajú, onde se acha o cemiterio geral, e mais adiante a quinta Imperial com sua casa de banhos, e vingando essa ponta, chega-se á praia de Inhauma, onde desagua o Maracannã. Do outro lado á direita do observador (\*), temos a praia de Santa Luzia, Gloria e Flamengo, onde o mar embravecido as mais das vezes, vem quebrar suas aguas contra uma arêa clara, limpa e brilhante; á estas succedem as praias do Botafogo e Vermelha, contrastando com sua placidez o embravecimento das outras. E' nesta ultima que se vê um espaçoso e bello edificio destinado para o hospicio de alienados, e um pouco mais longe o segundo cemiterio geral, dito do Hospicio de Pedro II.

O plano sobre que repousa a cidade está muito pouco elevado sobre o nivel do mar. Edificada sem methodo, mais assistio a seu estabelecimento a economia, que os interesses de salubridade publica. Examinemos sua altura sobre o nivel do mar a quinhentas braças da costa pouco mais ou menos; tomemos a porta da camara municipal (soleira), e veremos que está ella collocada á 23,395 palmos acima da baixa-mar, 16,565 da preamar, e 11,565 da parte superior do caes do Arsenal de Marinha; do lado opposto do Campo, no seu cru-

(\*) Lembre-se o leitor que collocamos o observador no Largo do Paço, voltado para o mar.

samento com a rua do Sabão achamos 18,467 palmos sobre a baixa-mar. Até aqui a cidade quasi nenhuma elevação apresenta, d'ahi se collige a impossibilidade do esgoto das aguas, a humidade do terreno e inutilidade para remediar esses inconvenientes, dos diversos systemas de calçamento, que tem sido empregados, enquanto leis fortes de policia sanitaria, e utilidade geral não fizerem elevar seu plano consideravelmente. Do Rocio Pequeno por diante a cidade sobe rapidamente até a falda das montanhas, que se elevão quasi perpendicularmente, dominão e abrigão todo seu fundo.

O terreno sobre que está edificada a cidade é sem duvida devido á illuviões modernas ; porque entre os raros fosseis que se tem achado, só se encontrão conchas marinhas semelhantes as que vivem actualmente no mar, que banha nossas praias. Estas alluviões compõe-se, em geral, de areias, e argillas : as primeiras abundão na planicie, as outras formão as collinas pouco altas, que se encontrão disseminadas pela superficie do terreno, e de que já fizemos menção. Estas collinas são compostas inteiramente de argillas de varias cores, contendo abundancia de oxidos e hydratos de ferro. E' de suppôr que são ellas muito mais antigas que o plano acima do qual apparecem, e sua formação pôde ser devida, ou a sedimentos depositados em épocas já mui affastadas, ou á decomposição de rochas schistosas primitivas.

As montanhas que dominão e cercão a cidade, muito mais altas e extensas, são compostas de granito massiço, e de granito schistoso. Estas montanhas graniticas são geralmente micaceas, e contém pouco *feldspatho*, salvo uma ou outra montanha, onde elle predomina muito, como se vê na Gloria e no Catete. Ahi a rocha granitica é um *pegmatito* decomposto em todas as faces expostas directamente á acção das aguas, ou da atmospherã, á ponto de ter-se convertido em *kaolim*, que poderã aproveitar-se para fabrico de porcelana.

Consideremos geognosticamente o nosso terreno dividido em alturas ou montanhas, e superficie, e estudemos estas duas divisões.

As alturas ou montanhas compõe-se de rochas graniticas e de argilas. A superficie e o que está situado abaixo della, a partir do ponto mais baixo, compõe-se : 1.º de uma massa continua de rochas graniticas, semelhante ás das alturas, que serve de base a todo o terreno, e se acha collocada muito abaixo do nivel do mar ; 2.º de camadas de areia mistu-

radas com fragmentos de diversas rochas ; 3.º de camadas mais ou menos expessas de argila ; 4.º de atterros artificiaes. As areias e argillas são detritos das montanhas visinhas, devidos a acção erosia violenta em épocas remotas, lenta porém continua na actualidade. As areias predominão quasi exclusivamente na costa ; as argillas abundão mais desde que o terreno começa a elevar-se.

Compondo-se a maior parte de nossas montanhas de rochas graniticas, geologicamente poderíamos provar que a base é da mesma materia ; porque o granito repousa sempre sobre granito sem solução de continuidade. Mas como esta verdade nos pôde ser contestada, observemos a construcção de nossos poços : a uma maior ou menor profundidade encontra-se sempre rochas graniticas, ainda que nem sempre este granito seja compacto, Algumas vezes encontra-se *gneiss* muito alterado pelas infiltrações, alteração commum nas rochas schistosas.

Situados perto do equador, sob a influencia immediata do tropico de Capricornio, pôde-se dizer que não temos estações bem pronunciadas. O estio que começa em meio de Dezembro, confunde-se com o outono que principia pela mesma época de Março ; o inverno e primavera, que começam tres e seis mezes depois, quasi que tambem se confundem. A abundancia das chuvas, a proximidade do mar, a vegetação de nossas montanhas, os ventos que soprão com regularidade tornão-temperado o clima de nossa cidade, apesar de sua posição geographia, por isso deixemos de parte as divisões meteorologicas das estações do anno, e estudemos os phenomenos naturaes, a chuva, e os ventos, que mitigão a calma, que nos devia abrasar, dão á nossa cidade um clima temperado, e nelle entretem uma primevera continua.

Com uma regularidade quasi constante os ventos soprão no Rio de Janeiro. Da meia noite ao meio dia o vento NE. (terral) sopra do lado da Serra, e desta hora até a meia noite sopra SE. (viração). Não se vá pensando, que queiramos marcar uma regularidade precisa na duração dos ventos, bem ao contrario nos mezes de Dezembro, Janeiro, Fevereiro e Março, a viração cahe mais tarde, e termina mais cedo, durando algumas vezes apenas tres ou quatro horas, no entanto que em Junho, Julho e Agosto vem muito antes de meio dia, e prolonga-se para muito além de meia noite.

Esta regularidade de ventos pôde até certo ponto ser explicada pelo movimento do nosso planeta, e pelo calor do sól, sendo de notar, que os ventos que soprão do mar e que percorrem sua vasta extensão, são em geral mais frescos, e menos impregnados de humidade, ao tempo que os ventos, que soprão de terra são sempre mais quentes, e mais húmidos. Todos os mais ventos são pouco constantes, e demoram-se pouco; de sorte que devem ser considerados como ventos de transição. O vento NO, que sopra com alguma frequência em Agosto e Setembro, é sempre acompanhado de excessivo calor, e percursor de grandes tempestades.

As chuvas que acompanham ordinariamente a estação calmosa, são precedidas quasi sempre por trovoadas, começam em Novembro, vão augmentando de duração e quantidade até Fevereiro, dahi diminuem da mesma maneira, e podem estender-se em geral até Maio, este e os mezes seguintes até Setembro são communmente privados de chuvas, ou ao menos são ellas pouco duradouras; em Setembro e Outubro começam os ventos do equinocio. E' facto constante que, quando na estação calmosa faltão as chuvas, sobrevem ellas nos mezes de Abril, Maio, Junho e Julho.

O thermometro apresenta uma variedade de não pequena extensão: em Fevereiro sobe até 84° Far., para em Junho e Julho descer a 66°, existindo portanto regra geral uma differença de 18° entre a maior ou menor temperatura atmospherica, que tomamos por termo medio. Attendendo porém a que esta temperatura augmenta, ou diminue gradativamente, e que quasi sempre sua elevação coincide com maior humidade da atmospherica, claro fica que essa differença torna-se quasi nulla, ou pouco sensivel.

(*Continúa.*)

O. A.

# REVISTA PHARMACEUTICA.

2.º ANNO.

N.º 4. — OUTUBRO DE 1852.

VOL. II.

**Algumas considerações sobre a organização das salas e distribuições dos leitos do hospital do Senhor B. J. do Calvario e Via-Sacra.**

Pede-me V. S.<sup>a</sup> que lhe communique algumas idéas sobre a organização das salas e distribuição dos leitos do hospital do Senhor Bom Jesus do Calvario e Via-Sacra: agradecendo a V. S.<sup>a</sup> a subida honra que se dignou fazer-me honrando-me com essa consulta, procurarei quanto em mim couber satisfazer essa exigencia.

Não permittindo um trabalho desta ordem entrar em detalhes muito minuciosos me limitarei a apresentar com precisão algumas considerações muito geraes.

Sendo um hospital o asilo destinado a receber individuos enfermos, que o buscão com o intento de ahi se restabelecerem, ou ao menos de nelle alliviarem seus males, deve para preencher essas condições ser eminentemente salubre; e sujeito ás leis hygienicas; porque si encerrasse em si alguma causa de influencia deleteria alteraria a saude longe de favorecer seu restabelecimento, e não mereceria por consequencia o nome de hospital.

Deixando de parte os preceitos que devem guiar a escolher o local de um hospital, por isso que o de que é questão já se acha localizado e bastante avançado, se não quasi concluido, trataremos unicamente de indicar alguns meios que o tornem apto a preencher a condição eminentemente necessaria, já acima apontada, — salubridade.

Achando-se o nosso hospital edificado no coração da cidade, e sendo uma das primeiras condições de salubridade a ventilação, necessario se faz que a nossa Veneravel Ordem 3.<sup>a</sup> envide todos os seus esforços, para que em tempo algum se levantem predios em torno d'elle, cuja altura dominando a sua venha impedir a livre circulação das correntes de ar, tão essenciaes á renovação do ar já corrupto pelos vapores mephiticos, mais ainda que impedindo — que a luz solar caia directamente sobre as paredes do edificio o tornem conse-



quentemente humido, sobre tudo achando-se o nosso edificio junto de uma grande valla de esgoto, e por isso mais que outro qualquer sujeito ás impregnações de humidade. Por isso muitos encomios tributamos ao nosso actual corrector que tendo de vender uma porção de terreno ao lado do nosso hospital estabeleceu; bem e acertadamente, como condição primaria, que a altura desse edificio fosse inferior á do nosso. A direcção das alas do edificio com communicações externas por meio de altas e espaçosas janellas apresenta as condições precisas para a boa ventilação e renovação do ar.

A organização das salas de clinicas pôde ser feita de dous modos ou distribuindo os leitos pelas salas sem divisão de leito a leito, ou dividindo a sala em pequenas camaras de grandeza á cada uma conter um ou dous leitos, sem que qualquer dos modos guardadas as convenientes porções prejudique as condições de salubridade.

O primeiro modo, isto é, aquelle em que se distribuem os leitos pella sala, sendo guardadas as convenientes proporções para que cada leito tenha o espaço sufficiente (6 1/2 tuezas cubicas) não prejudicando a salubridade tem todavia alguns inconvenientes. Ahi está o enfermo em contacto immediato com seus companheiros, vexado por seus soffrimentos muitas vezes deixará de satisfazer as suas necessidades para poupar o enojo dos outros, quando sujeito á uma medicação activa que o impossibilite de expôr-se por ella ou por sua molestia ao ar livre, obrigará aos mais proximos companheiros, á guardarem forçadamente as mesmas cautelas, quando necessitado de banhos muitas vezes deixará de satisfazer á prescripção medica por vexame ás regras do pudor, quando em delirio febricitante não deixará de incomodar seus companheiros, finalmente, o agonisante accarretará muitas vezes com o seu passamento o desanimo e a morte á aquelle que se poderia salvar, mas que por pussilanime periga e morre. Poderá alguem contestar a influencia do physico sobre o moral, e que tal enfermo que se podia salvar sucumbe pela identidade ou suposta identidade que determinou a morte do seu companheiro.

A distribuição das salas em pequenas camaras, além de não prejudicar as condições de ventilação (sendo as divisões levadas sómente até pouco mais de meia altura), e de salubridade, não offerece os inconvenientes do primeiro modo, ahi está o enfermo isolado, não vexado por outrem além

do seu medico e enfermeiro, os esclarecimentos que ministrar ao assistente para firmar seu juizo são verdadeiros por nenhuma testemunha o vexar, si a necessidade o obriga a ir frequentes vezes á banca elle o faz sem vexame, si banhos lhe são prescriptos elle os toma guardando as leis do pudor e mais resguardado do ar que em uma sala aberta, si sua enfermidade o obriga á alguma applicação local ou geral em alguma parte que o pudor nos obriga a occultar, elle o faz sem vexame porque a unica testemunha desse acto o enfermeiro se tem para elle por seu espirito de humanidade, e caridade tornado um novo amigo, finalmente seu passamento, quando esse facto se dê, não se torna desagradavel aos demais.

A idéa de estabelecer em cada camara dous pequenos cubiculos, um para as necessidades do enfermo e outro para arrecadação de seu trem, foi inteiramente infeliz e deve ser deslembrada; já porque o deposito das materias excrementicias entrando em decomposição tornarião o ar insalubre, já porque a transpiração depositada no trem arrecadado nos cubiculos entrando em putrefação augmentaria incontestavelmente as alterações que soffre o ar atmosphérico em suas propriedades quer phisicas, quer chimicas, já finalmente porque com essas pequenas arrecadações parciaes, se multiplicarião os focos de infecção, quando todos os meios devem ser tentados para abolil-as o mais possivel; nem se nos venha argumentar que cuidados deligentes, e a exacta vigilancia da administração obstaría á esses inconvenientess, não que mais alto que todas essas bellas idéas ahi estão os factos que evidentemente nos mostrão que por maiores cuidados que se empreguem o ar dos hospitaes é sempre viciado.

As camaras, quanto a nós, não devem conter em si subdivisão alguma, separadas das do lado opposto por um corredor central devem ter no fundo uma pequena porta que abra para um outro corredor posterior; assim isoladas as duas ordens de camaras por tres corredores, a ventilação do ar pelas correntes estabelecidas nesses mesmos corredores renovará o já corrupto, e quando nos dias calmosos, a abertura da porta posterior porá as camaras em comunicação com todos os corredores, e facilitará por esse meio a renovação do ar interior; acrescendo que as camaras assim construidas offerecerão mais esta vantagem, o serviço de sanidade será feito pelo corredor central, e o de salubridade pelos posteriores.

Opinamos pelo estabelecimento de uma latrina communi á que todos os enfermos sejam obrigados a ir satisfazer suas necessidades, e que só se concedão bancas á aquelles que por fadiga excessiva ou por gravidade de molestia não se possam levantar: por esse meio ter-se-ha afastado do interior das salas mais um dos principaes focos de infecção capaz de produzir á viciação do ar.

Aqui nos cabe tambem lembrar que o segundo andar do edificio deverá ser reservado antes para o estabelecimento da casa de arrecadação, e outros misteres, por isso que os Drs. Soviche e Poliniere de Lião, em seus tratados sobre os hospitaes, e bem assim o medico Inglez Hunter, são contes-tes em que a mortalidade é muito maior nos andares superiores. No Hotel-Dieu de Paris os factos demonstrão ainda esta proposição, seria pois esta observação digna de merecer a attenção de V. S.<sup>a</sup> na distribuição das salas de clinica. Quanto á nós essa differença de mortalidade provém de que os vapores mephiticos sempre ascendentes tendem a occupar as camadas superiores do ar athmospherico; porque si o acido carbonico cahe e se concentra por seu maior peso especifico, os outros gases mephiticos e os miasmas deleterios são mais leves que o ar athmospherico, e vão por isso occupa os andares superiores, e com sua presença perturbando as funcções organicas e agravando os males dos enfermos.

Recommendaremos finalmente, que se estabeleça em lugar distante das salas de serviço clinico uma sala de autopsia para estudo de anatomia pathologica, invesgigações medico-legaes e deposito dos mortos.

São estas as observações que me occorre offerecer a V. S., e que salvo algumas faltas, submetto á melhor juizo.

O. A.

---

OBSERVAÇÕES<sup>o</sup> ANALYTICAS SOBRE AS PORPORÇÕES DE QUININA, TIRADA DA QUINA AMARELLA NA PREPARAÇÃO DO VINHO, XAROPE, E EXTRACTO MOLLE DESTA CASCA, SEGUINDO AS PRESCRIPÇÕES DO CODEX, PELO PHARMACEUTICO GAROT.

Todos os pharmacologistas estão de acôrdo em pedir que na reimpressão do novo Codez, a quina amarella substitua á quina escura em todas as preparações, em que esta casca é a base. Quasi todos são tambem concordes em pedir sua pros-

cripção completa da materia medica. Com effeito; a difficuldade extrema de obter boas cascas desta quina, e a facilidade de se ser enganado pela bella apparencia dessas mesmas cascas, que as mais das vezes não contém porção alguma do alcaloide, e, como consequencia, os numerosos insuccessos enregistados todos os dias em therapeutica, explicão esta reprovação e justificação esse anathema.

A quina amarella será pois em pouco tempo a verdadeira quina officinal, e é por essa razão que foi de preferencia escolhida nas observações analyticas, destinadas á comprovar as quantidades d'alcaloide tiradas da quina, nas diversas operações prescriptas pelo Codex, para transformal-a em vinho, xarope ou extracto, para d'ahi deduzir as porções de quinina que cada uma destas preparações pharmaceuticas contém.

Desgraçadamente a mesma difficuldade que se apresenta na quina escura, se encontra tambem na amarella, cujas proporções em alcaloides são tambem mui variaveis. E em circumstancias iguaes, admittindo uma quina com proporções sempre fixas de quinina, segundo o modo de operar, obter-se-ha um medicamento mais ou menos rico de principio activo: é por isso que o xarope feito com o extracto hydro-alcoolico conterà mais quinina que o feito por decocção, e que este ultimo conterà mais si fôr tarvo, que si fôr filtrado e claro, e que finalmente o feito com a infusão só apresentará á analyse ligeiros traços d'alcaloide.

Acontecerá o mesmo com o vinho, cuja qualidade tonica e antiperiodica variará infinitamente, conforme a natureza mais ou menos alcoolica, mais ou menos acida, e mais ou menos assucarada do vehiculo oenolico em que a quina fôr macerada.

O fim a que nos propomos publicando estas observações não é apresentar um novo modo de preparação para os xaropes, vinhos, ou extractos de quina, porém fazer sentir aos futuros redactores do Codex, quando tiverem de reformar as formulas destes medicamentos, produzindo outras mais racionais, por experiencias positivas, quaes são as proporções reaes d'alcaloide, tiradas de uma casca cuja riqueza é conhecida pelas diversas operações a que são submettidas em nossas officinas.

3 kilogramas de quina amarella bem contusa forão devididas em tres doses iguaes.

1 kilograma foi posta em ebulição em vaso fechado durante meia hora em onze kilogramas d'agua, proporção do Codex para xarope.

1 kilograma foi posta em maceração durante oito dias, segundo a prescrição do Codex para o vinho de quina em 2 litros de alcool, e 16 de vinho de Borgonha.

Terminadas estas diversas operações a quina proveniente dellas, assim como a que não tinha soffrido manipulação alguma, forão submettidas uma e outra á tres decocções successivas em agua acidulada de acido chlorhydrico. Depois saturação pelo cal, dessiccação do deposito, tratamento pelo alcool e evaporação para extrahir a quinina bruta, esta tratada por agua acidulada de acido sulphurico, para ser transformada em sulfato.

Eis o resultado obtido :

A quina n.º 1, que não tinha soffrido manipulação antecedente, produziu 20 gramas de sulfato de quinina, que como 74 para 100 representão 14,80 de quinina.

A quina n.º 2, que tinha servido para a preparação do xarope, produziu 14 gramas de sulfato de quinina, que como 74 para 100 representão 10,36 de quinina.

A quina n.º 3, que servio para a preparação do vinho produziu 8 gramas de sulfato de quinina, que com 74 para 100 representão 5,92 de quinina.

Segue-se desta primeira apreciação, que 1 kilograma de quina contendo 14,80 de quinina cedeu :

A' uma decocção de meia hora em 11 libras d'agua, 4,44 (pouco mais ou menos o terço) da quinina que continha (\*).

E á maceração em 16 litros de vinho 8,88, pouco mais ou menos dous terços dessa mesma quinina,

(*Continúa.*)

Traduzido do jornal de Chimica medica de Paris.

O. A.

---

(\*) A quantidade de quinina obtida de 1 kilograma de quina por decocção em 11 litros de agua durante meia hora é analogo á que teria produzido a infusão desta mesma casca á M. Soubelran, á saber: um terço da quinina contida na quina, no entanto que por 3 decocções successivas teria extrahido dous terços da quinina que continha, donde se conclue que é preciso não receber estas proporções, senão como approximações, porque são susceptíveis de variar com as quantidades d'agua em que se fazem as decocções, e o tempo que nellas se emprega (SOUBEIRAN, traité de pharmacie, art. hidrolé de quinquina.)

### **Nota sobre o carbonato de ferro**

*por C. H. Hellandt.*

É difficil obter este carbonato puro e isempto de mistura com o sesquioxido de ferro.

M. Hellandt não podendo, por circumstancias particulares, operar em seu laboratorio, fazia suas preparações na adega. Tendo preparado carbonato de ferro nesta condição, servindo-se de bugias, notou que este sal não soffria alteração alguma e conservava sua côr verde, o que não tem lugar á luz natural.

Segundo M. Hellandandt para obter este medicamento no estado de pureza, e para conserval-o, é preciso preparal-o em lugar escuro, e evitar o mais possivel o contacto da luz.

### **NOVO REACTIVO DO IODO**

*por M. David-Saint-Price.*

Para obter a reacção é preciso ajuntar á solução em que se suppõe existir uma combinação de iodo agua amidonnada; depois acidifica-se por meio do acido chlorhydrico; não se reproduzira reacção alguma; porém si se adiccionar ao liquido uma dissolucção de azotido de potassa, a côr azul de iodo e amido não tarda a appacer mesmo quando o liquido não contenha mais de um á dous millionimos de iodo.

É facil comprehender que o iodureto de potassio dissolvido em agua amidonada é um bom reativo para os azotidos e azotados.

### **ADULTERAÇÕES DO BORAX.**

Uma casa de commercio de Wolverhampter recentemente vendeu uma amostra de borax (borato de soda), sobre cuja composição é preciso chamar a attenção dos compradores. Este borax continha 20 sobre 100 de phosphato de soda, que se podia facilmente separar, expondo o producto á acção do calor em uma estafa e forçando assim o phosphato a afflorecer.

O nitrato de prata demonstrava a presença do phosphato de soda.

*Pharmaceutical Journal.*

**Medicamentos Brasileiros que podem substituir os exóticos na pratica da medicina no Brasil, pelo Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto.**

(Continuação do numero antecedente.)

2.º ORELHA DE GATO.

(*Hypericum connatum*, SAINT-HILL. PL. us. t. 61.)

Esta especie de hypericão, é commum nos campos das provincias Cisplatina, e Missões, e bem assim até o norte da provincia de S. Paulo. Tem em suas propriedades a maior analogia com as especies européas da mesma familia, que são usadas em medicina: suas folhas sendo contundidas exhalão cheiro forte pouco agradável, devido á presença de um oleo volatil; sua decocção, segundo *M. Aug. de Saint-Hill.*, é empregada como adstringente; usa-se com successo nas affecções de garganta, e substitue, no meio dia do Brasil, as rosas rubras, agrimonia, e casca de romeira, de que se faz tão frequente uso na Europa.

3.º A familia das leguminosas fornece grande numero de medicamentos adstringentes usados na therapeutica, eil-os: o sangue-de-drago, produzido pelo *pterocarpus draco*, o cato pelo *mimosa cathecu*, o succo d'acacia pela *mimosa nilotica*, &c. No Brasil as mesmas qualidades adstringentes se encontrão em algumas plantas dessa mesma familia; assim eis o que o professor *Martius* diz do *barbatimão* (V. traducção do professor *Richard* no jornal chimica medica, outubro de 1827, pag. 502). Este arbusto *acacia vel inga adstringens*, *MARTIUS*), que se encontra nas montanhas da provincia de S. Paulo e Minas, é vulgarmente chamado *barbatimão*; sua casca pela grande quantidade de tanino que contém parece justificar a reputação de um adstringente poderoso, que se aproxima muito da gomme kino. Differe do *abaremo* de *PISON* (*mimosa cochliocarpos*, *GOMES*, ou *inga cochliocarpos*, *MARTIUS*) ainda que se assemelhe em seus effeitos. A casca fresca destas duas especies é empregada em pó ou decocção ou cataplasma nas ulceras de máo character, na lenchorrea, hemorragias passivas, e em geral em todas as molestias que reclamão o uso de adstringentes energicos. O

que GOMES diz do uso do *quaramotemo* no tratamento das hernias merece menção: applica-se sobre a hernia, depois de reduzida, uma cataplasma feita com partes iguaes desta casca fresca e ovos á que se adicciona folhas igualmente frescas da *camambaia* de PISON (*tillandsia usneoides*, L.) Collocado o doente em posição conveniente, que deve guardar por de 15 a 20 dias, applica-se a cataplasma, e no fim desse tempo fica elle perfeitamente curado. O que PISON diz do *aberemo* é inda hoje verdadeiro: *potissimum meretrices cortice utuntur, ut laxis partibus tonum restituant, ætatemque tutò mentiantur, imo qua possibile, virginitatem hoc dolo prætendant.*

### § III.

#### AMARGOS AROMATICOS.

Alguns medicamentos reuñem em si propriedades amargas e aromaticas, isto é, são ao mesmo tempo tonicos e estimulantes; sirva de exemplo entre os Europeos as flôres de camomilla romana, e sumidades de absinthe. Encontramos essas propriedades em um grande numero de plantas brasileiras da familia das *Corymbiferas*, muito rica em especies na maior parte do Brasil; entre outras citaremos as seguintes:

##### 1.º CARQUEJA DOCE, CARQUEJA AMARGA.

(*Baccharis genistelloides*, LAMK et B. *venosa*, PERS.)

Estas duas especies de que falla *Martius* em sua viagem, são, segundo este célebre viajor naturalista, notaveis pela quantidade de principio amargo que contém reunido á um oleo volatil e aromatico; empregão-se contra as febres remittentes, e em geral contra todas as molestias em que na Europa se recorre ao uso do absinthe. A planta é tambem usada em medicina veterinaria, os cavallos a comem excellentemente.



2.º CORAÇÃO DE JEVA.

(*Mikania officinalis*, MART.)

Esta planta diz M. *Martius* contém uma mistura benéfica de principios amargo, mucilaginoso e aromatico, e é por essa razão empregada como a quina e a cascarilha, e as mais das vezes seguida de feliz successo ; aproveita sobretudo nas febres remittentes, e na atonia dos órgãos digestivos. Póde-se empregar em infusão ou extracto.

II. MEDICAMENTOS ESTIMULANTES.

O Brasil fornece grande numero de substancias resinosas e balsamicas, que dimanão, pela maior parte, de arvores da familia das Terebenthinas e Leguminosas, sendo todavia algumas de origem pouco conhecida. Daquellas de que se faz uso com mais frequencia indicaremos as seguintes :

1.º COPAIBA.

(*Terebenthina*, ou balsamo de copaiba.)

A terebenthina vulgarmente designada com o nome de balsamo de copaiba, e, de que á alguns annos se faz tão frequente uso na Europa, é tirada no Mexico e Perú de uma arvore da familia das leguminosas, á que Linneo deu o nome de *copaifera officinalis*. A Flora brasileira encerra um grande numero de especies deste genero, que crescem em diversas provincias, Pernambuco, S. Paulo e Minas-Geraes. Já *Pison* (*liv. IV, p. 56*) tinha descripto com o nome de *copaiba*, uma arvore mui elevada que cresce em abundancia na ilha de Maranhão, e na provincia de Pernambuco ; e de onde corre de insisões profundas feitas na casca uma substancia balsamica oleoginosa, á começo sem côr, tomando depois a amarellada, de cheiro forte e terebinthaceo, de sabor acre e penetrante. O professor *Martius* fez conhecer, em suas diferentes viagens ao Brasil, algumas especies do genero *copaifera*, de que se tira no Brasil um verdadeiro balsamo de copaiba.

Na provincia de S. Paulo extrahe-se o balsamo de copaiba de duas especies: *copaifera Langsdorffii*, de DESFONTAINE (MEM. MUS. P. 377, t. 14), e *copaifera coriucea*, MARTIUS.

Em Minas-Geraes M. Martius observou as especies seguintes: *copaifera cordifolia*, c. *Sellowii*, c. *Martii*, c. *oblongifolia*. Segundo o sabio viajor Bavaro, a substancia balsamica existe na porção lenhosa ainda nova, em quantidade variavel conforme os individuos. Nas diversas especies, ella varia ainda por sua côr mais ou menos carregada, pela maior ou menor quantidade de oleo volatil, e por seu sabor já acre, já amargo. Em algumas especies a quantidade é tal que obtem-se em poucas horas algumas libras de uma mesma incisão.

Não precisamos fazer sentir que o balsamo de copaiba do Brasil deve não só substituir o do Perú na pratica medica do Imperio, mais ainda que procurando as especies que produzem melhor e mais abundante quantidade de terebenthina, poderia ser exportada e entrar em concurrencia com a do Perú no mercado Europêo.

## 2.º JETAICICA, OU JETAHY.

Esta resina que *Pison* designa com um nome animado, e que os Inglezes chamão *copal* das Indias occidentaes, existe em massas mais ou menos volumosas, segundo o professor *Martius*. Achão-se estas massas nas raizes das arvores que *Pison* descreveu e figurou com o nome de *jetaiba*, e que acreditou ser o *hymenæa courbaril*, L. Porém segundo o professor *Hayne*, esta especie é differente da especie de *Linneo*, e elle lhe deu o nome de *hymenæa stilbocarpa*, por causa de seus frutos pardos e lusidios. Uma segunda especie, *H. Martianna* HAYNE, fornece tambem uma materia semelhante. *Pison* diz que esta resina passa pelos poros interiores da casca, e vae-se reunir no pé da arvore, e muitas vezes mesmo por baixo da raiz, onde está coberta pela terra. É no fim do estio, no mez de Fevereiro que tem lugar esta exsudação.

Esta resina é empregada na confecção de vernizes, e tambem tem applicações medicas. Usa-se della nos catharros pulmonares chronicos, nas hemoptises, e mesmo no começo

da phisica pulmonar. Os *curadores* das provincias preparão com esta resina assucar e aguardente um emulsão de que fazem mui frequente uso.

O. A.

(*Continúa.*)

---

## TOPOGRAPHIA PHISICO-MEDICA

DA

CIDADE DO RIO DE JANEIRO

*pelo Dr. Oliveira Araujo.*

(*Continuação do numero antecedente.*)

Pelo que expendido fica, se vê que o Rio de Janeiro, ainda que sob a influencia directa, e immediata do tropico, e por consequencia collocado na zona tropical, podia, mas não deve ser considerado na cathegoria dos paizes quentes. Banhado pelo mar, d'onde quotidianamente soprão ventos regulares, que refrigerados pelo oceano vem mitigar o calor do clima, garantido por elevadas montanhas, cobertas de verduras, entretento uma vegetação eterna, que embalsama o ar, corrige suas viciações, diminue a intensidade da luz solar, e minora o grão de temperatura, que ella devera produzir, abastecido de fontes nativas, cortado de immensidade de pequenos rios, que abração e percorrem suas elevadas montanhas, e dellas se lanção para os diversos pontos do litoral, refrescado pelas brizas que descem da parte dessas montanhas, sua temperatura ambiente é suave, e não soffoca como a dos paramos da Arabia.

Concorrendo todas estas circumstancias, a cidade seria sem duvida uma das mais saudaveis; entre nós porém a salubridade publica vai entregue á mercê do acaso; á venda de generos corruptos e deteriorados, á falsificação das bebidas espirituosas, á falta de asseio no interior das habitações, ao lixo e immundicia, que se encontra pelas ruas e praças

publicas, aos despejos feitos em todas as nossas praias, ao pouco ou nenhum esgoto das vallas, que passam ainda por muitas ruas desta cidade, accresce ainda a falta de vegetação em seu interior, e a humidade devida á natureza da base sobre que ella repousa, e a sua pouca elevação. Em verdade elevando-se nosso terreno apenas alguns palmos sobre o nivel do mar, essa pouca elevação seria bastante para tornar-o humido, mesmo não dando consideração ás depressões que em um ou outro ponto dão origem a pantanos permanentes; mas este mal se augmenta, ou antes elle se origina principalmente da rocha, que fórma a base sobre que elle assenta. As arêas e argillas prestão-se facilmente ás infiltrações; porém o granito sendo impenetravel a essas infiltrações, todas as aguas das chuvas mui copiosas entre nós, como em todos os paizes tropicaes, não achando sahida nem inferior, nem lateralmente para o mar, accumulão-se nas camadas superiores, e chegam quasi até á superficie; formarião mesmo um lago se o calor do clima não as fizesse evaporar em grande parte.

Conviria pois para restituir-lhe a salubridade alienada por todos esses agentes corruptores da saúde publica :

Por em execução as medidas já apresentadas contra os falsificadores de bebidas espirituosas, e vendedores de generos deteriorados.

Aterrar immediatamente os pantanos existentes, e condemnar as vallas que ainda existem.

Cuidar da limpeza das praias, ruas, e praças publicas, obrigar por meio de medidas energicas aos particulares a manter o asseio no interior de suas habitações.

Cuidar em estabelecer a maneira de fazer a transferencia das materias excrementiciaes, e lixo para fóra da cidade.

Velar cuidadosamente a inhumação dos cadaveres, obrigar a que todas as covas indistinctamente tenham pelo menos 5 pés de profundidade, e que cada cadaver seja enterrado em separado, sobretudo não indo em caixão fechado e forrado de chumbo.

Transferir o matadouro para fóra da cidade, inutilisar os restos de carne, que costumão nos açougues guardar e salgar, depois de já corruptos, inspeccionar a sanidade do gado que é fornecido ao consumo da população.

Proibir o fabrico de velas de sebo, e cortume de coros.  
Ordenar a extinção (na cidade) das fabricas, em cujo trabalho se emprega o carvão de pedra, e os estanques de tabaco.

Estabelecer jardins publicos em diversos pontos da cidade.

Cuidar no immediato alargamento das ruas e plantio das praças.

Elevar todo o terreno da cidade muitos palmos sobre o nivel do mar, e cercal-a de um caes; assim as aguas acharão facil esgoto, e as ondas não arrojaráõ ás praias os restos vegetaes, e animaes já putrefactos.

Todas estas medidas empregadas com diligencia, actividade e rigor accarretarão incontestavelmente a salubridade geral; algumas estão, ou podem ser já postas em execução; outras porém demandão muitos dispendios e tempo; no entanto quanto mais cedo começarem, mais brevemente terminaráõ, mas desgraçadamente entre nós, preciso fôra que horridel cataclysmo a destruísse até seus fundamentos, para que delle surgisse a cidade regenerada.

## II.

O homem não está como o vegetal absolutamente sujeito á influencia do terreno em que vive; e si esta verdade pôde ser posta em duvida, e é pouco sensível na infancia de uma nação, ella se faz evidentemente comprehender á medida que a civilisação se adianta; todavia o clima representa conjuntamente com outras, uma das causas modificadoras do organismo do homem, e de suas inclinações. O clima pôde modificar a côr da pelle, alterar mesmo, obrando lenta e continuamente, seu tecido, fazer predominar certosapparelhos de órgãos, activando suas funcções, prolongar ou abreviar a vida; porém não imprimirá nova fórma ao esqueleto humano, não mudará a disposição das orbitas, nem alongará o angulo facial, tornando-o mais ou menos agudo.

Si o vegetal retido no solo que o vio nascer, ahí profunda suas raizes, ou eleva seus vigorosos ramos, recebendo desse mesmo solo todas as modificações que lhe são proprias, e si transplutado perde sua belleza, definha, e parece apenas um

arremedo do que foi, o mesmo não acontece ao homem: avançando caminho da civilização, si a natureza obra sobre elle, elle reage poderosamente contra ella, e se cria uma nova existencia.

As diversas latitudes do globo podem, é verdade, influir sobre o desenvolvimento de força muscular, mas não o determinão absolutamente. Não é só nos povos do Norte que se encontra a intrepidez, e o vigor da constituição, effeitos que resultão mais da pouca excitação do clima, que do desenvolvimento das forças phisicas. Um gráo elevado de calor constante deve, provocando desejos muitas vezes satisfeitos, e excitando transpirações abundantes, relaxar necessariamente as fibras musculares, e produzir uma acção enervadora; mas segue-se d'ahi que o homem não possa resistir á suas influencias? tal não é nossa maneira de pensar; ao contrario opinamos, que adoptando um viver regular, elle pôde não só resistir, mais ainda pôr-se completamente ao abrigo dessas influencias. Uma constituição robusta, a actividade, agilidade, e perseverança no trabalho, são apanagios do Fluminense; e ahí estão os Toneleros, e Campos de Moron, attestando a intrepidez da nossa marinha, e a coragem do exercito brasileiro.

Expostos aos ardores de um sol abrasador e quasi perpendicular, vivendo cercados por uma athmosphera excessivamente aquecida pelos raios solares, reflectidos pelas praias cobertas de areias brancas, que circundão nossa cidade, seus habitantes primitivos tinham a fronte elevada e saliente, os olhos pequenos e protegidos por espessas sobranceiras de côr preta, proprias a absolver os raios luminosos, e diminuir a intensidade da luz.

Quer o Fluminense descenda de pais Europeos, quer destes e de Africanos, elle é sempre caracterizado por uma constituição robusta, altura regulando 5 pés e 2 pollegadas, corpo agil e esbelto, cabellos mais ou menos negros, barba geralmente espessa, algumas vezes rara. Nos primeiros a pelle é perfeitamente alva, a excepção da face e mãos, que devem seu tostado á unica acção do sol: ordinariamente docil, affavel, social, credulo, amador e apreciador do bello; bravo, generoso, e hospitaleiro, tal é sua constituição physica, taes são suas qualidades moraes mais salientes. O crioulo negro, é geralmente muito mais intelligente e bem

conformado que os Africanos, e se approxima por suas fórmas physicas, e facultades intellectuaes á raça branca; os descendentes de pais Africanos e Europêos se approximão por suas fórmas physicas e qualidades moraes e intellectuaes a uma ou outra das raças de que tirão origem. A ignorancia com que o orgulho dos Europêos se aprazia em mimosear-nos, desapareceu de entre nós, e nos tempos coloniaes ella era filha unicamente da isolação em que viviamos, e não dependente da influencia do clima, ou pouca energia moral, como lhes convinha explical-a.

As Fluminenses são bellas, lindas, meigas, communicativas e sociaveis. Tão claras como as originarias de Albion, em algumas a côr da cutis imita o amorenado do jambo. De fórmas bem contorneadas e arredondadas distinguem-se principalmente pelo delgado de suas cinturas e pela pequenez de seus pés; ornadas de longos e bastos cabellos acastanhados ou negros, coroaõ-lhes a fronte bellas e encantadoras madeixas; excessivamente espirituosas, exprimem-se facilmente com uma eloquencia toda natural, e com taes attractivos se tornão summamente interessantes. Dotadas de todas as virtudes, parecem espelhar em si os encantos e belleza de seu paiz natal.

As letras, as sciencias, as armas, e as artes liberaes são indistinctamente cultivadas pelos Fluminenses. Seu genio é uma vasta capacidade apta ás acquisições a que o querem destinar, e capaz de elevar se ás mais altas concepções da poesia e do calculo, da philosophia e da politica, das finanças e da musica, do discurso e da estrategia, da pintura e da diplomacia. O commercio, partilha quasi exclusiva dos estrangeiros, tem excluido de si os nacionaes, e as artes mecanicas, exercidas em grande parte pela população escrava, afastão de si os homens livres, cujo pundonor e capricho difficilmente os sujeitaria ao ensino, e preceitos de uma raça, que a classe ignorante despreza, e suppõe inferior a si, em qualquer circumstancia em que a encontre.

(Continua.)

O. A.

# REVISTA PHARMACEUTICA.

2.º ANNO. N.º 5. — NOVEMBRO DE 1852. VOL. II.

**Extracto de uma carta do Exm. Sr. Dr. Joaquim Marcos de Almeida Rego, Presidente do Ceará, dirigida ao Presidente desta Sociedade.**

Sabendo que no lugar denominado Pagé, comarca de Sobral, havia aguas sulfurosas, encarreguei a uma pessoa de minha amizade de remetter algumas garrafas, para ser analysada, indicando-lhe o como havia proceder, para que se ellas não alterassem, e bem assim que me indicasse o gráo de temperatura de uma fonte, que se dizia termal.

Pude obter quinze garrafas que supponho convenientemente recolhidas e acondicionadas, para que ao chegar a essa cidade possão ser examinadas.

Nenhumas informações pude obter sobre a natureza do terreno, em que forão ellas recolhidas, por fallecerem a pessoa encarregada os conhecimentos precisos.

Si se fizer a analyse, farme-ha o favor de remettel-a, bem como os nomes dos nossos collegas della encarregados, e seus usos medicos, para mandar publicar na folha official.

Breve terei occasião de lhe remetter uma colleção de plantas medicinaes desta provincia, para serem abi experimentadas pelos nossos collegas; á mais tempo desejava tel-o feito, mas não me tem sido possivel pela difficuldade de as poder obter.

Sou, &c.

J. M. A. R.

Geará, 13 de Julho de 1852.



OBSERVAÇÕES ANALYTICAS SOBRE AS PORPORÇÕES DE QUININA, TIRADA DA QUINA AMARELLA NA PREPARAÇÃO DO VINHO, XAROPE, E EXTRACTO MOLLE DESTA CASCA, SEGUINDO AS PRESCRIPÇÕES DO CODEX, PELO PHARMACEUTICO GAROT.

*(Continuação do numero antecedente.)*

*Apreciação da quinina que contém o xarope.*

Do que procede as onze killogramas de agua fervendo tirarão á quina 4,44 de quinina; agora, si juntarmos á esta decocção cinco killogramas e seiscentas gramas de assucar, seguindo sempre as prescripções do Codex, e si fizermos cozer até á consistencia de xarope, obteremos 8,400 de producto.

Segue-se d'ahi que, si a decocção de quina não se turvasse e extrahisse uma parte de quinina sob a fórma de um deposito insolúvel, ter-se-hia as proporções seguintes :

Para 1000 de xarope,	0,53	de quinina
» 100	» 0,053	»
» 10	» 0,0053	»

ou para uma colher de vinte gramas, uma centigrama.

Mas tal resultado se não obtem, porque, pelo resfriamento, uma porção do alcaloide fica eliminada do liquido, em consequencia do precipitado, que se ahí fórma.

Em verdade, si depois de fria filtrar-se a decocção, e secar-se a parte insolúvel que fica sobre o filtro, obteremos uma materia resinosa pesando trinta e quatro gramas, que dissolvendo-se em parte no alcool, dá pela evaporação do vehiculo, uma materia secca, pulverulenta e rubra, pesando quinze gramas, e que, tratada convenientemente, póde fornecer uma grama e algumas centigramas de quinina.

Segue-se pois, que o xarope de quina, que se deve filtrar, em filtro de papel seguindo a prescripção do Codex, perde por esta operação uma grama e algumas centigramas de quinina, e que esta quantidade que era de 4,44 no liquido quente ou turvo, é apenas de 3 gramas depois de filtrada e fria.

As proporções de quinina no xarope se achão pois reduzidas á estas quantidades :

Para 1000 de xarope,	0,35	de quinina
» 100	» 0,035	»
» 10	» 0,0035	»

ou para uma colher de 20 gramas, 7 melligramas de quinina.

Taes são os resultados obtidos com uma quina de boa qualidade, como a que faz o objecto desta noticia, pois que tinha fornecido 20 gramas de sulfato por killograma. O que seria, si se tivesse empregado a quina escura, a unica no entanto que se pôde empregar legalmente.

*Apreciação da quinina que contém o extracto molle.*

Si se fizer evaporar a decocção da killograma de quina preparada para o xarope, obtem-se um extracto de boa consistencia pesando 126 gramas, que contém, como já vimos, 4,44 de quinina, o que dá as proporções seguintes :

Para 100 de extracto,	3,52	de quinina
» 10	» 0,35	»
» 1	» 0,035	»

Este mesmo extracto pôde depois dividir-se em outros dous productos, um insolavel, outro soluvel; á saber :

- 35 gramas de extracto resinoso insolavel, contendo 1 grama, 44 centigramas de quinina, ou 4,10, por 100 ;  
 91 grama de extracto soluvel contendo 3 gramas de quinina, ou 3,32 por 100.

---

126

*Apreciação da quinina que contém o vinho de quinina.*

Vimos acima que pela maceração da killograma de quina em 18 litros de vinho; 8,88 de quinina tinhão sido extrahidas das 14,30 que contém naturalmente.

O producto filtrado sendo de 17 litros, ter-se-ha as proporções seguintes :

Para 1 litro de vinho,	0,52	de quinina.
» 1000 gramas,	0,53	»
» 100	» 0,053	»

E para um calis que contém pouco mais ou menos 50 grammas, 26 melligramas de quinina.

A mesma observação, quanto ao emprego da quina escura para o xarope, se applica á preparação do vinho, quando se vê a que diminuto resultado se chega com uma boa casca.

Desgraçadamente tanto no vinho, como no xarope, forma-se pouco depois, no liquido mesmo, uma reacção, em consequencia do que, uma parte da quinina que estava dissolvida se precipita. Esta reacção que se pôde attribuir em parte aos elementos mesmo do vinho, que servio de vehiculo, é devida, em maior parte aos principios constitutivos da quina.

Com effeito, o litro da mistura de vinho e alcool pesava :

Antes da maceração,	978 grammas
Depois da maceração,	982 »
Materia dissolvida por cada litro,	4 »

Segue-se que as 52 centigramas de quinina que cada litro contém se achão em presença de 3,48 de materias extractivas differentes, acido kinico ou tannico, ou resina rubra cinchonica ou materia gomo-resinosa, que tendendo sempre a formar entre si novas combinações, explicão a incessante decomposição que se opera nos vinhos, e a necessidade de filtral-os muitas vezes para separar um deposito, que de cada uma vez elimina uma porção de quinina, que se acha dissolvida, isto em prejuizo sempre das propriedades medicamentosas do mesmo vinho.

Uma observação bastante notavel, observação que foi provavelmente feita pelos redactores do Codex, quando estabelecerão as formulas para o xarope e vinho de quina, deduz-se das experiencias acima; isto é, que empregando a mesma casca para a preparação destes dous medicamentos, obtem-se um vinho e um xarope que contém sob o mesmo peso uma mesma quantidade de quinina, seja para 1 killograma, 53 centigramas de quinina.

Uma reforma total se deve pois operar na maneira de preparar e administrar os medicamentos cuja base é a quina, si se não quizer que elles caião em esquecimento total; porque seguindo os processos actualmente em uso, vê-se o resultado insignificante que se obtem, ainda mesmo empregando a casca de quina amarella de boa qualidade. Alguns modos novos de preparações sobretudo para o xarope tem sido propostos

ultimamente; é o de M. Paul Blondeau modificado por M. Felix Boudet, que parece offerecer mais vantagem, e consiste no emprego do extracto hydro-alcoolico.

Seguindo os mesmos processos analyticos acima, e operando tambem com a mesma quina, busquei as quantidades de quinina que este xarope contém, afin de poder julgar comparativamente com o obtido pelo processo do Codex.

1 killograma de quina amarella foi tratada por deslocação segundo a prescripção de M. Boudet,

Pelo alcool a 56.º cent. . . . .	3500 gramas
Depois por agua. . . . .	1500 »
	—
Para obter, vehiculo. . . . .	5000

A quina depois desta operação foi secca e tratada como as precedentes por tres decocções successivas em agua acidulada de acido hydro-chlorico; depois saturada de cal, tratada pelo alcool, evaporada e tratada pelo acido sulfurico, obtive:

Sulfato de quinina, 8,50, que á 74 por 100 representa 6,30 de quinina.

(Resultado este, perfeitamente identico ao obtido pela maceração de 1 killograma de quina em 18 litros de vinho tinto.)

Esta quina continha naturalmente	14,80	de quinina
Abstrahida a que ficou na casca. .	6,50	»
	—	
O liquido hydro-alcoolico conterà	8,30	»

Si agora distilar-se o liquido para delle retirar-se o alcool, si filtrar-se depois sobre a quantidade de assucar indicada, 5 killogramas e 600 gramas (processo de M. Felix Boudet), e si fizer-se cozer até a consistencia conveniente, obter-se-ha 8 killogramas, e 460 gramas de xarope, que conterà si toda a quantidade de quinina se ahi achar.

Para 1 killograma de xarope	1 grama de quinina
» 100 gramas	» 10 centigrama »
» 10 »	» 01 » »

ou para uma colher de 20 gramas, 2 centigramas.

Porém pela evaporação do alcool fórma-se um deposito bastante abundante que fica sobre o filtro, e que elimina uma certa porção, quasi o terço do alcaloide que se encontra de menos no xarope.

Si agora se fizer evaporar o liquido alcoolico até a consistencia de extracto, e si dissolver-se n'agua esse producto, para fazer xarope com a parte extractiva solúvel nesse vehiculo (processo de M. Paul Bloudeau), obtem-se 175 gramas d'um extracto hydro-alcoolico, que se divide em 92,50 de extracto solúvel n'agua, e 82,59 de extracto insolúvel. Neste caso, a metade quasi de quinina é illiminada pelo deposito insolúvel, e o xarope que se obtem contém sómente 50 centigramas de quinina por killograma.

Em resumo, collige-se destes ensaios, que com quina amarella de boa qualidade fornecendo 20 gramas de sulfato de quinina, e contendo por conseguinte 14,80 d'alcaloide obtem-se :

Pelo processo do Codex, um xarope contendo para 1000, 0,35 de quinina ;

Pelo processo de M. Paul Bloudeau um xarope contendo, para 1000, 0,50 de quinina.

Pelo processo de M. Felix Boudet, um xarope contendo para 1000, 0,77 de quinina.

Entretanto que com a quina escura a unica officinal, e por consequencia a unica que póde ser legalmente empregada, admittindo que esta quina seja excellente e que contenha 5,20 de alcaloide por killograma, proporção achada por M. Paul Bloudeau, na que servio para suas experiencias ter-se-ha um vinho, ou um xarope com que conterà apenas um terço das proporções acima.

(Continúa.)

O. A.



**Tabella dos medicamentos, vasilhame, instrumentos, utensis, e livros, organizados em virtude do Art. 57 do Regulamento da Junta Central de Hygiene Publica de 29 de Setembro de 1851 para as Boticas do Imperio.**

(São indispensaveis as substancias não marcadas com o signal \*)

- Abutua.
- \* Aconito.
- Acetato de chumbo crystallisado.
- \* Acetato de chumbo liquido.
- Acetato de cobre.
- Acetato de morphina.
- Acetato de potassa.
- \* Acido acetico.
  - » arsenioso.
  - » azotico.
  - \* » benzoico.
  - \* » borico.
  - » citrico crystallisado.
  - \* » cyanhydrico.
  - » chlorhydrico.
  - » oxalico.
  - » sulphurico.
  - » tartarico.
- Agua distillada simples.
  - » » de alface cohobada.
  - » » » alcatrão.
  - » » » canella.
  - » » » flôres de lorangeira
  - » » » louro cerejo.
  - » » » melissa.
  - » » » Tósas rubras.
  - » de Labarraque.
  - » Ingleza.
- \* Aconitina.
- \* Alambre.
- Alecrim.
- \* Almecega da India.
- \* » do Brasil.

Aloes succotrino.

Almiscar.

Alumen.

» calcinado.

Ammonia liquida.

\* Amendoas amargas.

\* » doces.

Alcool.

\* Alcoholato de alecrim.

» » canella.

» » cochlearia.

» » melissa.

» » » composto.

\* » aromatico de Fioravante.

Alcoholeos Vid. Tinturas.

\* Antimonio purificado.

» diaphoretico.

Aniz estrellado.

\* Arsenito de ammonia.

\* » » potassa.

\* » » ferro.

\* » » soda.

Assafetida.

Assucar candi.

\* » de leite.

Assafrão oriental.

\* Atropina.

Avenca

Bagas de zimbro.

Balsamo de Arcêo.

» » enxofre simples.

» » nervino.

» » opodeldoch.

» » peruviano.

» » tranquillo.

Balaustias.

Belladona.

Benjoim.

Bolo armenio.

Borato de soda.

\* Brucina.

(Continua.)

Medicamentos Brasileiros que podem substituir os exóticos na pratica da medicina no Brasil, pelo Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto.

(Continuação do numero antecedente.)

### 3.º RESINA DE ICICA OU ELEMI BRASILEIRO.

Esta resina, que assemelha-se inteiramente á resina elemi do antigo continente, produzida pelo *amyris elemifera*, L. corre das incisões que se fazem na casca de uma arvore chamada pelos Brasileiros *icicariba*, e que é a *icica aromatica* de *Willdenow*, da familia das *teribenthaceas*. A casca desta arvore cortada profundamente, deixa correr passados dous ou tres dias um liquido unctuzo, de cheiro suave, semelhante ao do funcho, de côr branca esverdinhada, segundo *Pison*; *M. Martius*, diz ao contrario que á côr é ligeiramente rubra, e em lagrimas, como a resina de *euphorbio*. *Pison* compára esta á resina elemi das officinas d'Europa, bem que lhe seja superior em todas as suas qualidades.

A resina de icica é muito empregada tanto em usos medicos como nas artes; tem as mesmas propriedades que as outras substancias resinosas, e em particular as da resina animada de que ha pouco fallamos.

### 4.º RESINA D'IMBURANA.

A *bursera gummifera*, L. que cresce na America fornece uma materia resinosa.

No Brasil encontra-se em abundancia nas provincias da Bahia, Minas-Geraes, Pernambuco, Piauhy uma outra especie do mesmo genero, que pertence á familia das *teribenthaceas*, e que fornece tambem uma resina analoga. Esta especie foi chamada *bursera leptophleos* pelo habil naturalista, o professor *Martius*. Os habitantes designão esta arvore com o nome de *imburana*. Sua casca, quando cortada, fornece uma resina fluida, isto é, uma *therebentina oleoginosa* de côr verde: é empregada nos mesmos usos que a *therebentina* colhida das arvores da familia das *Coniferas*; pôde tambem substituir nos usos *therapeuticos* o balsamo de *copahiba*.



5.º ALMECEGUEIRA, OU INCENSO BRASILEIRO.

Esta arvore, a *hedwigia balsamifera* de Swartz, eleva-se á trinta ou quarenta pés de altura; e cresce nas provincias de Minas, Bahia e Pernambuco. Das incisões feitas em sua casca corre uma substancia resinosa, liquida, transparente, acre, amarellada, e que exposta ao ar solidifica-se, e toma a fôrma de estalactites de uma côr amarellada. Esta preciosa resina diz o professor *Martius*, é algumas vezes queimada nos templos em vez do incenso. Serve-se della tambem para a confecção dos emplastros, como na Europa da resina elemi, e igualmente se faz uso della internamente sob a fôrma pilular ou de emulsão nas molestias das vias respiratorias, nos casos em que aproveitão as substancias resinosas.

Damos á esta resina o nome de *incenso brasileiro*, por ter os mesmos usos que o incenso ou olibano verdadeiro, e poder substituil-o no imperio do Brasil.

6.º STORAX, ESTORAQUE.

O styrax ou storax de que se faz uso na Europa, é um balsamo natural, isto é, uma mistura de resina, oleo volatil e acido benzoico, producto de uma arvore indigena da India chamada *Styrax officinale*. Podemos substituir esta substancia por uma materia inteiramente analogoga, e produzida igualmente por algumas especies do genero *styrax* indigenas do Brasil, e entre outras pelo *styrax ferrugineum*, NEES e MARTIUS, *styrax reticulatum*, e *styrax aureum*, MART. Estas differentes arvores crescem nas planicies da provincia de Minas, e a substancia balsamica corre das incisões que se fazem na casca e mesmo no alburno, porém em geral é pouco abundante.

O storax do Brasil tem cheiro resinoso e suave; pôde substituir nos usos medicos os outros balsamos exóticos, os de Tótu, e Perú, que são os mais usados.

Fôra bom desejar, e é de grande utilidade saber qual das tres especies, que acima mencionamos contém maior quantidade de substancia balsamica, e qual a que reúne em si melhores qualidades.

7.º CABUREIBA.

Com este nome descreve *Pison* uma grande arvore, que se encontra nas montanhas ainda desertas do interior. Suas folhas são pequenas, e assemelham-se ás da murta, sua casca é escura, de um dedo de espessura, coberta de uma epiderme delgada e rubra, sob a qual se encontra, na espessura mesmo de toda a casca, um liquido balsamico, e amarellado. Esta resina mui preciosa, pelo agradável de seu cheiro é chamada *cabuericica* pelos naturaes do paiz, que lhe dão subido aprego por seu cheiro mui expansivo e suave, assemelhando-se ao do balsamo do Perú. O balsamo *cabuericica*, secco é solido, amollece-se porém facilmente pela acção do calor, encontra-se a arvore que o produz no interior da provincia do Rio de Janeiro, no districto de S. Vicente e na provincia de Pernambuco, todavia é mui raro.

O balsamo *cabuericica* não cede nada, quanto á suas propriedades, á todas as outras substancias balsamico-resinosas.

FAMILIA DAS MYRTACEAS.

As myrtaceas são, em grande parte notaveis pelo oleo volatil, que existe em suas diversas partes; os fructos das plantas que pertencem a este grupo de vegetaes, principalmente nas especies em que elle é pouco desenvolvido, se distinguem por um sabor acre quente e aromatico. São medicamentos estimulantes, e algumas vezes mesmo o principio acre é tão abundante que se os emprega como aroma; neste caso estão os fructos do *myrtus pimenta*.

As folhas, além do oleo volatil que existe nas pequenas viziculas que se mostram como outros tantos pontos transparentes, quando examinadas entre o olho e a luz, contém mais um principio fixo, extractivo e astringente que lhes dá uma propriedade tonica mui notavel.

O numero das myrtaceas que crescem no Brasil é mui consideravel e deve fornecer á medicina numerosos soccorros, quando forem bem estudadas. Mencionaremos aqui algumas especies que se recommendão por suas propriedades estimulantes.

1.º CAMBUI.

No dizer de *Pison* chama-se assim, na provincia de Pernambuco, duas especies de murtas bem semelhantes por seus

caracteres á murta Européa. São arbustos sempre verdes e de aspecto agradável; as folhas contém muito oleo volatil e são empregadas em immensas circumstancias, já internamente para tonificar os órgãos digestivos enfraquecidos, já externamente, em loções nas ulceras das pernas; também com ellas se preparão banhos, que se diz aproveitar nas diarrheas, e flôres brancas. Os fructos que são pequenas bagas globulosas e umbilicadas, tem um sabor aromatico, comem-se como alimentação ordinaria, e nos usos medicos applicão-se nas mesmas circumstancias em que se empregão as folhas.

CRAVEIRO DA TERRA.

*Calyptranthes aromatica*, SAINT-HILLAIRE.

Nas plantas usuaes dos Brasileiros o sabio Naturalista *M. Aug. de Saint-Hillaire* descreveu e figurou com este nome (*pl. 14*) uma myrtacia nova do Brasil, que pôde ser de grande importancia para os habitantes deste Imperio.

O craveiro da terra (*Calyptranthes aromatica*, SAINT-HILLAIRE) é um arbusto que cresce nas matas virgens da provin-do Rio de Janeiro, particularmente nas margens do Rio Hytu perto da habitação de *Bom fim*, ou *José Gonçallo*, situada a 10 leguas do Rio de Janeiro. Até aqui diz *M. Saint-Hillaire*, esta planta preciosa tinha escapado a attenção dos Brasileiros; porém eu lhe a indiquei, como podendo para o futuro formar um ramo de commercio mui vantajoso. Sem ter a mesma força que o cravo da India, os botões e as flôres do *Calyptranthes aromatica*, tem entretanto o mesmo gosto e cheiro, qualidades estas que se conservão por muito tempo sem se alterar. Como adubo, e como remedio, as flores da planta que eu aqui indico poderião pois substituir utilmente a especie Indiana eu me persuado que ellas fornecerião um pó em nada inferior ao que se vende com o nome de *pó de cravo da India*, e não é duvidozo que se possa obter, pela distilação um oleo essencial que nada cede ao que se extrahê do cravo da India. Quando se quizer cultivar o craveiro da terra será preciso ter as mesmas precauções que se dão ao craveiro da India. Como a especie do Brasil cresce em lugares humidos, será preciso semear os grãos em lugares frescos, e terrenos de boa qualidade, procurar á planta uma sombra artificial, ou cultural-a perto de grandes arvores, e abrigal-as sobretudo quando inda pequenas.

O. A. (*Continúa.*)

TOPOGRAPHIA PHISICO-MEDICA

DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

pele Dr. Oliveira Araujo.

(Continuação do numero antecedente.)

Alguns prejuizos ridiculos se encontram ainda na classe infima da população livre, apesar do progresso em que vai a civilização, que acompanha os passos da Europa; isto é grandemente devido á influencia da população escrava, com cujo leite bebem em geral nossos filhos esses preconceitos, e não poucas vezes principios morbidos, e se mais tarde uma educação desvelada destroe os primeiros, os ultimos muitas vezes determinão a morte, ou só se terminão com a vida.

Regidos como todos os demais Brasileiros, por um Governo Monarchico Constitucional e Representativo, os Fluminenses, conservão inda hoje, apesar de separados da mãe patria, quasi as mesmas leis, e os mesmos usos e costumes. A Religião dominante no paiz, é a Catholica Apostolica Romana, no entanto são toleradas todas as outras, uma vez que se não demonstrem por templos e cultos publicos.

A população do municipio neutro compõe-se, segundo o recenseamento do Illm. Sr. Dr. Hadock Lobo, feito em 1849, de 266.466 almas, dividida quanto á sua naturalidade, condição e sexo, do modo seguinte :

	<i>Homens.</i>	<i>Mulheres.</i>	
Livres e libertos nacionaes. . . . .	53:286	56:205	
Escravos nascidos no paiz. . . . .	22:462	22:140	
	<hr style="width: 50%; margin: 0 auto;"/>	<hr style="width: 50%; margin: 0 auto;"/>	
	75:748	78:345	
	<hr style="width: 100%; margin: 0 auto;"/>		
	154:093		
Excesso em favor das mulheres. . . . .			2:597
Livres e libertos estrangeiros. . . . .	34:088	12:285	
Escravos estrangeiros. . . . .	43:129	22:871	
	<hr style="width: 50%; margin: 0 auto;"/>	<hr style="width: 50%; margin: 0 auto;"/>	
	77:217	35:166	
	<hr style="width: 100%; margin: 0 auto;"/>		
	112:373		
Excesso a favor dos homens. . . . .			42:061
Sommados quanto a sexo, sem attender á nacionali- dade ou condição. . . . .	152:965	113:501	
Excesso a favor dos homens. . . . .			39:464
	<hr style="width: 100%; margin: 0 auto;"/>		
Somma total da população. . . . .	266:466		

Considerando todas essas cifras veremos que o numero de homens excede muito ao numero de mulheres, o que é contrario a todas estatisticas dos paizes estrangeiros, e que entre nós é devido á maior emigração de homens na população estrangeira, tanto assim que na população nascida no paiz, o numero de mulheres excede ao dos homens.

Vê-se tambem dessas mesmas cifras, que a população livre excede a escrava. Abstracção feita de 28.817 individuos livres, e 31.744 escravos, que somnados dão o numero total dos que estão comprehendidos na primeira delegacia de policia, teremos 205.905, que compõe a população da cidade propriamente dita.

Demos preferencia entre os diferentes trabalhos do mesmo genero, ao do Illm. Sr. Dr. Hadock Lobo, não só por ser elle o mais moderno, porém ainda por o supparamos o mais exacto, attentos o zelo e esforços, que esse mesmo senhor empregou em formulal-os.

Comparando o numero total dos mortos em todo o municipio neutro, que sobe a 8.713, resultado que obtivemos, colhendo as differentes estatisticas mortuarias dos cemiterios geraes e particulares, que aqui transcrevemos :

**Mappa dos cadaveres sepultados nos differentes cemiterios desta Cidade, em 1851.**

CEMITERIOS	LIVRES E LIBERTOS.		ESCRAVOS.		TOTAL.
	Homens	Mulheres.	Homens.	Mulheres.	
Geraes. . . . .	3:228	1:139	1:637	899	6:903
S. Francisco de Paula.	853	634	30	48	1:571
Ordem 3. <sup>a</sup> do Carmo.	53	23	.....	.....	76
Penitencia. . . . .	27	9	.....	.....	35
Gambôa. . . . .	115	12	.....	.....	127
Total. . .	4:276	1:817	1:673	947	8:713

Vê-se que a mortalidade geral é de 3 por cento sobre a população, ou que morre um individuo sobre 33 ou 34, mortalidade que comparada com a que se observa nas estatisticas da Italia, Austria, Hollanda e Hespanha, paizes temperados e geralmente reputados salubres, iguala á das duas

ultimas, e differe para menos da das primeiras. Por ahi se collige tambem, que a mortalidade, guardadas as convenientes porporções, é muito maior nos homens que nas mulheres, e bem assim maior na população livre, que na escrava. Atribuimos no primeiro caso a maior mortalidade dos homens, a que são elles que representam o maior numero na cifra dos emigrantes, e que ainda não aclimatados, tem sido victimas da epidemia que tem ultimamente reinado entre nós, e mais ainda por serem elles os que mais se expõe ás influencias morbidas inherentes ao nosso terreno. No segundo, a maior mortalidade na população livre é devida a que tendo cessado a importação de Africanos, achando-se portanto todos os que existem na cidade já familiarizados com o clima, e sendo dotados de constituição muito mais forte, que a dos individuos da classe livre, estão por isso menos sujeitos que elles aos estragos produzidos por todos os agentes morbidos que nos rodeião.

Si bem reflectirmos e compararmos a mortalidade do anno ultimo, no municipio neutro, com a dos annos antecedentes, que se observa nos relatorios do ministerio do Imperio, veremos que ella se augmentou de quasi 50 por cento, mas nem ainda assim nos collocou esse excesso na categoria dos terrenos insalubres; si compararmos ainda essa mesma mortalidade excessiva com o numero de nascimentos no municipio, e entrada de estrangeiros, concluiremos, que a somma de uns e outros excede muito á cifra mortuaria, e que portanto a capital continúa, apezar do augmento da mortalidade, a tornar-se mais populosa.

O estudo da mortalidade sobre os casos morbidos, feito sobre o quadro estatistico de differentes hospitaes desta côrte, que aqui apresentamos, tambem nos conduz a conclusões não menos satisfactorias.

**Mapa dos doentes tratados em diferentes hospitaes desta Cidade, em 1851.**

HOSPITAES.	Existiũo.		Entrarãõ.		Sahirãõ.		Fallecêrãõ.		Passarãõ para o anno seguinte.		TOTAL.		Mortalidade.
Hospital Geral. . . . .	454	5:951	4:305	1:598	502	6:405	24,94 por %						
Hospicio de Pedro II. . . . .	70	136	110	8	88	206	3,88 "						
Nossa Senhora do Livramento.	. . .	907	675	489	43	907	20,83 "						
Ordem Terceira do Carmo . . .	35	238	207	22	44	273	10,06 "						
S. Francisco de Paula. . . . .	32	254	244	22	20	286	7,69 "						
Penitencia. . . . .	26	295	286	19	46	321	5,91 "						
Permanentes. . . . .	21	995	980	15	21	1:016	1,43 "						
Total. . . . .	638	8:776	6:807	1:873	734	9:414							

O. A.

(Continua.)

# REVISTA PHARMACEUTICA.

2.º ANNO. N.º 6. — DEZEMBRO DE 1852. VOL. II.

## Observação sobre a quinidina que se encontra na quinina.

Por M. ZIMMER.

A existencia da quinidina, como alcaloide, nas quinas é hoje um facto bem demonstrado. Esta substancia tem suas reacções particulares que a fazem distinguir da cinchonina e da quinina. Sua densidade é maior, e sua cristallisação menos floconosa. Exposto ao ar secco e quente, este sal perde sua agua de cristallisação, mas não torna-se deliquescente, nem perde o aspecto cristallino; é finalmente muito mais solúvel, que o sulfato de quinina, na agua á temperatura ordinaria e no alcool.

Um dos caracteres distinctivos dos tres alcaloides de que fallamos, é sem contradicção alguma o que se obtem de sua reacção com o ether. A cinchonina é inteiramente insolúvel neste liquido, a quinina é apenas solúvel; no entanto que a quinidina dissolve-se perfeitamente nelle. A acção do ether póde pois revelar a presença da quinidina, e da cinchonina na quinina, e este reactivo adquire uma grande importancia, porque ha tempos, segundo as observações de M. Zimmer, fabricante de sulfato de quinina em Francfort-sur-le-Mein, este febrifugo se acha muitas vezes addicionado á quinidina.

Eis o que diz M. Zimmer em uma nota inserta na *Revista Therapeutica* :

« O elevado preço da quina calisaya (\*) em consêquencia do monopolio de sua exportação, deu lugar á numerosas importações desta substancia, tirada de outros lugares, cuja qualidade differe da verdadeira quina calisaya, principalmente por conter

---

(\*) Dá-se esse nome á uma especie de quina amarella, que cresce na Calisaya, provincia do Perú.



muita quinidina. Sem se occuparem das differentes substancias que compunhão esta quina, os fabricantes de quinina, seduzidos pelo seu baixo preço a empregarão no fabrico da quinina, o que deu lugar a que se encontre no commercio uma grande quantidade de quinina contendo quinidina.

« A existencia deste terceiro alcali das quinas está hoje bem demonstrada, não só pela analyse chimica, mas ainda pelas propriedades de seus saes e alguns outros signaes distinctivos. Os caracteres externos do sulfato de quinidina differem dos do sulfato de quinina. O sulfato de quinidina tem maior peso especifico, e crystaes menos floconosos. Secco ao ar quente o sulfato de quinidina perde sua agua de cristallisação; é finalmente muito mais solúvel na agua á frio e no alcool, que o sulfato de quinina.

« O differente modo de acção destes tres alcalis com o ether é ainda uma de suas propriedades distinctivas.

« Guiado por este facto posso recommendar o processo seguinte como muito simples, e próprio para descobrir a presença da quinidina e da cinchonina.

« Introduzem-se 10 grãos do sal que se quer examinar em um tubo grosso de vidro, a que se adapta uma rolha de cortiça; junta-se aos 10 grãos, 10 gottas de acido sulfurico diluido (1 gotta de acido para 5 gottas de agua), e 50 gottas d'agua; expõe-se tudo ao calor para accelerar a solução. Quando a solução está inteiramente fria, é preciso juntar 60 gottas de ether sulfurico officinal e 20 gottas de amonia, e vaculejar o todo, tendo o cuidado de fechar a abertura do tubo com o polegar. O tubo assim cuidadosamente fechado é sacudido de quando em vez, para que os globulos de ar possam com mais promptidão penetrar a camaça de ether. Se o sal que se examina não contém nem cinchonina nem quinidina, ou contém só esta ultima apenas na proporção de 10 para 100, dissolver-se-ha completamente; entretanto que a superficie em que se achar o contacto dos dous fluidos, e depois de algum tempo, a camada de ether ficará firme e gelatinosa. Do que acabamos de dizer, relativo a solubibilidade da quinidina no ether, parece que 10 grãos do sal examinado podem conter 1 grão de quinidina, e entretanto dissolver-se completamente no ether e na amonia; mas neste caso

a quinidina em muito pouco tempo cristalisa-se sobre a camada de ether.

« A menor quantidade de quinidina pôde ser descoberta, empregando em vez de ether sulfurico ordinario, ether saturado de quinidina, e por este meio a quinidina contida na quinina ficará insolúvel. É muito necessario, executando este processo, que depois de vasculejado o conteúdo do tubo, se observe se elle está todo dissolvido, porque a quinidina por sua grande tendencia a cristallisação pôde separar-se sob a fórma cristalina, e ser origem de erro. Si se acha mais de um decimo de quinidina ou de cinchonina, forma-se um precipitado insolúvel no limite das duas camadas de fluidos. Se fôr quinidina dissolve-se, juntando mais ether, mais se o precipitado persiste depois de adicionado o ether, é cinchonina.

O sulfato de quinidina é apresentado aqui como uma adulteração do sulfato de quinina. Com effeito é este o unico caso porque é elle conhecido, por ignorar-se ainda seu character, prescripção e gráo de energia, e não se ter feito nenhum experimento comparativo.

Traduzido por O. A.

---

#### PREPARAÇÃO DA SANTONINA SEM EMPREGO DO ALCOOL

*Por J. Lecocq.*

Para obter a santonina toma-se uma parte de semen-contra de Alepo, reduz-se á pó grosso, faz-se ferver em dez partes de agua, e depois de um quarto de hora de ebulição, junta-se um pouco de cal para tornar o liquido ligeiramente alcalino, faz-se ainda ferver por mais dez minutos, cõa-se, e submete-se o residuo á prensa. Se o principio activo não está completamente extrahido, o que se reconhece mastigando-se o residuo, que não deve communicar ao paladar o gosto acre e picante da semen-contra; se isto não acontece, faz-se de novo ferver em cinco partes d'agua e um pouco de cal, cõa-se e expreme-se. Os liquidos resultantes da primeira e segunda decocção, são evaporados até que não pesem

mais que a semen-contra empregada, deposita-se em uma capsula de pedra, deixa-se esfriar, e trata-se por um excesso de acido chlorhidrico. Immediatamente uma materia gracha e resinosa se separa em flocos, que sobem á superficie, e a santonina se precipita em fórma de pó impalpavel. Cõa-se em panno fino, a santonina passa com o liquido, e fica a materia resinosa. Abandona-se esta substancia, que contém mui pouca santonina, deixa-se o liquido em repouso vinte e quatro horas, depois encontra-se a santonina impura no fundo do vaso.

Lava-se a santonina impura em agua destilada, e purifica-se combinando-a de novo com a cal. Para isso, põe-se-a em uma capsula de porcelana com uma quantidade d'agua destilada sufficiente, dous litro pouco mais ou menos; leva-se ao fogo, e faz-se chegar á ebullição. Junta-se então uma certa quantidade de cal viva reduzida á pó, cincoenta á sessenta grammas, e a combinação se opera em pouco tempo (1). Filtra-se o liquido, e descora-se por meio do carvão animal, e trata-se depois pelo acido chlorhidrico. A santonina se precipita immediatamente. Assim preparada a santonina recolhe-se em um filtro, e lava-se em agua destilada até que a agua da lavagem não envermelheça o papel de turnesol, e secca-se em uma estufa ao abrigo da luz.

Obtida por este processo, a santoniua apresenta-se com a fórma de pequenas palhetas brancas de côr perola, de um brilho magnifico, e tomando a côr amarella pelo contacto da luz. É pois preciso, para conserva-la sempre branca, guardal-a em vidro preto. (*Jornal de Chimica Medica.*)

---

**Meio de conservar o proto-iodureto de ferro, por Lecocq.**

Ninguém ignora a facilidade com que o iodureto de ferro se decompõe, absorvendo o oxigeno do ar; por isso a maior parte dos pharmaceuticos tem adoptado as formulas publicadas por M. Dupasquier, e felizmente modificadas por M. Baudet, para a preparação e conservação deste precioso medicamento.

---

(1) Convem para perfeição da operação não juntar excesso algum de cal combinando a santonina impura com esta base, porque então o sal bi-basico de santonina e cal é mui solúvel n'agua; é melhor deixar um excesso de santonina, que fica sobre o filtro, e que será de novo tratado pela cal.

Estas formulas bem que uteis , pois que dão constantemente o iodureto de ferro no estado de proto-sal , não satisfazem todavia á todas as necessidades. Por exemplo , para fazer pilulas é necessario cada vez que se as quer preparar evaporar a dissolução até a consistencia conveniente, e posto que esta manipulação seja das mais faceis , não é no entanto das menos fastidiosas, principalmente para as pessoas que tem um serviço activo. Creio, pois, ser util a meus collegas fazendo-lhes conhecer um meio facil de conservar secco o proto-iodureto de ferro sem que soffra a menor alteração.

Depois de preparado o iodureto de ferro , segundo a formula do Codex, com a modificação proposta por M. Mialhe ponho o iodureto em um frasco de boca larga á rolha de crystal, e cubro com uma camada bastante espessa de ferro reduzido pelo hydrogeno ; e quando quero empregal-o tiro a porção de ferro dessa camada, com ajuda de uma lamina de chifre, ou de uma escova.

Tenho proto-iodureto de ferro conservado por esse modo á mais de dez mezes, e a dissolução n'agua destilada é tão limpida como no momento da preparação.

*(Jornal de Chimica Medica.)*

---

**Tabella dos medicamentos, vasilhame, instrumentos, utensis, e livros, organisados em virtude do Art. 57 do Regulamento da Junta Central de Hygiene Publica de 29 de Setembro de 1851 para as Boticas do Imperio.**

(São indispensaveis as substancias não marcadas com o signal \*)

*(Continuação do numero antecedente.)*

Caróba.  
Cantharidas.  
Canella.  
Cascarrilha.  
Cascas de lorangeira azeda.  
» » angustura.  
» » mezereão.  
» » guaranhem.  
Camphora.

Capsulas de oleo de copaiba.  
» » » » figado de bacalhão.  
» » » » ricino.

Castoreo.

Cato.

Carbonato de ammonia.

- \* » » cal.
- \* » » chumbo.
- » » ferro.
- » » magnesia.

Carbonato de potassa (proto).

- » » potassa (bi).
- » » soda (bi).

\* Cantharidina.

Ceroto de Galleno.

- » » spermaceti.
- » » Saturno.

Cravo da India.

Centeio espigado.

Cevada.

Cochlearia.

\* Colla de peixe.

Colchico.

Coloquintidas.

Contra-herva.

\* Conserva de canafistula.

- » » rosas.

\* » » tamarindos.

Chloroformio.

Chlorureto de mercurio precipitado.

- » » a vapor (calomelanos).
- » » (bi) sublimado corrosivo.
- » » antimonio.
- \* » » calcio.
- \* » » ouro e sodio.
- \* » » morphina.
- \* » » sodio purificado.
- \* » » bario.
- \* » » ferro.

Cipó chumbo.

Citrato de ferro ammoniacal.

Cremor de tartaro.

- Cremor de tartaro solúvel.
- \* Cyanureto de ferro (flôres de anil).
- \*       »       »       » e quinina.
- »       »       » mercurio.
- \*       »       »       » potassio.
- Creosote ou Kreosote.
- Cubebas.
- Datura stramonio.
- Digitalis.
- \* Digitalina.
- Dormideiras.
- Dulcamara.
- Digestivo balsamico.
- \* Electuario de cato.
- \*       »       » opio.
- »       » senne.
- \* Elaterio.
- Elixir paregorico da Londinense.
- »       »       » Geral.
- \*       » visceral de Hoffman.
- \* Emetina.
- Enxofre em bastões.
- » sublimado.
- » dourado de antimonio.
- Ergotina.
- Escamonea de Alepo.
- \* Esponja fina.
- Euphorbio em pó.
- Emplasto adhesivo.
- » gommado.
- \*       » confortativo.
- \*       » emoliente.
- » mercurial.
- » simples.
- » de cantharidas.
- »       » cicuta.
- »       » pês.
- \* Extracto de Alface virosa (Tridacio).
- »       » absinthio.
- »       » aconito aquoso.
- »       »       » alcoholico.
- »       » alcassuz.

- \* **Extracto de bagas de zimbro.**
- » » bardana.
- » » belladona.
- » » cahinca.
- » » caroba.
- \* » » centaurea.
- » » cicuta.
- » » coloquintidas composto.
- » » digitalis aquoso.
- » » » alcoholico.
- \* » » dulcamára.
- » » fel de boi.
- » » fumaría.
- » » genciana.
- » » guaiaco.
- Extracto** » garanhem.
- » » meimendro.
- » » noz vomica alcoholico.
- » » opio gommoso.
- » » polygala.
- \* » » quina.
- » » ratanhia.
- » » rhuibarbo.
- » » salsaparrilha.
- » » saponaria.
- » » scilla.
- \* » » senne.
- » » taraxaco.
- » » valeriana.
- \* **Espirito** » pontas de veado.
- » » mindererus.
- » » terebenthina.
- » » nitro doce.
- Ether acetico.**
- \* » hydro-chlorico.
- \* » nitrico.
- \* » phosphorado.
- » sulphurico.
- Etheroleo de aconito.**
- » » digitalis.
- » » valeriana.

(Continúa.)

**Medicamentos Brasileiros que podem substituir os exóticos na  
prática da medicina no Brasil, pelo Dr. Domingos Ribeiro  
dos Guimarães Peixoto.**

(Continuação do numero antecedente.)

CRAVO DA TERRA.

*Myrtus pseudocaryophyllas*, MARTIUS.

Esta planta tem a maior analogia com a precedente ; deve-se seu conhecimento á *M. Martius*. E' um arbusto que cresce na provincia do Rio de Janeiro, e na parte oriental da de Minas Geraes. Seus fructos, conhecidos por *cravos da terra* assemelham-se por suas qualidades aos verdadeiros cravos da India. Antes de maduras as bagas, depois de seccas, são empregadas como codimento nas preparações cullinarias : de mistura com substancias amargas, ou postas de infusão em vinho ou aguardente, formão um elixir tonico, proprio á despertar as funcções estomacaes. As folhas de infusão em agua são proprias á ativar a secreção urinaria.

FAMILIA DAS URTICEAS.

CAA-APIA, CARAPIA, OU CONTRAYERVA.

(*Dorstenia brasiliensis*, MARTIUS.)

A verdadeira contra-herva é a raiz de uma pequena plantada familia das urticeas, que cresce no Brasil, e de que *Pison* (liv. 4, cap. 49, pag. 90) dá a descripção e figura, chamando-a caa-apia. Até o presente suppoz-se esta planta identica á *dorstenia contra-herba*, L., que cresce no Mexico : porém segundo o professor *Martius* a especie brasileira differe da do Mexico. e propõe que se lhe dê o nome de *dorstenia brasiliensis*. Assim a verdadeira contra-herva é a desta ultima especie. A do Mexico parece muito inferior em qualidade, o que tem contribuido muito a diminuir sua reputação e usos medicos. Esta raiz tem um cheiro e sabor muito pronunciados, e por sua accão therapeutica aproxima-se á serpentaria da Virginia. E' mais energica fresca, que secca. *Pison* diz que esta raiz obra como um emetico brando, e que por isso



os habitantes do lugar em que ella cresce lhe dão o nome de *ipicacuanha*, bem que esteja longe de possuir a mesma energia, que a verdadeira ipecacuanha. Emprega-se principalmente esta raiz nas febres nervosas, na atonia geral e mordeduras de cobras. A planta confunde-se com outras especies do mesmo genero, que tem qualidades mui inferiores.

Está fóra de toda duvida, diz *M. Martius*, que a contra-herva dos pharmaceuticos conservaria a sua antiga reputação, si em vez das especies menos efficazes do Mexico e das Indias occidentaes se empregasse a especie brasileira.

### FAMILIA DAS ARISTOLOCHIAS.

É na raiz das plantas desta familia que reside seu principio activo ; este principio, mais ou menos estimulante, consiste em uma materia resinosa unida a um oleo volatil. As raizes da *aristolochia longa et rotunda* são acres, estimulantes, e empregadas principalmente para excitar as funções do utero na emenhorrea proveniente do estado atonico do utero ; as da serpentaria da Virginia são mais energicas, mais aromaticas, e faz-se uso dellas nas febres ataxicas, &c. No Brasil, pôde-se substituir estas differentes raizes pelas de especies indigenas, e em particular pelas da *aristolochia rirgens*, SWARTZ, ou da *aristolochia grandiflora*, GOMES ; e pela *aristolochia macroura*, GOMES. A primeira destas especies, conhecida por *mil-homem* é a mais energica ; sua raiz tem um cheiro forte e penetrante, sabor amargo, e aromatico ; possui as mesmas propriedades que a serpentaria da Virginia, e pôde facilmente substituil-a. Segundo *M. Martius* emprega-se frequentemente contra as ulceras, paralizia das extremidades, dyspepsia, *impotencia virilis*, febres nervosas, e intermitentes, sobretudo quando tem sido procedidas de um estado inflammatorio da membrana-mucosa, ou de todo o systema lymphatico, finalmente contra mordedura de cobras. Segundo o *Dr. Gomes* administra-se esta raiz na dóse de um escropulo, quatro a seis vezes por dia ; a decocção da-se na dóse de quatro ou seis onças, e o succo expresso das folhas pôde ser administrado na dóse de uma a duas oitavas por dia.

A raiz da *aristolochia macroura*, GOMES, com o nome de *jarrinha*, é menos energica que a precedente, entretanto é empregada nos mesmos usos.

## FAMILIA DAS VERBENACEAS.

### 1.º GERVÃO, URGEVÃO, ORGIBÃO.

(*Verbena, Janaicensis*, L., AUG. ST.-HIL. PL. US. 39.)

Com todos estes diferentes nomes designa-se nas diversas provincias do Brasil uma planta pertencente á familia das verbenaceas, que cresce em todos os lugares quentes do Brasil, sobretudo nas antigas florestas roteadas; com a *vassora* (*sida carpinifolia*), cobre nos roçados o bordo dos caminhos, e terrenos proximos das casas. As folhas desta planta tem um cheiro aromatico e agradavel; de infusão n'agua a ferver fórma uma bebida diaforetica de que os habitantes se servem a guiza de chá: estas folhas tem sido mesmo importadas para a Europa com o nome de *chá do Brasil*. Os Brasileiros tem grande confiança nas propriedades medicas do gervão, que considerão como febrifogo, estimulante, vulnerario, etc. Recommenda-se nas fortes contuzões ou quedas violentas, beber o succo expresso de suas folhas, ou uma infusão preparada com ellas. Nós acreditamos que as propriedades attribuidas a esta planta são um pouco exageradas, e provavelmente a pratica não as justifica completamente.

### 2.º CAPITÃO DO MATO, CHÁ DE PEDESTRE.

(*Lantana pseudothea*, ST.-HIL., PL. US. t. 70.)

Acha-se nas rochas quartosas da *Serra Cadonga*, na provincia de Minas Geraes, e no districto Diamantino, um pequeno arbusto tomentoso que os Mineiros designão com os nomes, de *gervão do mato*, e *chá de pedestre*. M. Auguste de Saint-Hilaire, a descreveu e figurou com o nome de *lantana pseudatheia* (Pl. us. des Bres., t. 70.) as folhas deste arbusto exhalão um cheiro aromatico e agradavel; secas e de infusão formão uma bebida ligeiramente estimulantes, que M. Aug. de Saint-Hilaire usou e preferia ao verdadeiro chá; tem propriedades diaforeticas e diureticas, que se encontram nelle, mas o sabor é mais aromatico e agradavel. É pois este um vegetal sobre que devemos chamar a attenção dos Brasileiros, porque melhor conhecido pôde ser de grande consumo.

## FAMILIA DAS MAGNOLIACEAS.

Entre outros medicamentos excitantes, a familia das magnoliaceas fornece a casca de *winter*, que é a do *drimis winteri* arbusto originario da India. No Brasil, e bem assim em algumas outras partes da America meridional, acha-se uma outra especie de *drymis*, o *drymis granatensis*, L., ou *wintera granatensis* de *Murrui*, cuja casca, conhecida com o nome vulgar de *casca de anta* possui as mesmas propriedades que a especie da India. A especie americana fornece já *uma arvore*, já um arbusto, e é mui commum nas provincias de Minas Geraes, Goyaz e S. Paulo : sua casca tem um sabor aromatico, picante e ligeiramente apimentado. Os habitantes das provincias em que ella cresce empregão sua casca, como tonica e estimulante, particularmente nas debilidades estomachaes, quando se quer excitar as forças digestivas deste orgão ; póde em todos os casos ser substituida ás plantas exóticas analogas, entre outras á casca de *winter*, com quem se assemelha, e é quasi identica á cascarilha, etc.

Já alguns autores propozirão a *casca de anta*, ou casca de tapir para condimento ; seu sabor picante, porém agradável, nos parece com effeito, bem proprio para esse fim. Fôra de desejar que os Brasileiros a empregassem sob esse ponto de vista, talvez um dia seu uso se vulgarisasse tambem na Europa, e então essa casca se tornaria mui importante para o Brasil.

## FAMILIA DAS ANONACEAS.

Duas especies do genero *xylopi*a merecem ser aqui mencionadas, por causa do uso que se faz de seus frutos, uma a *ibira* de *Marc-grave* (Bras., p. 99, ic.) ; outra, a *ambira* ou *pindaiba* de *Pison* (Bras., p 71, ic.) ; é a *unona carminativa* d'Aruda (Diss. 48), ou a *xylopi*a *sericia* descripta e figurada Saint-Hilaire em suas plantas usuaes dos Brasileiros (pl. 33). É uma arvore bastante elevada que cresce nas matas das montanhas que cercão o Rio de Janeiro, e em outros lugares do Brasil ; sua casca é bastante tenaz, e servem-se della para fabrico de cordas, e dahi o nome de *ambira* dado em geral por todos os Portuguezes ás arvores que tem esta propriedade. Os frutos desta arvore, pouco carnosos, tem um cheiro quasi semelhante ao da pimenta da India, seu

sabor é também menos forte, porém mais agradável. Mais conhecidos, diz *M. Saint-Hilaire*, estes productos serão procurados como especiarias, e podião dar lugar a um novo ramo de commercio: porém os Brasileiros em geral não dão, desgraçadamente, attenção á estas especies preciosas, e no córte das matas, que faz progressos tão rapidos, a arvore de que fallamos não é mais poupada que tantas outras especies preciosas, que acabarão talvez por desaparecer completamente.

A segunda especie foi mencionada pelo professor *Martius*, é a *xylopiá grandiflora*, *Aug. Saint-Hilaire*; designa-se em Minas Geraes com os nomes de *embira*, *pindaiba* e *pimenteira do sertão*. Os frutos desta elegante arvore juntão a um aroma mui suave, um sabor acre mui notavel, que se assemelha ao da pimenta da India; é uma das especies de pimenta das Indias Occidentaes, que se emprega não só como condimento nas preparações culinarias, porém também como carminativo, e que se junta á differentes substancias tonicas, e febrifugas. Seus fructos devem ser recolhidos antes de maduros, seccos e reduzidos a pó. Segundo nota *M. Martius* esta especie é muito superior á precedente.

O. A. (Continúa.)

---

## TOPOGRAPHIA PHISICO-MEDICA

DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

pelo *Dr. Oliveira Araujo*.

(Continuação do numero antecedente.)

Não fizemos mensão das estatisticas, nem dos hospitaes de guerra, nem do de marinha; por isso que a esses hospitaes concorrem individuos já com pequenas alterações de saúde, já mesmo com molestias simuladas, para se isentarem do serviço, acrescendo mais, que sendo as estatisticas conhecidas, fundadas antes sobre cifras, que sōbre o movimento de praças, sua apreciação nos conduziria a resultados menos verdadeiros.

Examinando por este quadro a mortalidade dos differentes hospitaes, nota-se a differença extraordinaria que entre elles existe: considerando porém, que para o hospital geral afflue a classe mais miseravel desta cidade, que os senhores, a elle

fazem recolher seus escravos já em casos desesperados, para se pouparem ao desgosto de vel-os morrer, e aos incommodos do enterramento, tanto que grande numero de mortes segue immediatamente, ou poucos dias depois a entrada dos enfermos; e que para o de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> do Livramento se recolhiam quasi todos os individuos affectados de febre amarella, que buscarão os hospicios de caridade, que erão em grande parte estrangeiros recém-chegados, e que bem assim para ali forão mandados todos os Africanos enfermos, ultimamente apprehendidos, explicada fica essa differença extraordinaria, e não deve admirar seu excesso de mortalidade.

Os hospitaes das diversas confrarias apresentam uma mortalidade regular. Torna-se notavel pela diminuta mortalidade, que nem chega á um e meio por cento, o hospital do Corpo Municipal Permanente, formado de moços na flôr e vigor da idade, em geral quasi todos filhos do paiz, aquartelados commodamente, e excellentemente alimentados, concorre á seu favor, além destas circumstancias, o desvelo e zelo incansavel de seu mui digno commandante.

Si exceptuados os dous primeiros hospitaes de que fallamos, por isso que collocados em circumstancias inteiramente excepçionaes, como fizemos notar, não devem ser levados em linha de conta, fizessesmos um estudo comparativo entre a mortalidade dos outros, e a dos hospitaes francezes, cuja mortalidade regula de oito a dez por cento; teriamos a vantagem em nosso favor.

Vê-se pois do que exposto fica, que apesar de tantas causas que entre nós concorrem, capazes de produzir graves enfermidades, das poucas medidas que garantão a salubridade publica, e da immediata influencia de destruição que com seu halito mortifero nos tem causado a importação da febre amarella, não só a mortalidade não excede á de alguns paizes reputados salubres, mais ainda o estudo dessa mesma mortalidade sobre os casos morbidos, nos nossos hospicios iguala, senão differe para menos, do que se observa no paiz classico das sciencias medicas (a França).

A longevidade no Brasil será tão extensa e frequente como o pensão alguns escriptores? Para tratar a presente questão com a exactidão mathematica que ella merece, faltão-nos materiaes que o governo só poderia fornecer. Não podendo raciocinar sobre factos, reflexionaremos sobre algumas observações que por ahi correm escriptas: As Antilhas nos

apresentão exemplos de longevidade extraordinaria, e os Carraibas chegam até a idade de cento e cincoenta annos (\*). Sob a zona torrida, no centro d'Africa os viajores dizem ter visto negros de idade mui avançada. No Brasil, diz o Visconde de Cayrú (\*\*), a longa vida se faz notavel principalmente nos campos lavrados, e de pastarias. O mesmo Visconde de Cayrú, obra citada, traz o seguinte trecho de W. Temple: — Não sei si póde haver alguma causa no clima do Brasil mais propicia á saúde do que em outros paizes: além do que foi observado entre os naturalistas nas primeiras descobertas dos Europêos, lembra-me ouvir dizer a D. Francisco de Mello, Embaixador de Portugal em Inglaterra, que era frequente neste paiz para homens descahidos por idade, e outras causas, já não tendo esperança de um ou dous annos de vida, transportando-se em alguma frota ao Brasil, ahi viverem vinte á trinta annos, e mais por força do vigor que recobrarão com a transmigração.

Como estes outros muitos trechos poderamos apresentar, antes porém de estabelecer sobre elles applicações physiologicas, preciso fôra verificar sua authenticidade, parecendo-nos muito mais razoavel que a sciencia collija factos mais bem averiguados, para delles colher verdadeiras illações. E' de presumir, considerando os agentes conservadores e destruidores da vida humana, que uma região temperada, uma boa constituição individual, uma posição social ao abrigo da miseria e dos cuidados inherentes á uma ambição insaciavel, o exercicio continuo e moderado, e uma sobriedade constante são condições eminentemente proprias á prolongação da vida. Os povos selvagens não vivem mais que os civilizados; ao contrario, cercados por todos os agentes destruidores da saúde, entregues ora á uma severa e forçada abstinencia de sustento, ora á uma intemperança excessiva, a miseria em que a maior parte vegeta, raras vezes lhes permite chegar ao termo ordinario da vida. Em geral no Brasil, e bem assim no Rio de Janeiro a população branca ou de raça crusada, e os Europêos já aclimatados vivem mais tempo que os negros, e sobretudo que os importados da Africa.

---

(\*) Rochefort. — Histoire des Antilles.

(\*\*) Historia dos principaes successos politicos do Imperio do Brasil.

### III.

Póde-se em these geral afirmar, que entre nós as molestias se apresentão francamente, e seu diagnostico é em geral facil, ainda que soffrimentos do systema nervoso ou insidias de alguma affecção intermittente venhão por vezes perturbar sua marcha, e tornar as indicações menos seguras.

Sem estações bem distinctas, o que não acontece em geral no territorio europêo, não havendo por assim dizer entre nós senão duas o estio e inverno, claro fica que não poderemos dar essa differença e distincção, que segundo as differentes estações do anno se observa nas enfermidades em outros paizes. Entretanto diremos que no estio e principio do outono grassão com mais frequencias as febres intermittentes benignas ou perniciosas, as febres gastricas, biliosas ou typhoides com ou sem phenomenos cerebraes, sendo de notar que estes ultimos se manifestão com mais frequencia na passagem do estio para o outono, as dysenterias ou diarrheas mais ou menos intensas e ligadas a affecções intestinaes, as angioleucites, emfim as differentes alterações de tecido celular, como sejam furunculos e anthrazes. No outono, que é quasi sempre chuvoso, notão-se as differentes affecções catarraes, as pneumonias, pleurises, diarrheas e as molestias exanthematicas. No fim do inverno e principio da primavera começão de apparecer as opthalmias e a coqueluche, quando por ventura reinão : as affecções typhoides e gastricas, as febres intermittentes e lesões cerebraes são tambem frequentes por esse tempo. Em summa, sobre este ponto repetimos, nada se póde dizer com acerto, porquanto as estações confundem-se por tal fórma entre nós, e são tão variaveis as alterações de temperatura, a ponto de observar-se no mesmo dia uma differença thermometrica de mais de 20°, de sorte que, não sendo distinctas nessas differentes épocas do anno os agentes morbidos dependentes da athmosphera, não é bem possivel descriminar as affecções que nellas reinão.

O. A.

(*Continua.*)

# REVISTA PHARMACEUTICA.

2.º ANNO.

N.º 7. — JANEIRO DE 1853.

VOL. II.

## SOCIEDADE PHARMACEUTICA BRASILEIRA.

SESSÃO LITTERARIA EM 14 DE DEZEMBRO DE 1852.

*Presidencia do Sr. E. Corrêa dos Santos.*

Estando presentes os membros constantes do livro de presença, o Sr. Presidente declarou aberta a sessão.

Faltando com causa o Sr. Ernesto Frederico dos Santos, 2.º Secretario, o Sr. Presidente nomeou para preencher essa falta ao Dr. Oliveira Araujo. Não se leu a acta da sessão antecedente por não tê-la remettido o Sr. 2.º secretario ausente.

O Sr. Silva Costa (1.º Secretario) procedeu á leitura de uma carta do nosso 2.º Secretario motivando a sua ausencia.

O Sr. Presidente explicou a causa da mudança dos dias de sessão, que tem por fim não complicar as nossas com as da Academia de Medicina, que actualmente trabalha nas segundas feiras, e participou tambem o recebimento de jornaes da Sociedade Ensaio Philosophico de S. Paulo; e bem assim a recepção de algumas garrafas de aguas mineraes do Ceará, remettidas á Sociedade pelo Exm. Presidente daquella Provincia. O Sr. Presidente nomeou em commissão, para analysar aquellas aguas mineraes, aos Srs. Silva Costa e Dr. Exequiel.

Forão propostos para socios os Srs. Laurindo José de Siqueira Coutinho e Nicoláo Francisco dos Santos o 1.º por proposta do Sr. André Jesuino de Oliveira Barreto, e o 2.º por proposta do Sr. Balthazar de Andrade Monteiro.

Não se apresentando pareceres de commissão, passa á discussão a 2.ª parte da ordem do dia: — A Junta de Hygiene



Publica tem feito respeitar os artigos de seu regulamento, relativos ao exercicio da pharmacia e venda de remedios secretos? Qual deve ser o procedimento da Sociedade Pharmaceutica em face de tão grande relaxação?

O Sr. Fernandes da Costa pedio a palavra, e sendo-lhe ella concedida, fez ver que a Junta de Hygiene até o presente nada tem feito relativo ao de que é questão.

O Sr. Silva Costa (1.º Secretario) fallou insistindo na argumentação do Sr. Fernandes da Costa, e opina no mesmo sentido que elle, corroborando o seu discurso com a citação de alguns factos.

O Dr. Oliveira Araujo fallou não disconvindo em these em que alguns abusos se continuão a dar no exercicio da pharmacia, e venda de medicamentos secretos, reclamando justiça para o Sr. Dr. Ramos, que já como membro da junta propoz a execução de meios coercitivos contra os infractores do regulamento da junta, já como presidente da mesma junta, durante a sua breve presidencia, não só em consequencia de sua conhecida energia, os fabricantes e vendedores de remedios secretos senão animarão a publicar um só annuncio sobre a venda ou vantagens desses remedios, mas ainda procedeu á visitas de policia medica em diversas officinas de pharmacia. Reclama ainda que se faça justiça ao Sr. Dr. Pereira Rego, que ainda que ha pouco fazendo parte da junta, tem procurado fazer cumprir a letra do seu regulamento, cita alguns factos á seu alcance, e termina dizendo, que se o regulamento da junta não tem sido observado, é porque sua missão é toda deliberativa, e não executiva.

O Sr. Presidente insiste na opinião dos Srs. Fernandes e Silva Costa, mostra com factos os abusos que se praticão contra o regulamento da junta; diz que faz justiça á boa vontade dos Srs. Drs. Ramos e Pereira Rego, lastima a demissão do Sr. Dr. Ramos, e termina querendo mostrar que não só tem havido continuação, mais ainda augmento de abusos no exercicio da pharmacia.

O Sr. Dr. Pereira Leitão diz em um longo e brilhante discurso que se não admira do procedimento da junta, e que algumas esperanças que concebera com sua criação se tem inteiramente desvanecido.

O Sr. Presidente partilha e approva a opinião do nosso collega o Sr. Dr. Leitão.

O Dr. Oliveira Araujo falla e insiste em sentido contrario.

O Sr. Presidente faz de novo valer suas idéas, e propõe a nomeação de uma commissão para se entender com a Junta de Hygiene Publica.

O Sr. Dr. Pereira Leitão falla dizendo, que acha ociosa a nomeação dessa commissão.

O Dr. Oliveira Araujo explica a não ociosidade de a Sociedade se entender com a junta, por isso que a mesma junta tem sempre bem considerado a Sociedade Pharmaceutica, e mais ainda pela certeza que tem de que a Junta de Hygiene envidará todos os esforços á seu alcance para cohibir os abusos que até aqui se tem dado no exercicio da medicina e da pharmacia.

O Sr. Fragozo propõe que em vez da commissão se envie um officio á junta, no mesmo sentido em que devia fallar a commissão.

O Sr. Presidente depois de uma longa discussão sobre qual das idéas devia prevalecer si a de uma commissão, ou a de um officio á junta, põe a votação e é approvada a primeira, votando contra os Srs. Fragozo e Pereira Leitão.

O Sr. Presidente nomeia para formar essa commissão os Srs. Drs. Pereira Leitão e Oliveira Araujo, e Silva Costa.

O Sr. Dr. Pereira Leitão pede dispensa de orador da commissão: não é approvada.

O Sr. Fernandes da Costa pede que o Sr. Presidente faça parte dessa commissão; a que elle responde que não pôde aceitar por ser membro adido á mesma junta.

O Dr. Oliveira Araujo pede que se proceda á nomeação de um 2.º Secretario que supra a falta durante a ausencia do Sr. Ernesto Frederico dos Santos. Fica a nomeação adiada para a primeira sessão.

Nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente levanta a sessão.



**Novo methodo de administrar o oleo de figado de bacalháo**

Apezar dos diversos vehiculos que se tem imaginado para disfarçar o sabor nauseante deste medicamento, sua administração é tão repugnante que muitas vezes cohibe, que se lance mão de um agente tão poderoso ; porque ainda que o enfermo possa a primeira vez vencer sua repugnancia, acontece bem raras vezes que possam continuar a vencê-la, sobretudo elevando-se as doses.

É incontestavelmente reconhecida a vantagem de sua administração em capsulas. Mas nem se encontram em todas as povoações, nem tão pouco estão ao alcance de todas as fortunas ; porque para ingerir uma onça de oleo, é preciso que o enfermo consuma quarenta e oito capsulas.

Para remediar este inconveniente imaginei (diz M. Benedetti) fazer com o oleo de figado de bacalháo uma massa, addicionando-lhe pó de amido, ou secula de araruta pulverisada. Prepara-se por esse modo um opiato que se engole facilmente, envolvendo-o em um pouco de hostia. Deseseis destes bollos pela manhã, e outros tantos á noite, bastão ao principio, mais tarde tem-se o recurso de augmentar o numero de bollos, ou de fazê-los mais volumosos, porque com o habito a deglutição torna-se mais facil.

O autor deste meio de preparar o oleo de bacalháo, obteve não só uma administração muito mais facil e menos dispendiosa, mas ainda effeitos therapeuticos de muito mais vantagem, vantagem que elle explica, dizendo que, se a effi-cacia do oleo de figado de bacalháo deve ser attribuida, não só ao iodo que elle contém, mais ainda á sua propriedade eminentemente nutritiva, é positivo e incontestavel que, sua junção com uma secula amilacea, deve necessariamente augmentar esta ultima propriedade.

*(Extrahido da Gaz. Med.)*

---

**PROCESSO PARA RECONHECER A PRESENÇA DO ALCOOL  
NOS OLEOS ESSENCIAES.**

M. J. Bernouilli recommenda que se empregue o acetato de potassa para reconhecer a presença do alcool nos oleos essenciaes. Quando estes oleos contém alcool, o acetato de potassa se dissolve nesse liquido, e a essencia se separa da dissolução, e se não contém alcool, o sal não opera sobre elles.

Wittsteim que confia muito nesta reacção, aconselha que se proceda do seguinte modo :

Introduz-se cinco decigramas pouco mais ou menos de acetato de potassa, secco e reduzido a pó, em um tubo bem enxuto, e que tenha uma pollegada de diametro sobre cinco a seis de comprimento, e enche-se até dous terços de altura, de oleo essencial ; depois de ter-se por algum tempo agitado, deixa-se o tubo em repouso : depois encontra-se a dissolução do sal de potassa no alcool por baixo da camada de oleo essencial, quando este contiver alcool. A pequena porção de agua que as essencias contém muitas vezes, tornão o acetato de potassa ligeiramente humido, mas não prejudicão o bom exito da operação.

Póde-se tambem determinar de uma maneira certa a presença de alcool nas essencias, destilando-as em banho-maria. Como os oleos essenciaes tem um ponto de ebullicão mais elevado que o alcool, ficão na retorta, no entanto que o alcool passa para o recepiente, acarretando uma pequena porção de essencia, o que não impede de determinar sua natureza.

Finalmente para tirar toda a dúvida sobre a presença do alcool, póde-se aquecer em um tubo de ensaio o oleo essencial suspeito com acetato de potassa, e uma pequena quantidade de acido sulfurico concentrado, começa então, operando deste modo, a manifestar-se o cheiro caracteristico do ether acetico.

*Nex-York. (Journal of Pharmacy.)*

---

#### EMPLASTO VESICANTE DE M. EUGENE DUPUY.

Com o intuito de fixar os principios volateis do emplasto vesicatorio, pela evaporação, e de augmentar de alguma sorte sua energia, M. Eugene Dupuy, de New-York, recomenda que se junte pouco mais ou menos cinco por cento de uma mistura, que contenha partes iguaes de camphora, e de acido acetico concentrado (preparado pela destilação dos acetatos de cobre e chumbo). O acido acetico transforma a cantharidina, em um acetato que não é volatil na temperatura ordinaria, e a camphora diminue os symptomas de stranguria que soffrem os enfermos depois da applicação dos vesicatorios.

*E. Cottercau. (Journal de Chimie Medicale.)*

**Tabella dos medicamentos, vasilhame, instrumentos, utensis, e livros, organisados em virtude do Art. 57 do Regulamento da Junta Central de Hygiene Publica de 29 de Setembro de 1851 para as Boticas do Imperio.**

(São indispensaveis as substancias não marcadas com o signal \*)

*(Continuação do numero antecedente.)*

**Flôres de alfazema.**

- » » althéa.
- » » arnica.
- » » borragens.
- » » camomilla.
- » » malvas.
- » » papoulas rubras.
- » » rosas brancas.
- » » rosas rubras.
- » » sabugueiro.
- » » tilia.
- » » viola odorata.

**Fragaria.**

**Fumaria.**

**Gomma arabica.**

- » adragante.
- » ammoniaco.
- » galbano.
- » gutta.
- » kino.

**Guaraná.**

**Hera-terrestre.**

**Herva cidreira.**

- » moura.

\* **Humulus-lupulo.**

**Hysopo.**

**Hydro-chlorato de ammonia.**

\* **Incenso.**

\* **Iodo.**

\* **Iodureto de chumbo.**

- » » ferro.
- » » mercurio (proto).

- Iodureto de mercurio (deuto).
- » » e morphina.
- \* » » morphina.
- » » potassio.
- \* » » strychnina.
- Jequirioba.
- Kermes mineral.
- Lactato de ferro.
- Limalha de ferro.
- Lirio florentino.
- Lirio roxo (raiz).
- Licor anodino de Hoffman.
- » de Van-Swieten.
- \* » » Fowler.
- Lobelia inflata.
- Lupulina.
- Massa das pilulas anti-cebum.
- \* » balsamica de Morton.
- » mercurial de Belloste.
- » » de Plenck.
- » de cynoglossa.
- » das pilulas de Le-Roy.
- Mel de abelhas.
- » rosado.
- \* Mercurio metallico.
- Manná commum.
- » em lagrimas.
- Magnesia calcinada.
- Malvas.
- Meimendro.
- Musgo islandico.
- Myrrha.
- Nitrato de bysmutho (sub).
- » » mercurio (christallizado).
- \* » » » (acido).
- » » potassa.
- » » prata (crystallizado).
- » » » fundido.
- Nozes de galhas.
- » moscadas.
- » vomicas.

(Continúa.)

**Medicamentos Brasileiros que podem substituir os exóticos na pratica da medicina no Brasil, pelo Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto.**

(Continuação do numero antecedente.)

### FAMILIA DAS LAURINEAS.

Esta familia, distincta eminentemente por suas propriedades medicas, compõe-se no Brasil de um grande numero de especies. Os loureiros são com effeito mui abundantes nos tropicos. Não estão ainda bem estudadas as propriedades medicas das laurineas brasileiras, mas tudo nos leva a crer que elles devem conter preciosos medicamentos. Os loureiros são todos notaveis pelo oleo volatil que contém em suas differentes partes, especialmente nas folhas e fructos, que são, póde-se dizer, pela maior parte medicamentos excitantes, mais ou menos energicos; nota porém especificar quaes são as especies que merecem a preferencia pela maior energia de sua acção. Já entre as especies brasileiras descobrio-se o loureiro *sassafrás*, de que fallaremos quando tratarmos dos medicamentos sudorificos.

Quanto á cannelleira (*laurus cinnamomum*, L.) sua cultura deve ser animada nas partes mais quentes do imperio. Este arbusto precioso foi pelos Francezes naturalizado na Cayenna e na ilha Bourbon, onde o resultado de seu cultivo é completo; nas provincias do norte do imperio é certo que se devem obter as mesmas vantagens.

O Brasil fornece tambem uma especie indigena de noz muscada, que merece aqui uma menção toda especial. Foi o professor *Martius* que descobrio este arbusto precioso nas matas virgens do districto de *S. João Baptista*, na *Serra do Ma*, e perto de *Villa Rica* e *Marianna*, e mais tarde nos *Ilhéos*, na provincia da Bahia. Os naturaes a designão por noz muscada do Brasil, *vicuiba* ou *bicuiba redonda*. *M. Martius* designa esta especie com o nome de *mycistica officinalis*. Seu ariolo de côr rubra escarlata cobre um grão de tamanho de uma cereja; o aroma do ariolo é pouco desenvolvido; o sabor do grão é aromatico e pouco amargo.

E' empregado de preferencia contra as colicas, debilidadade de estomago, &c., mas em pequena quantidade por causa do oleo graxo que contém. Este oleo que se tira dos grãos por meio d'agua a ferver, contém uma quantidade extraordinaria de oleo volatil, que lhe dá um cheiro e sabor

aromatico : é empregado em fricções no engorgitamento das articulações proveniente de gotta, no rheumatismo chronico, e nas dores occasionadas por affecções hemorroidaes. É mais que provavel que a cultura poderia modificar e melhorar esta especie, de sorte a tornal-a igual á Indianna.

Distingue-se ainda com o nome de noz muscada do Brasil, nas matas virgens dos limites e da provincia de Minas, uma grande arvore do porte do loureiro, de folhas coriáceas, oblongas, ponteagudas, de bagas elevadas dos lados sobre pedunculos axillares do tamanho de uma cereja. Segundo o professor *Martius* pertence provavelmente ao genero *littsaea*. As bagas, sobre tudo quando frescas, tem um sabor e cheiro extremamente aromaticos, e por seu modo de acção approximão-se muito das favas *pichurim*.

### FAMILIA DAS AMOMEAS.

As plantas da familia das amomeas são, em geral, notaveis pelo sabor acre e picante de suas raizes, que são, em grande parte, medicamentos estimulantes mui energicos. Grande numero destas raizes, usadas na pratica medica europeá, são originarias das grandes Indias : mas estas plantas são tão empregadas em diversos paizes do globo, que são por toda a parte cultivadas, e tem-se procurado naturalisar sempre que as circumstancias locaes favorecem essa empresa : assim, nos jardins das diversas partes do Brasil, as amomeas mais interessantes são cultivadas, seja exemplo a gengibre (*zingiber officinale*) a curcuma longa, o cardamomo (*amomum cardamomum*, L.), e a *alpinia nutans*, designadas uma e outra com o nome vulgar de *pacora*. Os habitantes conhecem perfeitamente as propriedades energicas destas raizes, que empregão conjunctamente como medicamento e condimento ; assim é inteiramente inutil que se vá buscar ás Indias um medicamento, que cultivado, e póde-se dizer, naturalisado entre nós, ali obtem todas as propriedades desejaveis.

### FAMILIA DAS GERANIACEAS.

#### CHAGAS DA MIUDA.

(*Tropoolum pentaphyllum*, LAMK., ST.-HIL., PL. us, t. 41)

É uma planta mui glabra e enroscante que cresce nos lugares areentos nas provincias Cisplatina e Rio Grande do Sul.



Mencionamos aqui esta planta por ser ella um dos poucos medicamentos anti-scorbuticos que produz o Brasil. O sabor de suas folhas, flôres e fructos é picante e agradável, e recorda absolutamente a *capucina* (*troporolum majus*) que se cultiva na Europa.

### III. MEDICAMENTOS PURGATIVOS.

O Brasil é mui rico em medicamentos evacuanes, purgativos e emeticos ; parece que a natureza collocou de alguma sorte o medicamento ao lado do mal. Em verdade, nas regiões intertropicaes, as affecções biliosas são mui frequentes, e mesmo há poucas enfermidades que, em qualquer de seus periodos, não apresente symptomas biliosos, que se juntão á molestia principal : ora, é nestas circumstancias que os medicamentos evacuanes são mais efficazes, e os medicos brasileiros só tem o embaraço de preferencia entre as produções indigenas.

Os medicamentos purgativos brasileiros pertencem á algumas familias naturaes de vegetaes, que passaremos em revista successivamente.

#### FAMILIA DAS EUPHORBIACEAS.

Encontra-se nas plantas da familia das euphorbiaceas uma grande analogia, quanto a suas propriedades medicas. Em quasi todas existe um succo branco e leitoso, de natureza resinosa, de uma acrimonia notavel, e que é o principio activo, nas especies que delle são providas. Os grãos, cujo endosperma é grosso e carnosos, contém um oleo graxo que é igualmente mui purgativo.

Dos generos desta familia deve-se principalmente distinguir os seguintes, cujas especies são com mais especialidade empregadas.

##### 1.º JATROPHA.

*A. Munduy-Guacu, ou Pinhões de purga.*

(*Jatropha curcas*, L.)

Esta especie é tão commum no Novo, como no Antigo Continente. Seus grãos são conhecidos na Europa de tempos immemoriaes, com o nome de *Pinhões da India*. No

Brasil, o *Jatropha curcas* não é raro, e todos os habitantes conhecem a acção purgativa, e mesmo drastica de seus grãos. Estas propriedades residem no oleo graxo contido em seu eudorperma carnosos. Um só destes grãos basta para produzir dejeccões alvinas mui abundantes, e mesmo algumas vezes provoca ao mesmo tempo vomitos violentos. Alguns autores acreditarão que erão os pinhões da India que fornecião o oleo eminentemente purgativo conhecido pelo nome de *oleo de tiglium* ou de *tilly*; porém sabe-se positivamente que elle é produzido por uma especie de croton da India.

B. RAIZ DE TIUH.

(*Jatropha apifera*. MARTIUS.)

Acha-se commummente esta planta nos prados da provincia de Minas-Geraes. Sua raiz é carnososa, branca, de tres a quatro pollegadas de comprimento; contém uma materia resinosa extractiva que se obtem por meio d'agua a ferver, ou mesmo da agua á frio: forma-se então um extracto, que é um purgativo excellente, e de um effeito certo. A dóse varia segundo o modo porque foi preparado o extracto. Quando é preparado por meio d'agua fria, e vaporado lentamente, a dóse é de meia oitava para um adulto, se ao contrario foi obtido por meio d'agua fervente póde-se elevar a dóse até uma oitava. É na hydropesia que este medicamento parece sobre-modo efficaç. Os habitantes de Minas dizem que foi um reptil, o *tupinambis monitor*, L., quem lhes revelou as propriedades desta planta: parece que este animal a procura quando se sente affectado de qualquer mal.

C. MANDIOCA.

(*Jatropha manihot*, L.)

A raiz desta especie é grossa, tuberosa e carnososa, ella contém como a especie precedente, uma materia resinosa, e extractiva que lhe dá as propriedades purgativas; porém como esta materia é facil de extrahir-se, já por expressão, já por lavagem, e que se compõe de uma massa de fecula amilacea, a raiz da mandioca torna-se então um alimento mui precioso, e é sob este ponto de vista sómente, que ella é cultivada em algumas partes do imperio. A fecula purificada, tirada da raiz da mandioca, é conhecida com o nome de tapioka.

O. A.

(Continúa.)

## TOPOGRAPHIA PHISICO-MEDICA

DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

pelo Dr. Oliveira Araujo.

(Conclusão.)

Deixando de considerar as molestias que de preferencia grassão em certas épocas, e encarando-as em geral sob o ponto de vista, e em relação ás differentes idades poderemos dizer alguma cousa de mais aproveitavel, encerrando-nos todavia nos limites, que estão ao alcance de um trabalho desta ordem. Considerando as molestias em relação ás idades, as dividiremos em tres ordens ou cathogorias distinctas : molestias da infancia, dos adultos, e dos velhos. Comprehenderemos na primeira ordem ou cathogoria as molestias, que sobrevem desde o nascimento até a segunda denticção, na segunda as da adolescencia e das outras idades até á velhice, cujas molestias formarão as de terceira ordem. Bem provavelmente seremos arguidos por esta divisão resumida das differentes épocas da vida; adoptamol-a porém para nos poupar á longas e interminaveis subdivisões desnecessarias, attendendo a que nos limitamos neste trabalho a apresentar idéas geraes e summarias relativas ao caso vertente.

Na primeira cathogoria, isto é, nas molestias da infancia comprehenderemos a apoplexia e asphyxia do recém-nascido, devidas á compressão da cabeça e do cordão umbellical, por impericia ou descuido das pessoas que assistem ao trabalho do parto; o tetano dos recém-nascidos, e as peritonites, resultado quasi sempre das applicações intempestivas e improprias sobre o cordão umbellical; as congestões de figado, collicas intestinaes, e interites nos primeiros dias da vida extra-uterina, molestias estas de que succumbem não poucas crianças entre nós, em virtude da importancia e susceptibilidade do aparelho gastro-hepato-intestinal nestas idades, e que são o maior numero de vezes devidas ao uso inveterado, em que estão as nossas patricias, de serem acompanhadas durante o parto, e cuidadas nos dias subsequentes por mulheres inteiramente inhabilitadas, sendo não raras vezes ellas ou seus filhos victimas da impericia dessas chamadas *comadres*. Seguem-se a estas as bronchites e pneumonias, devidas ordinariamente ao resfriamento proveniente do pou-

co cuidado de livrar as crianças da influencia das mudanças subitas de temperatura, tão communs no Rio de Janeiro. Vem apoz ellas as diarrheas, dysenterias e gastro-interites acompanhadas algumas vezes de convulsões sympaticas, estas alterações reconhecem por causa já as variações constantes de temperatura, já uma amamentação viciosa, ou desvio nos preceitos, que devem presidir á alimentação das crianças. Coincidem com os phenomenos de primeira dentição as diferentes especies de convulções, que quanto a nós dependem geralmente, ou da supressão rapida da diarrhea, que acompanha quasi sempre a evolução dentaria, ou do abuso, que entre nós se observa, de nutrir as crianças com alimentos solidos, muito codimentados, e de difficil digestão. Mais tarde apparecem erupções de natureza syphilitica, sobretudo nos escravos, e os tuberculos mesentericos, reconhecendo quasi sempre como causa essencial o vicio syphilitico ou escrophuloso, e o uso de má alimentação. Finalmente são mui frequentes nesta idade as febres intermitentes, a angioleucite e a asthma, dependentes das influencias morbidas que nos cercão e da natureza de nosso terreno.

Em resumo poderíamos dizer que nesta época da vida são mais frequentes no Rio de Janeiro as lesões de tubo digestivo e órgãos thoracicos, coincidindo ou não com pyrexias intermitentes.

Na segunda cathegoria, nas enfermidades que acommettem os individuos de dez á cincoenta annos comprehendemos: as febres intermitentes benignas ou perniciosas, que grassão em todas as estações e em qualquer localidade, e parecem devidas a uma causa constante e continua, a humidade atmospherica, e os pantanos que inda entre nós existem; as pneumonias e pleurises, que quasi sempre reconhecem por causa as suppressões de transpiração devidas as variações de temperatura e humidade do ar: concebe-se facilmente que, quando uma reacção fraca succede á impressão de uma athmosphera fria ou sobcarregada de humidade, a pleura ou o parenchima pulmonar ficão engorgitados em uma maior ou menor extensão, de sorte a nessa parte do organismo determinarem as alterações de que é questão. Qualquer destas flegmasias se desenvolve as mais das vezes com intensidade extraordinaria, e apresenta-se com symptomas aterradores; a marcha dos symptomas é rapida, e a terminação em geral tem lugar immediatamente ou pela resolução, ou pela morte:

suas terminações poucas vezes funestas nos levão a crer que a supuração é menos frequente entre nós, que em outros paizes. Sem determinar si os tuberculos, preexistindo constantemente em todos os casos de phthisica pulmonar, determinão mais facilmente a inflamação do parenchima pulmonar, ou si antes esta mesma inflamação dá origem á formação dos tuberculos, e lhes activa a fusão, ainda que a phthisica pulmonar seja mais frequentemente observada nos lugares, em que mais grassão as pneumonias, diremos que ella se mostra com tanta frequencia entre nós, que poderíamos afiançar, sem temor de errar, que ella representa o principal papel no quadro mortuario do Rio de Janeiro, montando talvez a um oitavo da mortalidade total o numero de victimas que faz annualmente, e cujas causas mais essenciaes são, além das condições climatericas já enumeradas, o vicio syphilitico, que desde a infancia se nos infiltra com a amamentação mercenaria, os excessos venereos, a masturbação, o onanismo, e o abuso de bebidas alcoolicas. A angioleutice, que como as febres intermitentes, grassa em todas as estações e localidades, e muitas vezes a ellas se associa; bem que hoje menos frequente que em épocas mais remotas, não deixa ainda de se apresentar de sorte que não fique no numero das molestias endemicas, e mereça a attenção dos praticos pela insidiosidade com que accomette suas victimas. A opilação (hypocæmia intertropical), que posto que não seja mui frequente no coração da cidade, o é em seus arredores, e sobretudo para o interior da provincia nos lugares percorridos por rios alagadiços, e onde ha grande numero de mangues ou brejos mais ou menos extensos, a ponto de ahi figurar como molestia endemica; ella é muito mais frequente na população escrava que na livre, ou que a alimentação delles contribua para a depauperação do fluido nutritivo, ou que sua exposição aos rigores da estação, ás humidades do sereno da noite, e a respiração de um ar insalubre concorra para o seu apparecimento. A hepatite aguda ou chronica, predominando quasi sempre a ultima.

São tambem frequentes nesta época da vida os turberculos mesentericos, senão nos habitantes do centro da cidade, ao menos em seus arredores, particularmente nos escravos tendo quasi sempre por causa essencial o vicio bobatico degenerado, cujo desenvolvimento é favorecido pelo abuso dos farinaceos, e pela habitação em casas humidas, pouco as-

sciadas, sem arejamento e renovação de ar, assim como pela repetição de febres intermitentes mal tratadas, as gastroenterites, as diarrheas e dysenterias com ou sem phenomenos graves: estas ultimas são tão frequentes quasi todo o anno, que se poderia até certo ponto considerar como molestia endemica, todavia essa frequencia maior em certas estações, e seu limitado numero em outras as faz antes considerar como mais especiaes e proprias de certas estações, que não endemicas. As febres gastricas e biliosas, e bem assim as exanthematicas, ainda que appareção mais frequentemente em certas e determinadas estações, costumão geralmente reinar em uma ou outra sob a fórma epidemica, e raro é que alguns casos se observem, e que não sejam o preludio de uma epidemia mais ou menos intensa.

Na terceira categoria, na velhice são frequentes as lesões organicas de coração, mórmente as alterações valvulares; talvez porque a actividade maior da circulação no Rio de Janeiro, conseguintemente o excesso de exercicio do coração em um tempo dado, gaste com mais promptidão seus elementos de vitalidade, e apresse as alterações de sua estrutura, observão-se não poucas vezes em individuos de idade não mui avançada, de pouco mais de quarenta annos. São igualmente frequentes as collecções serozas, quer ligadas ás lesões precedentes, quer á alterações organicas do figado e affecções chronicas do peritoneo e do tubo digestivo; a diarrhéa que umas vezes se liga a lesões chronicas do tubo gastrointestinal, outras vezes depende de uma aberração das funções do figado sem lesão notavel de sua estrutura, nem dos outros órgãos do ventre; as alterações do utero notão-se tambem nesta época especialmente o cancro do collo, e estado scirroso de todo o órgão. A ossificação das arterias e gangrena senil, molestias proprias de idades mui avançadas, raramente se observão entre nós, tanto que apenas uma unica vez encontramos em nossa pratica um caso de gangrena senil e ossificação vascular.

Das considerações precedentes se collige que consideramos como molestias endemicas: as febres intermitentes benignas ou perniciosas, originadas pelos charcos e pantanos que existem nesta cidade, e bem assim por tantos outros focos de infecção por ahí espalhados, e devidos ao estado de abandono de policia medica, e á nenhuma attenção ás regras de hygiene publica; a elephantiasc dos Arabes, que parece

especialmente reconhecer por causa a humidade do solo e das habitações, e o predomínio da composição argilosa dos terrenos; a opilação que parece ser devida á reunião das causas acima mencionadas, e ao uso constante dos farinaceos e leguminosos; esta enfermidade se observa com mais frequencia nos escravos e classes pobres, e sobretudo para o interior da provincia, os turberculos mesentericos, que reconhecem tambem por causas as mesmas antecedentemente mencionadas, e o vicio syphilitico degenerado; a leucorréa (flôres brancas), que ataca um grande numero de mulheres, e se apresenta tantas vezes na pratica, que se pôde admittir nesta cidade como endemica, e determinada por causas constantes; as hemorrhoidas, que acommettem os individuos de ambos os sexos, principalmente aos homens, e sobretudo aos da classe abastada, quasi todas as enfermidades que tem por séde um dos orgãos contidos em qualquer das tres grandes cavidades, são muitas vezes devidas á affecção hemorrhoidal, ou que ella se manifeste por seus symptomas ordinarios, ou que existia de um modo latente; finalmente os tuberculos pulmonares, bem que estes sejam devidos antes a causas geraes, e communs a todas as cidades populosas, que não a causas que nos sejam especiaes, não devendo portanto, rigorosamente fallando, serem considerados como molestia endemica.

Muitas outras considerações poderamos juntar a este nosso trabalho, porém os limites e a natureza de uma these não nos permittindo entrar em detalhes mais circumstanciados, aqui o terminamos, guardando-nos para mais tarde, quando o tempo e a observação tiverem melhor amadurecido nossas idéas, reunir novas ás considerações já expendidas nesta dissertação. Felizes de nós se o breve esboço que apresentamos, como resultado de nossas lucubrações e pratica medica, poder provar a nossos juizes, cujas lições seguimos, que não só aproveitamos suas luzes, mais ainda que á cabeceira do enfermo, junto ao leito de dôr da humanidade soffredora, em nossa missão toda religiosa de medico colligimos conhecimentos bastantes, estudando as condições medicas de nossa cidade natal, para com elles contribuir ao allivio e felicidade de nossos conterraneos.

**FIM.**

# REVISTA PHARMACEUTICA.

2.º ANNO. N.º 8. — FEVEREIRO DE 1853. VOL. II.

## SOCIEDADE PHARMACEUTICA BRASILEIRA.

SESSÃO LITTERARIA EM 25 DE JANEIRO DE 1853.

*Presidencia do Sr E. Corrêa dos Santos.*

As seis horas da tarde, estando presentes os membros constantes do livro de presença, o Sr. Presidente declarou aberta a sessão.

Leu-se e foi sem considerações approvada a acta da sessão antecedente.

Passou-se á votar, por escrutinio secreto, á admissão para socios contribuintes dos Srs. Laurindo José de Siqueira Coutinho e Nicoláo Francisco dos Santos: forão ambos approvados unanimemente.

O Sr. Figueiro propõe para socio contribuinte o Sr. Bartholomeu José Tavares, pharmaceutico estabelecido nesta côrte.

Não se apresentando pareceres de commissão, passa a discussão a 2.ª parte da ordem do dia. Discussão sobre a célebre tabella de medicamentos, utensis, &c., que devem ter as boticas do imperio, publicada pela Junta Central de Hygiene Publica.

O Sr. Presidente inceta a discussão motivando a causa porque deu para ordem do dia a discussão da tabella publicada pela Junta de Hygiene, dizendo que a Sociedade Pharmaceutica, como corpo scientifico, não devia deixar passar desapercibido semelhante escandalo para a sciencia em geral, e para a classe pharmaceutica brasileira em particular, para que si alguma vez chegasse essa tabella á mão de algum estrangeiro, elle por ella não avaliasse o adiantamento da pharmacia no Brasil, porque então seu juizo seria todo em des-



vantagem nossa, e insiste muito sobre isso, porque tendo também a Junta de Hygiene convidado á Sociedade Pharmaceutica para apresentar uma tabella dos medicamentos necesarios para se poder legalmente abrir uma botica, não queria que se suppozesse á todo o tempo, que as incoherencias que se notão na tabella em questão erão parto da Sociedade Pharmaceutica. Continuando, procurou mostrar com a tabella mesmo as incoherencias que nella se encontrão, incoherencias que versão tão sómente sobre medicamentos que devem ou não ser dispensados.

O Sr. 1.º Secretario Silva Costa insiste na ultima parte da argumentação do Sr. Presidente, isto é, incoherencias da tabella sobre medicamentos que devem ou não ser dispensados, e depois de uma longa oração nesse sentido pede que se proteste contra a tabella, para honra da Sociedade, que a compoz.

O Sr. Dr. Pereira Leitão diz que toda a responsabilidade, que por essa tabella deva recahir sobre a Sociedade, é culpa do redactor de sua Revista, por não tel-a immediatamente publicado logo que foi remettida á Junta Central de Hygiene, e pede que se faça immediatamente constar, que não é essa a tabella remettida á junta pela Sociedade Pharmaceutica.

O Sr. Presidente nega a palavra ao Dr. Oliveira Araujo, que a pedira para responder ao Sr. Dr. Pereira Leitão.

O Sr. Presidente tomando de novo a palavra emite uma indicação para conciliar a organização da tabella com a honra e dignidade da classe pharmaceutica, e apresenta a idéa de que o Sr. Dr. Pereira Rego, membro desta Sociedade e da junta, como tal, exija da junta a modificação da tabella em discussão.

O Sr. Dr. Pereira Rego fez ver que não existião taes incoherencias na tabella, como se tem pretendido mostrar, diz que a junta organisando essa tabella teve em vista obrigar o pharmaceutico a ter todas as substancias precisas para a preparação de medicamentos que são em casos graves exigido de prompto, e que só dispensou aquellas substancias que podem ser substituidas por outras; diz mais que a junta exigindo em alguns casos as tinturas, extractos e principios immediatos de certos vegetaes, e dispensado o vegetal mesmo, com que se ellas preparão, não estabeleceu uma incoherencia e fundou-se sempre, já no pouco uso do vegetal, já em não serem suas preparações feitas com o vegetal á fresco;

terminou finalmente fazendo desaparecer da tabella em discussão todas as suppostas incoherencias que tinham sido nella apontadas.

Toma a palavra o Sr. Presidente e diz que a tabella tem dous fins principaes: 1.º obrigar aos pharmaceuticos a não ter só frascos vãos em suas officinas, como se nota em certas *botiquinhas*; 2.º que o publico seja servido promptamente, e procurou mostrar que a tabella não preenche nenhum desses fins, e que a sciencia soffre com sua publicação e approvação legal, porque então com a facilidade de com poucos fundos se poder estabelecer uma botica continuar-se-hão a observar os mesmos abusos que até aqui se notavão nesse genero. Agradece ao Sr. Dr. Pereira Rego a maneira attenciosa porque defendeu á letra a organização da tabella, diz que reconhece a obrigação em que o mesmo senhor está de sustentar essa defesa, mas que reconhece tambem a falsa posição em que ella o colloca, e confessando os conhecimentos do Sr. Dr. Pereira Rego sobre a materia, continúa a orar, e termina dizendo que muitas das substancias vegetaes da tabella não devião ser dispensadas, quando se exigião os preparados dessas substancias, porque era ainda ponto controverso na sciencia si esses preparados devem ser feitos com as substancias seccas ou á fresco.

O Sr. Dr. Pereira Rego fez ver que o posto de defesa em que se collocou, para sustentar a organização da tabella o não colloca em falsa posição, como pretende o Sr. Presidente, porque não existem as pretendidas incoherencias que se tem buscado mostrar; em frente da tabella, confrontando as substancias dispensadas com as não dispensadas, mostra que a junta procedeu acertadamente á organização da mesma tabella, e termina dizendo que é hoje incontestavel na sciencia e que differentes autores são concordes em que os preparados de substancias vegetaes devem em muitos casos ser feitos com as substancias sempre seccas, e que em outros com as substancias sempre á fresco, e que conforme esse principio, e á ser a substancia indigena ou exotica, é que tinha feito a junta em muitos casos dispensar a substancia, e exigir seus preparados.

Não havendo mais quem tome a palavra para discutir a ordem do dia em questão, o Sr. Presidente lembra que a Sociedade Pharmaceutica nomeie uma commissão para se entender com a junta sobre as modificações necessarias á ta-

bella, ou que o Sr. Dr. Pereira Rego, como membro da Sociedade Pharmaceutica e da junta, por meio de sua influencia peça a modificação da tabella, ou que finalmente a Sociedade officie a esse respeito á mesma junta.

O Sr. Dr. Pereira Leitão diz que a Sociedade não é uma corporação legal e competente para representar á junta, que estando a tabella approvada pelo Ministro do Imperio, que a junta não se ha de querer reconhecer em falta e retractar, e que elle reprova qualquer representação que se tenha de fazer á mesma junta como pouco curial e incompetente, certo de que uma representação qualquer ha de ser despresada, e não attendida.

Achando-se incommodado o Sr. Presidente pede para retirar-se.

Toma a presidencia o Sr. Vice-Presidente Gouvêa.

Pede a palavra o Dr. Oliveira Araujo e diz que menos bem acertadamente procede o Sr. Dr. Pereira Leitão quando diz que a junta ha de não attender, e despresar qualquer representação da Sociedade, porque ao contrario tem a junta sempre bem considerado a corporação pharmaceutica, tanto que para a factura da tabella dada para discussão em ordem do dia de hoje, convidou ella a Sociedade para organisal-a: nota que o Sr. Dr. Pereira Leitão proceda em accusações tão pouco satisfactorias, quando não está bem informado do que á respeito tem havido, o de que S. S. deu á pouco prova accusando ao Dr. Exequiel Corrêa dos Santos, como redactor da revista no tempo da organização da tabella, pelo não cumprimento de seus deveres, por não ter immediatamente publicado essa tabella, quando si falta de deveres existe, é essa falta toda do Sr. Dr. Pereira Leitão, que como bom e prestante membro desta associação, si tivesse como tal assistido ás suas sessões, devia ter conhecimento de que essa tabella foi á Sociedade pedida como um serviço particular, e que como tal não podia ser publicada: termina dizendo que certo da consideração que a Sociedade tem sempre merecido á junta, vota para que se officie á mesma junta no sentida da módificação da tabella.

O Sr. Dr. Pereira Leitão confessa que não tinha conhecimento do modo porque a Sociedade tinha organizado a tabella, mas insiste em que a representação não ha de ser attendida, e declara que vota contra.

O Sr. Dr. Pereira Rego fallando sobre o modo sobre que deve ser feita a representação, diz que não sendo a Sociedade um corpo legalmente constituído, para fazer essas representações, acha mais acertado que Sr. 1.º Secretario, em nome da Sociedade, officie a junta no sentido de fazer modificar a tabella.

Não havendo quem peça a palavra, o Sr. Vice-Presidente põe á votos o modo de fazer a representação, e a Sociedade approva que o Sr. 1.º Secretario officie á junta.

O Dr. Oliveira Araujo pede que á vista das considerações expendidas pelo Sr. Pereira Rego sobre o modo de fazer a representação á junta, que a Sociedade dispense a commissão nomeada na ultima sessão, para se entender com a junta, sobre os abusos que se commettem no exercicio da pharmacia, e que o Sr. 1.º Secretario officie tambem á junta nesse sentido.

Posta a votação é approvada essa medida.

Não havendo nada mais á tratar o Sr. Vice-Presidente levanta a sessão ás 9 horas da noite.

---

**Officio do Presidente da Sociedade Pharmaceutica Brasileira convidando o Presidente e os membros da Junta Central de Hygiene Publica a assistirem a discussão da tabella dos medicamentos.**

Exm.º Sr.— Tendo a Sociedade Pharmaceutica Brasileira de sugeitar á discussão a tabella dos medicamentos, utensis, &c., que devem compôr as boticas do Imperio, publicada ultimamente pela Junta Central de Hygiene Publica, da qual é V. Ex.ª mui digno Presidente, e sendo este procedimento da Sociedade filho unicamente do amor que tem ao seu credito, e ao da mesma Junta, que a Sociedade suppõe compromettidos com aquella publicação, tem a honra de convidar a V. Ex.ª, como digno membro honorario da Sociedade Pharmaceutica Brasileira, para assistir á sessão de terça feira 25 do corrente, que terá lugar ás 5 horas da tarde, na sala das sessões da Academia Imperial de Medicina. A Sociedade Pharmaceutica desejava nesse acto a presença de

todos os membros da Junta, e espera que V. Ex.<sup>a</sup> terá a bondade de para isso convidal-os.

Deos guarde a V. Ex.<sup>a</sup> Sala das sessões da Sociedade Pharmaceutica Brasileira, aos 21 de Janeiro de 1853.

Illm.<sup>o</sup> e Exm.<sup>o</sup> Sr. Dr. Francisco de Paula Candido, Dignissimo Presidente da Junta Central de Hygiene Publica. — *Exequiel Corrêa dos Santos*, Presidente da Sociedade Pharmaceutica Brasileira.

---

### Sulphydrometria e sulphydrometro.

*Exposição do processo de Dupasquier para analyse das aguas sulphurosas. (Extrahido da memoria apresentada ao Instituto por Dupasquier. Journal de Chimica Medica.)*

Este processo serve principalmente para marcar com exactidão a dóse do enxofre nas aguas mineraes sulfurosas. É fundado na facilidade com que o iodo decompõe o hydrogeno sulfuretado e os sulfuretos, para formar acido iodhydrico, e um iodureto metalico, ao tempo que o enxofre fica livre e é precipitado.

Ninguém ignora que o acido iodhydrico e os ioduretos não tem acção sobre o amido, e que obra sobre a menor parcella de iodo livre, colorindo esta substancia em azul. Estabelecido isto; põe-se em contacto uma dissolução alcoolica de iodo com a agua sulfurosa, á que se addiciona uma pequena quantidade de amido; em quanto o iodo não decompoz inteiramente o principio sulfuroso, não apparecerá a côr azul, ou desapparecerá immediatamente pela agitação do liquido; ao contrario, esta côr se mostrará instantaneamente, e persistirá logo que a decomposição fôr completa.

M. Dupasquier adoptou para seu methodo analytico a fórma das operações alcalimetricas; seu *liquido normal* é uma dissolução de iodo em alcool, e o instrumento destinado a medir este liquido é um tubo graduado a que elle chamou *sulphydrometro*.

*Preparação do liquido normal.* O liquido prepara-se dissolvendo-se em um decilitro de alcool a  $\frac{1}{4}$  15° centigrados, duas grammas de iodo puro e secco em estufa. (1)

---

(1) Como o volume do alcool varia conforme a temperatura, este liquido deve ser preparado e empregado na temperatura constante de  $\frac{1}{4}$  15° c.

*Sulphydrometro.* — O sulphydrometro consiste em um tubo affilado em sua extremidade inferior, de modo a apenas deixar uma abertura capillar; sua extremidade superior deve ser tal, que o pollegar possa fechala sem difficuldade. Este tubo é dividido em quinze ou vinte grãos: cada uma divisão, com a capacidade de meio centimetro cubico, conterà pois Ogr., O de iodo, e cada decimo de grão Ogr., 001.

*Processo da operação.* — Toma-se um quarto de litro da agua que se quer analysar, e depois de juntar uma pequena quantidade de agua amidonada, lança-se gotta á gotta, por meio do sulphydrometro, o liquido normal á temperatura de  $\frac{1}{2}$  15° c.; logo que se obtem a côr azul persistente, examina-se quanto se tem empregado de solução normal: conhece-se por ali immediatamente a quantidade de iodo empregada, e por consequencia, a de enxofre que está combinada no estado de sulphureto, sulphidrato ou de acido sulphydrico libre. — Quer-se saber a quantidade X de enxofre representada por 5 grãos e 6 decimos, ou 56 decimos: cada decimo de grão do sulphydrometro equivale a Ogr., 00012735675, bastará multiplicar este numero por 56, e teremos:

$$X = 0,00012735675 \times 56 = 0,007131 \text{ \& (2).}$$

*Observações diversas.* — O iodo obrando sobre o alcool no fim de um certo tempo para formar acido iodhydrico, é prudente empregar só a tintura preparada recentemente.

A agua amidonada deve ser preparada na occasião.

Se a agua sulfurosa contiver um alcali livre, uma porção de iodo, poderia obrar sobre esse corpo, e ser assim origem de algum erro. É preciso nesse caso juntar algumas gottas de acido acetico á agua mineral, e operar immediatamente, para prevenir todo o desenvolvimento de acido sulphydrico.

Quando se opera sobre uma agua thermal, cuja temperatura excede a 60° c., é preciso muita attenção para não empregar muita tintura de amido, sabe-se que a côr azul do iodureto de amido desaparece approximando á temperatura da agua á ferver, para apparecer de novo pelo resfriamento. Se ha duvida na exactidão da operação, pôde-se encher

---

(2) Póde pois por meio de uma multiplicação supprir a falta de uma taboa de sulphydrometricos.

uma garrafa de agua mineral, volta-a em um copo cheio dessa mesma agua, e só começar a operação depois que a temperatura estiver á baixo de 40.º Convém tambem neste caso conservar a extremidade do sulphydrometro mergulhada em agua mineral, para que a tintura corra directamente, e que possa obrar antes que o calor volatilise alguma porção.

Observando todas estas precauções, chega-se facilmente por este methodo a analyse de uma agua sulfurosa. É prudente repetir por algumas vezes a analyse de uma mesma agua, e tomar o termo medio dos resultados obtidos.

O. A.

---

### Succedaneo da salsaparrilha.

#### RAIZ DE ARCTOPUS.

A raiz do *arctopus echinatus* (Lin., nat. ord., umbelliferæ), é empregada no sul da Africa como succedaneo da salsaparrilha. Algumas destas raizes trazidas recentemente do Cabo da Boa Esperança aos mercados de Inglaterra, não acharão comprador. Estas amostras erão pedaços irregulares do tamanho de uma a duas pollegadas, e de tres oitavos de pollegada de espessura. Esta raiz tem sabor ligeiramente amargo, algumas vezes acre, não tem cheiro e provoca a salivação.

O Sr. Pope, em sua *Flora medicinal do Cabo*, publicada em 1850, diz sobre ella :

Esta planta é um dos remedios indigenas que tem sido empregado pelos habitantes do Cabo desde o estabelecimento da colonia. É refrigerante e diuretica, e por suas propriedades aproxima-se muito á salsaparrilha. Prescreve-se ordinariamente a raiz em decocção, na lepra e erupções cutaneas chronicas. Póde-se extrahir uma resina particular, fazendo incisões na raiz fresca.

A analyse chimica mostra que esta raiz encerra um alcaloide que póde formar saes : assim o *sulfato de arctopina* se apresenta em pequenos crystaes brancos, em forma de escamas, e que na dóse de meio grão provocão uma salivação abundante.

(Extrahido de R. Cottereau.)

**Tabella dos medicamentos, vasilhame, instrumentos, utensis, e livros, organizados em virtude do Art. 57 do Regulamento da Junta Central de Hygiene Publica de 29 de Setembro de 1851 para as Boticas do Imperio.**

(São indispensaveis as substancias não marcadas com o signal \*)

(Continuação do numero antecedente.)

Oleo expresso de amendoas doces.

- \* » » » bagas de louro.
- » » » croton-tiglium.
- \* » » » sementes de linho.
- » » » ricino.
- » » » copaiba.
- » » » cacáo concreto.
- » » » figado de bacalháo.
- \* » essencial de aniz.
- \* » » » amendoas amargas.
- \* » » » arruda.
- \* » » » cajeput.
- » » » camomilla.
- \* » » » cascas de laranja.
- » » » cravo da India.
- » » » flôres de lorangeira.
- » » » hortelã vulgar.
- » » » » pimenta.
- \* » » » lima.
- \* » » » limão.
- \* » » » rosas.
- » » » sabina.

\* Oleo-soluto de arruda.

- \* » » » camomilla.
- \* » » » cicuta.
- » » » flôres de trombeta.
- » » » camphorado.

Oenoleos. V. Vinhos.

Opio.

Oxido de ferro.

- » » ferro hydratado (per).



- Oxido de mercurio (rubro).
- \* » » manganez (per).
- » » zinco.
- Oximel simples.
- » scillitico.
- \* » de verdete.
- \* Pastilhas de citrato de magnesia.
- \* » » enxofre.
- » » ipecacuanha.
- \* » » Vichy.
- \* Pasta peitoral de Regnaud.
- \* » » de Naffé da Arabia.
- Parietaria.
- Páo pereira.
- Pereirina.
- Percicaria.
- Pontas de veado calcinadas.
- Pós antimonias de James.
- Pós sudorificos de Dower.
- Pós de Seidlitz.
- \* Pomada oxiginada.
- \* » citrina.
- \* » rosada.
- Potassa caustica em cylindros.
- \* Pedra calaminar.
- Quassia.
- Quina peruviana.
- Raiz de althéa.
- » » alcassuz.
- » » espargos.
- » » aipo.
- \* » » angelica.
- » ● » arnica.
- » » bardana.
- » » belladona.
- » » cahinca.
- » » calumba.
- » » chicoria.
- » » eleboro negro.
- » » féto-macho.
- » » funcho.
- » » genciana.

- Í aiz de gramma.
- » » herva-tostão.
- » » ipecacuanha negra.
- » » jalapa.
- » » japecanga.
- » » labaça.
- » » pariparoba.
- » » timbó (cascas da raiz).
- » » ratanhia.
- » » rhuibarbo.
- » » romeira (cascas da raiz).
- » » salsa-hortense.
- » » salsaparrilha.
- » » polygalla.
- » » serpentaria.
- » » valeriana.
- Resina de guaiaco.
- » » pinho.
- » » jalapa.
- Raspas » pontas de veado.
- Rasuras » guaiaco.
- » » sassafras.
- \* Rob de Laffecteur.
- » » amoras.
- \* » desobstruente.
- \* » de Devergie Senior.
- \* » » sabugueiro.
- Sabão medicinal.
- Sabina.
- Salva.
- \* Salepo.
- Sementes de aniz.
- » » angelim.
- \* » » cardamomo.
- » » contra vermes (de Alexandria).
- » » de linho.
- » » marmellos.
- » » melancia.
- » » mostarda.
- Saponaria.
- Senne.
- \* Scilla maritima.

- \* Strychnina.
- Sulphato de cobre.
- » » ferro.
- » » magnesia.
- \* » » morphina.
- \* » » potassa.
- » » quinina.
- » » soda.
- » » zinco.
- \* Sulphureto de mercurio (rubro).
- \* » » mercurio (negro).
- » » potassio.
- \* » » ferro.
- Tamarindos.
- \* Tanino.
- Taraxaco.
- Tartarato de potassa e antimonio.
- \* » » » e ferro.
- \* » » » e soda.
- Terebenthina liquida,
- Turbith mineral.
- » vegetal.

(Continúa.)

---

**Medicamentos Brasileiros que podem substituir os exóticos na pratica da medicina no Brasil, pelo Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto.**

(Continuação do numero antecedente.)

D. Ha ainda outra especie de *jatropha*, que devemos mencionar aqui, é a *jatropha multifida*, mui analogo ao *curcas*: é igualmente de seus grãos que se faz uso. Os Inglezes, que a empregão frequentemente, appellido-a *pinheon oil*; é uma excellente purga na dóse de algumas gottas.

2.º RICINUS.

Sob os nomes de *nhambu-guacu*, ou *figueira d'inferno*, PISON (liv. 4, cap. 51) e MARCGRAVE (liv. 2, cap. 14) descre-

vem duas especies do genero ricino, que crescem no Brasil, e ahi formão arbustos elegantes e sempre verdes. Seus grãos inteiramente semelhantes por sua fôrma e côres, aos da especie que se cultiva na Europa, com o nome vulgar de *Palma-Christi*, contém tambem um oleo graxo que se extrahê por meio d'agua fervente. Este oleo é frequentemente empregado pelos Brasileiros, tanto externa como internamente. Applicado sobre certos tumores facilita sua resolução ; é tambem empregado em fricções na pelle affectada de sarna. Applicado ao embigo das crianças, expulsa aos vermes do canal alimentar ; em fim dado internamente, obra como cathartico ; mas o grão mesmo, é mais efficaç que o oleo expresso, e deve ser empregado em pequenas dôses, para que não possa occasionar alguma superpurgação. Pôde-se fazer macerar um certo numero de grãos no alcool, e dar esse liquido por pequenas colheres até a dôse de uma onça. É uma preparação mui vantajosa.

### 3.º EUPHORBIA.

Todas as especies deste genero contém em abundancia esse succo branco e leitoso, que existe na maior parte das plantas da familia das euphorbiaceas ; por isso são ellas, em geral, mais ou menos acres e perigosas no estado recente. No Brasil acha-se um numero consideravel de especie de euphorbias ; suas raizes, depois de seccas, são ou purgativas, ou emeticas ; porém como, em geral, estas plantas podem tornar-se nocivas por causa de sua extrema acrimonia, e principalmente por no imperio do Brasil não faltarem outros meios emeticos ou purgativos menos perigosos, é melhor não fazer uso das euphorbias. No meio dia da provincia de Santa Catharina e Rio Grande do Sul, os habitantes servem-se muitas vezes de uma especie de euphorbia que designão com os nomes de *leiteira* e de *lechêtres*. M. *Auguste de Saint-Hil.* descreveu e figurou esta planta com o nome de *euphorbia* (t. 19 *Pl. us des Bres*).

### 4.º ANDA.

*Pison*, e *Marcgrave* descrevem com este nome uma grande arvore originaria das matas do Brasil, e que os habitantes designão por *anda-açu*, *indayaça*, *purga de gentio*, *fruta*

*d'arara*. VELLOSO e GOMES derão uma descripção della muito mais circumstanciada, sob o nome de *johannesia princeps*, nas memorias da sociedade de Lisboa, anno 1812, pag. 1, tom. 5. O professor *Ruddi*, de Florença, e mais tarde *M. Martius* acreditarão dever conservar a denominação mais antiga e mais conhecida *anda*, e este nome foi com effeito adoptado pelos botanicos. Em sua memoria sobre as euphorbiaceas, o professor *M. Jussieu filho* deu a figura e discripção deste fruto com o nome de *anda Gomesii*, para memorar o nome do Dr. *Gomes*, que escreveu sobre as plantas medicinaes do Brasil, e em particular sobre o *anda*.

Os grãos do *anda* são pouco mais ou menos do tamanho de uma castanha; seu endosperma, mui grosso, branco e carnosos tem um sabor agradável. Dous destes grãos bastão para determinar effeitos purgativos, mas sem tenesmos nem colicas, a ponto que as mulheres gravidas usão delles sem inconveniente; por isso este medicamento é mui usado nas diversas partes do Brasil. Póde-se com estes grãos preparar uma emulsão que se edulcora e aromatiza convenientemente. É um purgativo certo e forte. Os selvagens servem-se da casca desta arvore para a pesca; macerada n'agua tem a propriedade de entorpecer todos os animaes que usão della.

## FAMILIA DAS CUCURBITACEAS.

Um grande numero de cucurbitaceas, sobretudo no estado selvagem, encerrão um principio amargo de natureza resinosa, que lhes dá uma acção purgativa, algumas vezes bastante energica; taes são, por exemplo, a polpa do fructo da colocintida, as raizes de brionia, e pepino brabo, &c. A Flora Brasileira, offerece um grande numero de cucurbitaceas, e possui algumas dotadas de propriedades purgativas. Destas especies fallaremos aqui das duas seguintes:

### 1.º MOMORDICA PURGANS (*Mart.*)

O professor *Martius* menciona com este nome uma especie que cresce nas matas da parte septentrional da provincia de Minas. Seus fructos tem uma acção eminentemente purgativa, e se assemelhão muito ás colocintidas; seu succo é amargo de uma acruza resinosa. Por meio d'agua a

ferver os habitantes preparão com elle um extracto a que dão uma consistencia propria. Tres grãos bastão para produzir effeitos purgativos; em dóse mais elevada este extracto produz effeitos purgativos violentos; emprega-se com successo nas hydropesias chronicas idiopathicas, e algumas vezes nas opthalmias chronicas rebeldes.

## 2.º MELOTHRIA PENDULA (L.)

Os fructos desta especie são conhecidos na provincia de Minas com o nome vulgar de *cerejas* ou *cerejas de purga*. Seus fructos são do tamanho de uma ervilha: empregão-se como purgativo, e basta para produzir esse effeito comer meió até um fructo. Estes fructos (bagas) são empregados tambem em medicina veterinaria, e quatro bagas são mais que sufficientes para purgar um cavallo.

## 3.º ABOBRINHA, ABOBRA DO MATO.

*Pepino brabo, pepino do mato, &c.*

O Sr. professor *Richard* publicou no *Jornal de Chimica Medica* (janeiro de 1829) alguns detalhes sobre a raiz de uma cucurbitacea, cuja especie botanica ainda não está determinada, mas que se conhece no Brasil por *raiz de abobrinha, abobra do mato, pepino brabo, ou cabaca do mato*. É, diz *M. Richard*, uma planta sarmentosa da familia das cucurbitaceas, cujo genero e especie se ignorão. Esta raiz secca, como é empregada, é pivotante, ramosa, cilindrica, e de côr amarello sujo, enrugada longitudinalmente por causa da dissiccação, assemelhando-se á raiz da gencianna; esbranquiçada internamente, cada uma de suas fibras é um tubo, que cortado transversalmente, deixa ver outros tantos vasos analogos aos que se observão nas canas, vulgarmente chamadas juncos. Esta raiz me pareceu ter um sabor fraco, ou quasi nullo; entretanto é difficil explicar essa nullidade de sabor com a energia de sua acção. No Brasil é o emeto-cathartico mais violento que eu conheço; e para designar esta acção, nomeo-a no paiz *Novo Le roi* ou remedio sem igual. É um drastico mui energico, e tomado em alta dóse não seria sem inconveniente, para quem d'elle abusasse. Emprega-se esta raiz nas hydropesias, e em outras molestias em que o uso dos purgantes drasticos é indicado.

Além destas tres especies , a familia das cucurbitaceas deve, no Brasil , offerecer outros medicamentos purgativos. Assim nos parece fóra de dúvida que algumas especies de bryonia que crescem em abundancia nas sarças do Brasil, devem ter raizes, cujas propriedades sejam as mesmas que as da bryonia da Europa.

### GOMMAS-RESINAS PURGATIVAS.

Entre as gomas-resinas, algumas , taes como a gomma gutta, escamonea, &c. , gozão de propriedades purgativas mui energicas. O Brasil possui tambem gomas-resinas desta natureza.

#### 1.º GOMMA CAOPIA.

É uma gomma-resina amarella, analoga á gomma-gutta por seus caracteres e propriedades. Ella corre de algumas especies do genero *vismia*, da familia das hypericeas, e entre outras da *vismia bocifera*, *vismia micrantha*, e *vismia laccifera*. MACGRAVE e PISON descreverão a primeira destas especies com o nome de *caupia*, e é ao professor *Martius* que se deve o conhecimento das outras duas. Segundo PISON (liv. 4 cap. 9), quando se incisa a casca media deste arbusto, principalmente na época da florificação , corre della por um ou dous dias, um liquido que se solidifica em fórmula de lagrimas de côr amarella escura. Póde-se tambem extrahir, accendendo grandes fogos em torno da arvore, cuja casca se fende e deixa correr o liquido, então em maior abundancia. Esta gomma dissolve-se no acido acetico e no alcool, e póde formar uma tintura. Administra-se tambem em pilulas na dóse de meia a uma oitava, no dizer de PISON.

#### 2.º GOMMA-RESINA DE TERMINALIA.

O professor *Martius* diz que corre da *terminalia argentea*, arvore da familia das combretaceas, uma gomma-resina , que tem grande analogia com o que se extrahe da caopia ; sua acção é igualmente purgativa, e dá-se na dóse de um escropulo em emulsão ou em pilulas.

O. A.

(Continúa.)

## Acido saliciloso.

Este acido, que parece ser o principio activo das flôres chamadas — *Rainha dos prados* — pôde ser preparado do seguinte modo :

Tomão-se flôres da — *rainha dos prados* — mettem-se n'um alambique com agua, sendo 500 grammas de flôres para cada kilogramma de agua: deixa-se macerar por 24 horas, distilla-se depois. Desta operação obtem-se agua distillada, e um oleo essencial; separa-se o oleo e distilla-se de novo a agua aromatica, recolhendo as primeiras porções, que fornecem uma nova quantidade de oleo, que se pôde separar. (\*)

O oleo essencial obtido contém dous ou tres oleos, entre os quaes se acha o acido saliciloso. Para o isolar, trata-se a essencia por uma solução de soda ou de potassa caustica; o alcali se combina com o acido e fórma um sal: ajunta-se então agua e procede-se á distillação. Os oleos, menos o acido saliciloso, passam á distillação, em quanto que o sal formado fica na retorta.

O acido pôde ser separado deste sal pelo methodo seguinte:—Ajunta-se á solução do sal acido sulphurico diluido sufficiente para saturar o alcali empregado, e procede-se á distillação. Os vapores d'agua que passam ao recipiente levão consigo o acido.

Este acido, que tinha sido chamado *spiroithydrico* por Læwig, mudou de nome depois da descoberta de Piria, que observou que distillando 1 parte de salicina, 1 parte de bicromato de potassa, 2 1/2 parte de acido sulphurico concentrado e 20 1/2 partes d'agua se obtinha um acido perfeitamente semelhante áquelle que existia no oleo essencial da

---

(\*) É facil de perceber que se pôde distillar uma grande quantidade de flôres e obter por cohobação uma maior quantidade de essencia.



*rainha dos prados*: o acido tomou então o nome de acido *saliciloso*.

O acido saliciloso é amarello, oleaginoso; arde com chama avermelhada, espalhando um fumo negro e espesso: sua densidade é de 1,17; lançado n'agua vae ao fundo antes de se dissolver: sua dissolução esverdêa o papel de tornesol, e o descora depois de algum tempo de contacto: é solúvel em todas as proporções no alcool, e no ether. Aquecido entra em ebullição a 190°; o vapor que se desenvolve, quando tem descido a 13° centigrados de 4,27: exposto a 20° solidifica-se.

*Propriedades chymicas.* — O acido saliciloso é decomposto pelo acido sulphurico concentrado, assim como pelo bromio e pelo chloro. Estes dous ultimos corpos lhe tirão um equivalente de hydrogenio, e formão assim acido chlorhydrico ou bromhydrico, que se desenvolvem ao mesmo tempo, que um equivalente de chloro ou de bromio fórma, substituindo o equivalente de hydrogenio tirado, acido *chloro-salicilico* ou *bromio-salicilico*, segundo o metalloide empregado. O acido saliciloso em presença de um excesso de hydrato de potassa se decompõe deixando desenvolver hydrogenio, e transforma-se em acido salicilico. O acido saliciloso finalmente combina-se com os diversos oxidos metallicos ou alcalinos e fórma saes.

*salicilitos de potassa e de soda.*

Estes dous saes em iguaes doses produzem effeitos muito mais certos, e mais poderosos do que aquelles, que se obtem pelo acido salicilico; deverãõ ser preferidos quando o acido fôr insufficiente, ou então quando se quizer obter com menores quantidades um effeito igual.

A vantagem destes saes é que se podem prescrever em pastilhas, pilulas, ou em fórma de pós.

*Pastilhas de salicilito de potassa ou de sodã.*

Salicilito de potassa ou de soda . . . .	2 gram.
Assucar, e gomma de alcatira . . . .	q. s.

para 240 pastilhas.  
Dóse, de 4 a 10 pastilhas por dia.

Conservão-se em lugar secco, e n'um frasco bem fechado para que as pastilhas não ennegreçam pela formação do acido melanico.

*Pilulas de salicilito de potassa ou de soda.*

Salicilito de potassa ou de soda . . . . . 2 gram.  
Extracto de gramma. . . . . q. s.  
para 120 pilulas.

Dóse, de 2 a 5 pilulas por dia nas hydropesias.

As mesmas precauções, que para as pastilhas relativamente á conservação.

*Pós de salicilito de potassa ou de soda.*

Salicilito de soda ou de potassa bem secco 2 gram.  
Assucar de leite pulverisado . . . . . 15 »  
Misture-se, e divida-se em 60 papeis.  
Dous a quatro papeis nas hydropesias.

Estes dous saes podem ainda prescrever-se debaixo da fórma liquida ou em xaropes, poções, &c., em consequencia de serem soluveis.

Todas estas preparações devem ser calculadas sobre as do acido saliciloso.

*Xarope de salicilito de potassa. (\*)*

Salicilito de potassa . . . . . 25 centigram.  
Xarope simples . . . . . 30 gram.  
Dissolve-se.

*Poção com o xarope de salicilito de potassa.*

Xarope de salicilito de potassa . . . . . 30 gram.  
Agua de flôr de laranjeira . . . . . 150 »  
Uma colher de sôpa todas as duas horas.

*I. J. Gonçalves.*

*(Extrahido do J. de Pharm. de Lisboa.)*

---

(\*) Este xarope não deve ser preparado com antecedencia, porque se de compõe, e se transforma em formiato de potassa; e em acido melanico.

*Colla forte liquida.*

Sabe-se desde muito tempo que a dissolução de gelatina, quando tem sido aquecida e resfriada por muitas vezes em contacto do ar, se modifica de um modo muito notavel, e perde a propriedade de se tornar em geléa pelo resfriamento. O Sr. Dumaulin estudou a causa desta transformação, que os chymicos não sabem ainda explicar, e têm procurado estabelecer por algumas reacções que o oxygenio do ar é o agente principal desta metamorphose.

Para apoiar esta hypothese, o Sr. Dumaulin chama a attenção dos chymicos sobre a acção particular que exerce sobre uma dissolução de gelatina uma pequena quantidade de acido azotico. Com effeito, debaixo da influencia deste acido, a gelatina se modifica, do mesmo modo que acontece debaixo da influencia de um calor prolongado, e dá um producto tão perfeitamente estavel, que se vende no commercio debaixo do nome de *Colla liquida e inalteravel*. Este producto applica-se a frio, e presta grandes serviços em muitas e consideraveis industrias.

Ainda que senão possa pensar, que o Sr. Dumaulin tenha pelo unico facto desta aproximação engenhosa, explicado a reacção por meio da qual a gelatina se transforma em colla liquida, referiremos aqui, por causa dos serviços, que esta substancia póde ainda vir a prestar nos laboratorios de pharmacia, o processo, que o Sr. Dumaulin indica para a sua preparação.

Este processo consiste em dissolver em M. B. um kilogramma de colla forte em um litro de agua; agitando esta mistura por diversas vezes, obtem-se bem depressa uma dissolução completa.

Neste momento, lança-se pouco a pouco, e por pequenas porções 200 grammas de acido azotico a 36°: a cada addição do acido produz-se uma abundante effervescencia de gaz hypo-azotico. Quando todo o acido tem sido introduzido, tira-se o vaso do fogo e deixa-se esfriar.

O Sr. Dumaulin tem empregado esta colla para molhar as tiras de panno ou de papel, destinadas a lutar osapparelhos de desenvolvimento de diversos gazes: os pharmaceuticos perceberão facilmente toda a importancia desta substancia, quando souberem do Sr. Dumaulin que, conservada

durante dous annos em contacto do ar n'um frasco destapado, ella não soffreu especie alguma da mais leve alteração.

(*Ab. Med.*)

*Extracto liquido de sene.*

Sene em pó grosso . . . . .	1,000 gram.
Assucar . . . . .	600 »
Essencia de funcho. . . . .	4 »
Esp. de Ether composto. . . . .	6 »
Alcool diluido . . . . .	2,000 »

Misture-se o sene com o alcool diluido, e deixem-se em contacto por vinte e quatro horas: introduza-se a mistura n'um apparelho de deslocação, e deite-se-lhe pouco a pouco agua misturada com um terço em peso de alcool até que se tenham obtido 7,500 grammas de liquido. Faz-se evaporar em B. M. até á redução de 500 grammas: ajunta-se o assucar e feita a dissolução addiciona-se-lhe o espirito de ether composto, tendo a essencia de funcho em solução.

Dóse: de 4 a 8 grammas, em uma porção apropriada.

Purgativo tonico, muito empregado nos Estados-Unidos, na dyspepsia. (*Ab. Med.*)

---

**Tabella dos medicamentos, vasilhame, instrumentos, utensils, e livros, organisados em virtude do Art. 57 do Regulamento da Junta Central de Hygiene Publica de 29 de Setembro de 1851 para as Boticas do Imperio.**

(São indispensaveis as substancias não marcadas com o signal \*)

(*Conclusão.*)

- \* Tintura de absintho.
- » » aconito.
- » » alfazema.
- » » » composta.
- \* » » aloés.

- \* Tintura de aloés composta.
- » » arnica.
- » » assafedida.
- » » assafrão.
- \* » » balsamo peruviano.
- » » benjoim.
- » » » composta.
- » » belladona.
- » » bryonia.
- » » canella.
- » » cantharidas.
- \* » » cato.
- » » castóreo.
- » » » composta.
- \* » » cicuta.
- » » colchico.
- » » digitalis.
- \* » » eleboro-negro.
- » » escamonea.
- » » genciana.
- » » guaiaco.
- » » iodo.
- \* » » ipecacuanha.
- » » jalapa.
- » » meimendro.
- » » myrrha.
- » » » composta.
- » » noz vomica.
- » » opio de Londinense.
- » » pipi.
- » » quassia.
- » » quina.
- » » » composta.
- » » rhuibarbo.
- » » sabão.
- » » » com opio.
- » » scilla.
- \* » » senne.
- » » valeriana.
- \* » ammoniacal de guaiaco.
- » » » valeriana.
- \* » muriatica » ferro.

Tintura purgativa de Le-Roy. — 1.º 2.º 3.º 4.º

Tuthia.

Unguento de althéa.

» » artanita.

» basilicão.

» de brionia.

» » minio.

» mercurial.

» nervino.

» populeão.

» de sabina.

Unto de porco p. p.

Valerianato de ferro.

» » quinina.

» » zinco.

\* Veratrina.

\* Vinho de absintho.

\* » » aloés.

» » antimonio.

\* » aromático.

\* » anti-scorbutico.

\* » diuretico.

» de ferro.

» » ipecacuanha.

» » opio de Rosseau.

» » » de Syd.

» » colchico.

» » quina.

» » » composto.

\* » » rhuibarbo.

» » scilla.

\* » » senne.

\* Vinagre.

» aromático.

» distilado.

» de scilla.

Xarope de assucar.

» » acetato de morphina.

\* » » Cuisinier.

» » diacodio.

» » gomma arabica.

» » ipecacuanha.

Xorope de pontas de espargos.

» » raizes aperientes.

» » rhuibarbo.

**Vasilhame, instrumentos, machinas, etc., que devem  
fazer parte de uma botica.**

VASILHAME.

O vasilhame deve constar de vasos de diferentes materias, apropriados para conter os medicamentos aqui mencionados, e vem a ser: vidros de diversas capacidades, de boca larga e estreita e de rolhas da mesma substancia; vasos de porcellana ou outra louça, caixas de madeira hermeticamente fechadas e latas de folhas de Flandres.

Alambique de cobre estanhado.

\* Alambique de vidro.

Almofariz de bronze grande.

» » » pequeno.

\* Alongas de vidro.

\* Apparelho de lixiviação ou deslocação para tinturas e extractos.

Areometros para acidos, espiritos e xaropes.

Bacias de pó de pedra.

Balanças grandes.

» granataria.

Cadinhos.

Canecas de pó de pedra.

Campanas de vidro.

Capsulas de porcellana e de vidro.

Cassarolas de folha.

» de ferro esmaltadas.

Coadores de algodão, lã, e linho.

Copos de vidro graduados.

Cuba para agua.

Escumadeiras.

Espatulas de ferro ordinarias.

» » » elasticas

» » marfim ou osso.

» » vidro.

Estufa.

Fornalhas fixas.

» volantes (fornos de evaporação).

» de reverbero.

Frascos tubulados.

Funis de louça, metal, e vidro.

Grás de marmore, massa, e vidro.

Grosas, e limas de aço.

Lampadas de espirito de vinho.

Machinas de fazer pilulas.

» » estender emplastros.

\* Matrazes.

Pedra de porpherisar.

Peneiras de crina e de seda.

**Livros que devem as boticas possuir.**

Codigo francez.

Conspecto das pharmacopees, por Jourdan.

Materia medica, e formulario de Bouchardat.

Pharmacopea geral.

Pharmacopea de Foy.

Codigo pharmaceutico e pharmacographia de Agostinho  
Albano da Silveira Pinto (ultima edição).

Um livro para registro das receitas.

Um dito para assentamento das substancias venenosas  
que se venderem, sua qualidade e quantidade, nome  
do comprador e dia da venda.

Está conforme.

*Dr. Herculano Augusto Lassance Cunha, Secretario.*





**Medicamentos Brasileiros que podem substituir os exóticos na pratica da medicina no Brasil, pelo Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto.**

(Continuação do numero antecedente.)

## FAMILIA DAS CONVULVULAGEAS.

A raiz de um grande numero de trepadeiras, especie desta familia, é lisa, carnosa, succolenta, doce e empregada para nutrimento do homem, entre outras notaremos as batatas (*convolvulus batatas* L.); em algumas especies desta familia, a raiz contém mais uma materia resinosa, que lhe dá um sabor acre, amargo, desagradavel, e propriedades purgativas. É com esse fim que se empregão em medicina as raizes de jalapa (*convolvulus jalapa*, L.) turbith (*convolvulus turpetum*, L.), mechoação (*convolvulus mechoacan*, L.).

Algumas das especies que vegetão no Brasil tem a raiz carnosa e purgativa. Contentar-nos-hemos de mencionar a vulgarmente conhecida por *batata de purga*. MACGRAVE descreveu e representou esta especie com o nome de *jeticum*, seu radix mechoacan (liv. 1, cap. 22). Mais tarde B. A. Gomes a fez conhecer com o nome de *convolvulus operculatus*, nas memorias das correspondencias de Lisboa, no anno de 1812, pag. 27. Finalmente M. Martius collocou esta especie no genero *ipomea* com o nome de *ipomea operculata*. A raiz desta especie tem as mesmas propriedades que a de jalapa e extrahe-se della uma resina, que é empregada na dóse de um a dous escropulus.

## FAMILIA DAS LEGUMINOSAS.

O tamarindo (*tamarindus indica*, L.) primitivamente originario da India, é ha muitos seculos cultivado, e de alguma sorte naturalisado, em quasi todo o mundo. Suas vagens fornecem uma polpa acidula, que é empregada como um laxativo brando e refrigerante.

Grande numero de especies do genero *cassia* se fazem notaveis por suas propriedades purgativas, e substituem no Brasil as especies, que com esse fim se empregão na Europa: assim as folhas de algumas especies, e entre outras, as de

*cassia cathartica* de M. MART. são iguaes por suas propriedades ás do sene do Egypto e da Arabia (*cassia acutifolia*, DELILE), tão frequentemente empregada na Europa. Esta especie brasileira cresce nas provincias de S. Paulo e Minas, e é vulgarmente conhecida por *sene do campo*; existem ainda outras especies pouco conhecidas, e que por falta de observações não são empregadas. Não duvidamos que experiencias bem dirigidas conduzissem á descoberta de outras muitas especies que gozão das mesmas propriedades, e de entre as quaes se escolherião depois aquellas, que por sua actividade merecessem preferencia.

Não são só as folhas desta especie que são empregadas como purgativo, seus fructos possuem tambem as mesmas propriedades. Uma das especies deste genero, a *cassia brasiliana*, L. ou *cathartocarpus brasiliana*, JACQUIN, arvore mui elevada, que cresce nas matas humidas, é, no Brasil, o substitutivo da canafistula (*cathartocarpus fistula*, PERS.), que cresce e se cultiva em todos os paizes quentes do antigo continente. Suas vagens são negras, rugosas, celindricas e algumas vezes tem alguns pés de comprimento; a polpa contida nas lojas, de sabor adocicado, é um purgativo brando e inofensivo, e goza absolutamente das mesmas propriedades que a canafistula. O pericarpo tem um sabor mui adstringente, e os Brasileiros o empregão no cortume dos couros; esta materia lhes communica ao principio uma côr amarelada que passa depois a preto.

PISON (liv. 4, cap. 19) menciona com o nome de *caaroba*, uma arvore da familia das leguminosas, que cresce em Pernambuco; suas folhas são lanceoladas, tem um sabor amargo, e são empregadas como purgativas.

## FAMILIA DAS VIOLARIADAS.

M. Aug. de Saint-Hill. descreveu com o nome de *anchieta salutaris* um arbusto da familia das violariadas, notavel por suas capsulas visiculosas, e seus grãos bordados de uma membrana em todo o seu contórno. Esta planta é mui commum nos arrebaldes da capital. Segundo o naturalista francez, a raiz da *anchieta* é empregada como purgativo; porém junta o mesmo M. Saint-Hill. ella merece menos attenção por essa propriedade, que pela de curar as moles-tias de pelle. Na Europa os praticos considerão a *violeta*

*selvagem*, outra planta desta familia, como depurativa e util contra certas affecções cutaneas; é notavel que os Brasileiros tenham achado esta propriedade em outra planta da mesma familia, tão differente em seu aspecto exterior. A opinião dos Brasileiros, diz *M. Saint-Hill.*, não póde ser o resultado da observação, e confirmando as propriedades depurativas das violariadas dever-se-hia, me parece, engajar os profissionais á fazer novos ensaios sobre as violetas indigenas.

### FAMILIA DAS IRIDIADAS.

Muitas plantas, na familia das iridiadas, tem uma raiz ou caule subterraneo espesso e carnoso; quasi toda a massa se compõe de secula amilacea, a que está unido communmente um principio mais ou menos acre, que dá a outras raizes uma propriedade purgativa bastante energica. Isto se observa na raiz de um grande numero de especie do genero *iris*. No Brasil esta mesma propriedade se encontra em algumas plantas desta familia, e em particular na raiz de duas especies do genero *ferraria*, que *M. Martius* designou com os nomes de *ferraria purgans*, e *ferraria cathartica*. Uma e outra crescem nos lugares elevados da provincia de Minas; sua raiz é vulgarmente chamada pelos habitantes, *rhuibarbo do campo e piretro*. Sua acção não é mui activa, e dá-se em geral na dóse de duas a quatro oitavas. O modo de administração mais usado consiste em extrahir o succo da planta ainda fresca, e então dá-se na dóse de uma a duas oitavas.

### FAMILIA DAS MELIACEAS.

(*Marinheiro de folha miuda.*)

Assim se chama, diz *M. Martius*, no interior das provincias de Minas e Bahia, um pequeno arbusto, cuja raiz tem uma casca, que principalmente no estado recente, é mui amarga, e é empregada internamente em decoção, ou externamente em clisteres, nas febres terçãas, hydropesias e outras molestias do systema lymphatico; é a *trichilia cathartica*, de *MART.* Esta especie é provavelmente a mesma descripta por *PISON* com o nome de *jito* (liv. 4, cap. 33). O que elle diz da acção energica da casca da raiz, como drastico, se acha pelo testemunho dos medicos Brasileiros, em gráo mais

elevado no *marinheiro de folha larga* ou *tuaicoa* (*trichilia glabra*, L.). As cascas novas, principalmente as da raiz, são um excitante mui energico do systema lymphatico, e empregão-se internamente e em clisteres contra a anasarca, edema dos membros inferiores, endurecimento do tecido cellular, syphiles, icterice e obstrucção do figado e baço, &c. Para preparar um clister põe-se um pugilo de casca fresca e contusa á macerar em agua fria, junta-se quatro colheres de oleo e bastante assucar mascavo, para bem edulcorar a infusão. O clister assim preparado produz de seis a oito evacuações copiosas. Internamente toma-se a infusão fria e edulcorada com assucar refinado, ás chicaras, e esse modo de applicação dá lugar igualmente á algumas evacuações por cima e por baixo. O emprego deste remedio faz diminuir a febre, desaparecer as edemacias, augmentar o appetite, e restabelecer a integridade das funcções digestivas em um curto espaço; entretanto deve-se usar delle com muita precaução. Prescreve-se tambem como emmenagogo, e para remediar á esterilidade.

A esta especie se approxima por suas propriedades uma outra arvore da mesma familia, a *guarea trichilioides*. L. AUBLET, em sua obra sobre as plantas da Guyana diz que o succo que della se extrahê é um emeto-cathartico poderoso.

## FAMILIA DAS RUBIACEAS.

Esta familia é em geral pouco abundante em medicamentos purgativos; no entanto as plantas do Brasil nos fornecem alguns exemplos:

### 1.º RAIZ DE CAINCA.

Esta raiz, que se designa igualmente por *caincaha*, e *raiz preta*, pertence á uma especie do genero *chiococca*, mui proxima do *chiococca racemosa* de Linneo, e que M. Martius descreveu e figurou com o nome de *chiococca anguicida*, em seu *specimen materia medica brasiliensis*, p. 17, t. 5. Uma outra especie do mesmo genero foi designada pelo mesmo sabio com o nome de *chiococca densifolia*; parece gozar das mesmas propriedades que a *chiococca anguicida*. O professor Achille Richard foi o primeiro que publicou em Paris

uma descripção exacta desta raiz, no jornal de chimica medica (janeiro de 1829). Vamos reproduzila :

« A raiz da cainca é ramosa, e vermelha escura, composta de ramos celindricos de dous a tres pés de comprido, da grossura de uma pena de escrever, ou muito mais delgada, offerecendo algumas fibrinhas radicaes delgadas e muito ramificadas; as raizes são obscuramente estriadas longitudinalmente, o que lhe dá alguma semelhança com a ipecacuanha striada, ou do Perú (*psychotria emetica* L.), offerecendo de distancia em distancia pequenos tuberculos irregulares, que parecem ser restos de antigas radículas, e algumas fendas transversaes, resultado da dessiccação. Estas raizes se compõe de uma parte externa ou cortical mui delgada, primitivamente carnosa, coberta externamente por um epiderma escuro e adherente, e que destacado tem uma côr branco-sujo; por baixo da parte carnosa acha-se o eixo lenhoso, que fórma quasi toda a massa da raiz. Esta parte cortical, que é como resinosa tem um sabor amargo mui desagradavel, um pouco acre e ligeiramente adstringente; o sabor desaparece inteiramente na parte lenhosa que é insipida.

No meio dos fragmentos, cuja descripção traçamos, achão-se outras porções que são, ou verdadeiros caules aereos, ou ramos longitudinaes, deitados no terreno, e de cujo nós tem nascido radículas. Distinguem-se facilmente os caules e ramos das verdadeiras raizes; porque são mais rectos e regulares, e apresentam um canal medular em seu centro. O sabor de sua parte cortical é menos bem pronunciado que o das raizes, de sorte que não duvidamos que elles sejam menos activos.

« A raiz da cainca é mui empregada no Brasil, e seu uso introduzio-se á algum tempo na terapeutica europea; esta raiz é usada em duas circumstancias differentes: 1.º contra mordedura das cobras venenosas; 2.º contra as obstucções das viceras abdominaes, e sobre tudo nas hidropesias.

« Quando se quer administrar a raiz de cainca como a *lexi pharmaco*, eis a maneira de que se faz uso : tira-se a parte cortical da raiz ainda fresca, e macera-se em uma pequena quantidade d'agua, até que tenha abandonado todas as suas partes solúveis ; dá-se depois ao doente a agua sobre-carregada de principios activos, e ainda turva ; ella tem assim um sabor amargo e desagradavel. Este medicamento administrado por esta fórma produz effeitos violentos ; o doente que até então estava em estado de abatimento extremo, podendo apenas mover-se em seu leito, desde que toma o medicamento tem eructações frequentes, agitação extrema, sem poder conservar-se em seu leito ; depois de alguns expasmos violentos declarão-se vomitos terriveis seguidos de degecções alvinas mui abundantes ; estas ultimas alivião visivelmente o doente, e logo que cessão são substituidas por suores copiosos, que acompanhão um somno doce e reparador. Durante todo o tempo que durão estes differentes phenomenos applica-se sobre a mordedura da cobra a raiz fresca e contusa, que se renova frequentemente ; outras vezes junta-se algumas plantas irritantes, como o *plumbago scandens*, o *spilanthus brasilienses*, &c. A dóse da raiz é de duas a quatro oitavas ; póde-se repetir esta dóse duas ou tres vezes por dia. »

Não é só contra a mordedura das cobras que se emprega a raiz da cainca ; administra-se tambem com muito successo contra a hidropesia. Alguns praticos na Europa a tem administrado com feliz successo contra esta molestia.

Póde-se, segundo *M. Martius (specimen. mat. med. Bras. p. 19)*, empregar nos mesmos usos a raiz de uma outra planta da familia das Rubiaceas, que elle descreveu e figurou com o nome de *manettia cordifolia*, t. 7.

## 2.º MANACA.

Uma outra planta da familia das Rubiaceas, que se emprega, ainda nas mesmas circumstancias, é a que *Pison* descreveu e figurou com o nome de *manaca* (lib. 4, chap. 43). É um arbusto que cresce em lugares sombrios ; suas flôres são

pequenas, umas azues, outras brancas; exalão um cheiro suave semelhante ao do Narciso; os fructos que lhe succedem são bagas do tamanho de um grão de zimbro.

A raiz é longa, solida, esbranquiçada; seu sabor é amargo e acre. Reduzida a pó é mui empregada em medicina. É um remedio mui energico, violento e mesmo perigoso; obra como emetico, e purgativo com grande energia; por isso só se o administra a individuos robustos, e muitas vezes mitigando sua acção, com alguns correctivos. A dóse deve ser de alguns grãos sómente, e mais fraca mesmo que a da escamoneia, por ser a manaca um purgativo drastico muito mais violento.

### FAMILIA DAS APOCYNEAS.

O succo branco e leitoso que existe na maior parte das apocyneas lhes dá propriedades purgativas e muitas vezes venerosas. Na provincia de Minas os habitantes do sertão designão por *tiborna*, um bello arbusto que cresce nos lugares montanhosos de algumas partes do Brasil, é a *phemeria drastica* do professor *Martius*. Serve-se especialmente de seu succo leitoso, logo que se o extrahe do caule, ou dos ramos; lança-se algumas gotas delle em uma emulsão de amendoas que obra então como purgativo energico. Póde-se tambem por meio do calor brando evaporar este succo e dar-lhe a fórma de extracto. A dóse deve ser extremamente fraca porque elle obra com grande energia. Emprega-se principalmente contra as hydropesias passivas, e algumas vezes tambem contra as febres intermitentes.

O. A.

(*Continúa.*)

# REVISTA PHARMACEUTICA.

2.º ANNO.

N.º 10. — ABRIL DE 1853.

VOL. II.

**Relatorio dos trabalhos da Sociedade Pharmaceutica Brasileira durante o 2.º anno de sua existencia, lido na sessão anniversaria do dia 6 de Abril de 1853 por J. C. S. C., I.º Secretario.**

SENHORES.

Dous annos estão decorridos que se consumou um facto, cuja lembrança jámais se apagará da memoria dos pharmaceuticos brasileiros.

Ao dia 30 de março de cada anno achar-se-ha para sempre ligada a mui grata recordação de se haver dado á pharmacia da nossa terra, até então acephala, um representante sob o titulo de—Sociedade Pharmaceutica Brasileira.—

Hoje pela segunda vez esta sociedade congratula-se de ver os seus membros reunidos em sessão anniversaria para comemorar o segundo anno de sua existencia.

O posto de honra, que ainda esta vez devo á extrema indulgencia de meus collegas para comigo, me impõe o indeclinavel dever de vos narrar os trabalhos, ainda que limitados, do nosso segundo anno social.

Principiando por aquelles mais anteriores que constituirão os primeiros trabalhos do segundo anno de nossa vida social, terei de referir os que tiverão lugar na sessão do dia 5 de abril do anno proximo passado.

Nesta sessão a sociedade ouviu a leitura de um officio da Junta Central de Hygiene Publica, no qual esta lhe agradeceu a sollicitude que aquella empregára em observar<sup>2</sup>lhe alguns defeitos do seu regulamento em um officio que anteriormente esta sociedade lhe tinha dirigido sobre este objecto.

Proseguindo os trabalhos desta sessão teve lugar a eleição, que, segundo a lei que nos rege, procede-se annualmente, para os cargos sociaes, os quaes serão preenchidos com a reeleição dos mesmos membros que os occupavão, a excepção do seu vice-presidente e redactor.



Veio pôr termo aos trabalhos sociaes nesta sessão a ordem do dia para a proxima reunião, que constou da discussão de um projecto de reforma do curso pharmaceutico, para cuja discussão forão convidados os illustres lentes de sciencias accessorias da Escola de Medicina.

Esta reunião verificou-se no dia 19 de abril, á qual se dignou assistir o nosso illustre mestre, e distincto professor de botanica da Escola de Medicina, o Illm. Sr. Dr. Freire Allemão.

Toda a attenção da sociedade convergio para o interessante assumpto de que se ia tratar, qual a discussão de um projecto de reforma do Curso Pharmaceutico das Escolas Medicas do Imperio.

Esgotada a discussão sobre tão importante objecto para a classe pharmaceutica do nosso paiz, foi approvada a idéa de se dirigir uma representação ao governo sobre a necessidade da reforma do Curso Pharmaceutico das Escolas de Medicina do Imperio.

Nessa representação mostrarão os seus fautores a palpitante necessidade de se estabelecer sobre mais solidas bases a instrucção scientifica daquelles que se consagrão á arte pharmaceutica entre nós.

Entre outras considerações nella expendidas foi lembrada a creação de uma cadeira de pharmacia pratica, o titulo de bachareis em sciencias naturaes aos que completarem o curso com plena approvação de todas as disciplinas exigidas, e a concessão á esses pharmaceuticos de viajarem pela Europa á expensas do Estado.

Se aquelles que dirigem os destinos do nosso paiz attenderem ao respectivo pedido que esta sociedade lhe dirige, a pharmacia brasileira ser-lhes-ha credora de um serviço, que pela sua importancia e immenso alcance tem de lhe preparar os mais bellos dias de gloria e exaltação, depois de uma existencia tão olvidada.

Á esta sessão succedeu a que se effectuou no dia 24 de maio, durante a qual uma bem escolhida ordem do dia foi o objecto de uma animada discussão.

A interessante questão que constituiu esta ordem do dia foi desenvolvida por aquelles de nossos collegas que nella tomárão parte de uma maneira que cada qual julgou mais satisfactoria e conveniente aos interesses da sciencia e humanidade.

Reconhecendo a sociedade a importancia de semelhante materia, adiou a sua discussão, afim de receber um maior desenvolvimento em outra reunião, com a presença de um maior numero de seus membros.

D'entre os factos decorridos no mez de junho não ficará deslembrado o seguinte :

Fiadou nesse mez a redacção do 1.º anno da *Revista Pharmaceutica*, a cargo do nosso erudito collega e consocio o Illm. Sr. Dr. E. C. dos Santos, por ter a eleição para a redacção do 2.º anno dessa gazeta recahido na pessoa de seu illustrado successor o Illm. Sr. Dr. Oliveira Araujo , nosso digno consocio.

Percorrendo-se as paginas da *Revista*, no 1.º anno de sua existencia, ninguem deixará de reconhecer a sollicitude e pericia com que aquelle nosso laborioso collega soube advogar os interesses scientificos e humanitarios em uma época em que o mais intoleravel septicismo e indiferença afogão ao nascer as mais bellas esperanças , e a mais decidida vontade.

O talentoso e distincto successor daquelle nosso collega , seguindo a mesma vereda tem mostrado como soube comprehender de uma brilhante maneira a ardua missão de que foi revestido.

Em sessão do dia 7 deste mesmo mez, a sociedade ouviu com prazer a grata noticia de ter sido o seu respeitavel presidente nomeado para fazer parte da commissão, que, segundo o regulamento da Junta Central de Hygiene Publica acha-se encarregada das visitas ás pharmacias.

Foi reconhecida finalmente pelo governo a necessidade de incorporar um pharmaceutico á essa commissão, que unicamente composta de medicos, não podia preencher de uma maneira cabal o seu fim, sem a coadjuvação de um pharmaceutico, e recahindo tal nomeação na pessoa de um , cujas luzes, patriotismo e rectidão são tão notorias, a Sociedade Pharmaceutica não pôde deixar de se congratular por tão bem acertada escolha.

Nesta mesma sessão a sociedade mostrou quanto ella pugna pelo fiel cumprimento e observancia da lei, resolvendo que por meio de annuncios publicos se levasse ao conhecimento da corporação medica desta capital o firme proposito em que ella se achava de observar restrictamente os artigos 41 e 42 do regulamento da Junta.

Nos seus trabalhos do mez de agosto sobresahe um officio que esta associação dirigio á Junta Central, offerecendo-lhe as paginas da sua *Revista*, para nella serem publicados os resumos dos seus trabalhos.

A Sociedade Pharmaceutica assim procedendo não teve em vista mais do que o bem publico, porque tal publicação dos trabalhos da Junta havia de eselarecer o povo sobre todas as medidas e deliberações tomadas por ella em beneficio da sua saude.

Os desejos da sociedade forão em parte realisados com a recepção de um officio da parte da Junta, com data de 16 de setembro do anno proximo passado, communicando-lhe que sollicitára e obtivera autorisação do governo para dar publicidade aos trabalhos da Junta.

Desta sorte ficou a expectativa da sociedade satisfeita, podendo publicar no seu jornal todos aquelles trabalhos da Junta, que não envolvão materia reservada, e de cuja publicação não possa resultar compromettimento algum para o serviço publico.

Assim, pois, a Sociedade Pharmaceutica teve mais uma occasião de se rigosijar, cooperando para um tão justo fim, e que tão immediata relação tem com a saude do povo.

Uma commissão encarregada de dar o seu parecer sobre um trabalho, que anteriormente já tinha sido apresentado á esta sociedade, ácerca do estudo dos differentes processos, de se prepararem os extractos e tinturas, apresentou em sessão do dia 2 deste mesmo mez o resultado do seu estudo e observação.

Neste trabalho a commissão esforçou-se em satisfazer as vistas da sciencia e da sociedade, apresentando-lhe o fructo do seu trabalho, que mereceu a sua approvação.

Tendo esta sociedade recebido do Exm. presidente do Ceará uma porção d'agua sulphurôsa, encontrada nessa provincia, ella tratou logo de nomear uma commissão encarregada da analyse dessa agua.

Achando-se a mesma commissão sobre-carregada de outros trabalhos anteriores, que mais urgem, ainda não pôde satisfazer a missão com que esta sociedade quiz honra-la, mesmo porque ella julga mais conveniente dar principio a esse trabalho logo que ella possa dispôr de outra igual porção dessa agua mineral em estado mais recente.

Durante o mez de janeiro do corrente anno, o dia 24 do mesmo mez foi consagrado á uma sessão, para a qual forão convocados os nossos consocios, afim de se occuparem de um objecto que não podia ser indifferente á classe pharmaceutica do nosso paiz.

A publicação da tabella que a Junta acabava de fazer, concernente aos medicamentos que as officinas devem possuir, veio chamar a attenção da Sociedade Pharmaceutica. Como a Junta entendesse que nessa sua tabella fossem dispensados de existirem certos medicamentos, a Sociedade Pharmaceutica reunindo os seus membros, procurou por meio de uma franca e leal discussão chegar a um meio, que mais acertado fosse para levar ao conhecimento da Junta, que semelhante tabella assim organisada não podia de fórma alguma estar em harmonia com as exigencias da arte pharmaceutica entre nós.

Portanto, ella dirigio-se á Junta por meio de um officio, no qual lhe ponderou as justas razões em que se escudava para lhe tornar patente a necessidade de reformar essa sua tabella.

Não tendo por ora a Junta manifestado uma resposta qualquer, comtudo a nossa associação nutre esperanças de que os seus dignos membros não se mostrarão adversos ao justo reclamo que partio do seio desta associação.

Uma associação scientifica de S. Paulo, o — Ensaio Philosophico Paulistano —, patenteou á nossa sociedade, em termos muito lisongeiros para ella, o desejo de manter relações scientificas com nosco, assim como pedindo a permutação dos respectivos jornaes.

A Sociedade Pharmaceutica manifestou o seu rigosijo por tão vantajosa aquisição, levando ao conhecimento dos dignos membros dessa corporação quanto era agradavel para ella ver augmentadas as suas relações com a offerta de seus irmãos Paulistanos.

O trabalho de um codigo que esta sociedade confiou á uma commissão que elegeu d'entre os seus membros, infelizmente não tem progredido como era de esperar, em consequencia de causas muito justas que tem paralisado a marcha desse trabalho.

O material que na actualidade existe preparado, os esforços que tem feito os membros dessa commissão hão de per-

mittir que ella conclua com a brevidade que fôr possível a ardua tarefa de que foi encarregada.

Dirigindo agora a nossa attenção para o aspecto que apresentam os nossos negocios economicos, não podemos deixar de reconhecer que elle é agradável e lisongeiro.

Os fundos sociaes tem recebido incremento já com a entrada de novos membros para o seio de nossa associação, já com o rendimento que elles produzem nos estabelecimentos onde se achão depositados.

O fornecimento de medicamentos para as enfermarias do novo hospital da Santa Casa da Misericordia, que o seu Exm. provedor se dignou propôr a esta sociedade, e que por ella foi aceito sob determinadas condições, vai concorrendo de uma maneira muito vantajosa para o augmento dos fundos do nosso cofre social.

Este fornecimento que conta até o dia 15 de março proximo passado oito mezes de realisado, assim como a venda de drogas a diversos, deixarão lucros bem manifestos ao cofre da sociedade, como melhor vos demonstrará o balanço que tem de vos ser apresentado hoje pelo digno thesoureiro desta sociedade.

Conta actualmente em seu seio a nossa associação 62 membros contribuintes, 11 honorarios, e 2 correspondentes.

Eis, senhores, em resumido e mal traçado relatorio, patentes os feitos da Sociedade Pharmaceutica durante o segundo anno de seu viver.

Se a sciencia e humanidade não são por ora devedoras á nossa associação de grandes e importantes serviços, não é porque lhe tenham fallecido bons desejos, mas sim porque só entaves tem ella encontrado pelo espinhoso caminho já encetado.

Convém, pois, senhores, não deixar arrefecer o nobre entusiasmo pela sciencia, que será o phanal que nos deve guiar no proseguimento da missão que abraçamos.

Concorrã cada um de nós com o seu contingente, ainda que fraco, em prol da sciencia e da saude de nossos semelhantes, que teremos cumprido dignamente a nossa missão.

A posteridade será o competente juiz que decretará o merecido galardão á aquelles que só antolhando fadigas e arduas labôres tiverão por unica mira a *exaltação da pharmacia brasileira*.

**Officio do Presidente da Junta Central de Hygiene Publica em resposta ao que lhe dirigio a Sociedade Pharmaceutica Brasileira sobre a tabella de medicamentos publicada pela mesma Junta.**

Illm. Sr. — Fiz presente á Junta Central de Hygiene Publica o officio dessa sociedade, de 26 de fevereiro ultimo, em que representa contra a deliberação tomada pela mesma Junta, de dispensar na tabella dos medicamentos que foi publicada, muitas substancias que essa sociedade nella incluire, reputando-as necessarias e indispensaveis a uma officina, para satisfazer as exigencias da arte medica neste paiz: e a Junta tomando em consideração o que se expõe no citado officio, resolveu que se respondesse o seguinte: 1.º Dispensando na tabella dos medicamentos, organizada por essa sociedade, muitas substancias que nella se achavão incluidas, a Junta entendeu não dever exigir senão aquellas, cuja falta em qualquer botica poderia em circumstancias urgentes comprometter a vida dos doentes, pela morosidade dos soccorros; ou aquellas que, embora de muito menor importancia therapeutica, são quotidianamente procuradas, ou por seu baixo preço, ou pelo seu constante emprego nas enfermidades e incommodos passageiros que não demandão os cuidados de um medico, ou finalmente pelo antigo e inveterado costume que os tem tornado de uso popular. 2.º Não exigindo a Junta como indispensaveis algumas substancias de alto preço no commercio, e de não urgente necessidade na pratica vulgar da medicina, quiz ella facilitar á mocidade sahida das escolas o estabelecimento das officinas pharmaceuticas, e prevenir dest'arte uma especie de monopolio que seria feito pelos individuos mais favorecidos da fortuna, e dispendo de mais avultados fundos; o que redundaria em detrimento da profissão da pharmacia e do mesmo publico, que deve ganhar com a multiplicação das boticas. Taes forão em resumo as razões de mais tomo que determinárão a Junta a dispensar na tabella algumas substancias medicamentosas;

porém uma vez que esta dispensa não tolha aos pharmaceuticos o sortirem suas boticas o mais completamente que se possa desejar, e o prepararem em suas officinas os medicamentos dispensados na tabella, e dos quaes muitos até agora nos tem sido fornecidos pelos paizes estrangeiros; não devia a Junta exigir que todas as boticas tivessem taes medicamentos pela simples razão de poderem elles ser preparados pelos pharmaceuticos nacionaes. Por estas razões, pois, entende a Junta não dever por ora reformar a tabella que foi publicada.

Deos guarde a V. S. Rio de Janeiro, 4 de abril de 1853.  
— Illm. Sr. Ezequiel Corrêa dos Santos, Presidente da Sociedade Pharmaceutica. — *Francisco de Paula Candido.*

---

### Bebida Hygienica.

O Sr. Dr. Mazard, medico da prisão central de Limoges, tendo reconhecido pelos muitos annos de experiencia, que a *agua envinagrada*, que se costumava dar aos presos vigorosos ou robustos, durante os mezes de junho, julho e agosto de cada anno não convinha aos de constituição deteriorada tratou de substituir esta bebida. Para isso estudou, com o pharmaceutico o Sr. Duboys, todas as receitas conhecidas (e que são em grande numero) das *bebidas* chamadas economicas, mas não se resolverão a adoptar alguma: todas as formulas, ainda que mui boas, sahião por um preço elevado, pelo que não erão aceitas pela administração. Por conselho do Sr. Mazard, o Sr. Duboys fez alguns ensaios com o alcaçuz e o lupulo: eis ahi a formula pela qual depois das competentes experiencias este pharmaceutico se regula:

Raiz d'alcaçuz machucada . . . . .	6 kilogr.
Flôres de Lupulo . . . . .	1 »
Agua. . . . .	900 litros.

De uma parte lança-se sobre o alcaçuz 10 litros d'agua fervendo, que se agita de espaço em espaço: faz-se infundir o lupulo durante toda a noite. No dia seguinte de madrugada faz-se coar o infuso de lupulo, que se reune ao d'alcaçuz e junta-se o resto da agua. O alcaçuz conserva-se na tizana todo o dia: meche-se por diversas vezes e depois d'algumas horas de repouso começa-se a distribuição.

Esta bebida tão simples, a que os presos dão o nome de *pequena cerveja* fica por 1 centimo cada litro, e desde que ella é empregada, a saude dos presos se tem melhorado, e entrão menos vezes na enfermaria. O uso desta bebida tonica deve ser recommendado aos trabalhadores, principalmente quando andão expostos ao ardor do sol.

(J. de Ch.)

---

**Medicamentos Brasileiros que podem substituir os exoticos na pratica da medicina no Brasil, pelo Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto.**

(Continuação do numero antecedente.)

#### IV. MEDICAMENTOS EMETICOS.

O Brasil não só nada tem a invejar aos outros paizes do globo, pela riqueza de seus medicamentos emeticos, porém ainda é sabido que ha mais de dous seculos fornece elle a todas as outras nações o emetico mais efficaz, a raiz de ipecacuanha.

A ipecacuanha por excellencia, a ipecacuanha annellada, não é a unica raiz emetica que fornece a nossa patria: algumas outras raizes pertencentes em grande parte á familia das Rubiaceas e das Violaceas gozão de propriedades emeticas mui efficazes, e em algumas provincias substituem a verdadeira ipecacuanha.



FAMILIA DAS RUBIACEAS.

Esta familia deve ser considerada como a em que a virtude emetica é elevada ao mais alto gráo, e em que senão encontram outros principios, que minorem a acção primitiva. Além das especies numerosas que no Brasil fornecem raizes emeticas, conhecidas com o nome generico de *ipecacuanha*, a *ipecacuanha* do Perú, designada pelo professor *A. Richard* por *ipecacuanha striada* é fornecida por uma outra planta da familia das Rubiaceas, a *psychotria emetica*, L.

1.º IPECACUANHA ANNELADA.

(*Cephaelis ipecacuanha*, RICH., Diss., p. 24, t. 1.)

Em frente dos medicamentos vegetaes indigenas do Brasil deve-se, por sem duvida, pôr a especie de *ipecacuanha*, que se chamava antigamente *ipeca cinzenta*, ou *escura*, e que *M. Richard* designou mais convenientemente por *ipecacuanha annelada*, porque sua raiz é composta como que de pequenos anneis sobrepostos uns aos outros: esta especie é a que *Marcgrave* e *Pison* descobrirão, e de que nos derão uma figura e descripção bastante incompletas (*Pison* liv. 4, chap. 65). Por muito tempo os botanicos nada poderão saber de positivo sobre o vegetal que fornecia a raiz de *ipecacuanha*: uns acreditavão que era uma especie de *madresilva*, outros que era uma planta mono-cotyledonia, um grande numero finalmente a suppunha uma especie de violeta. O celebre *Mutis*, director da expedição botanica de Santa-Fé de Bogota, mandou a *Linneo*, em 1764, a descripção e figura da planta que, no Perú, fornecia a *ipecacuanha*: esta descripção foi publicada por *Linneo* filho, em 1781, com o nome de *Psychotria-emetica*, no *Suplement-Specier*, pag. 144. Acreditou-se immediatamente que esta planta era a mesma de *Marcgrave* e *Pison*, e pensou-se que toda a *ipecacuanha* do commercio era a *psychotria emetica*. Em 1800 *M. Brotero*, lente de botanica na Universidade de Coimbra, publicou, nas transacções da Sociedade Linneana de Londres, a descripção e figura de uma outra planta da familia das Rubiaceas, que chamou *collicocca ipecacuanha*, que fornece a *ipecacuanha* do Brasil. Todos os autores de materia medica porém, não concordavão em determinar com certeza á qual

destas duas especies botanicas pertencião as raizes, que se achavão no commercio, ou nas collecções com o nome generico de ipecacuanha. O professor *Richard*, foi o primeiro que em sua dissertação sobre a ipecacuanha do commercio, desfez as duvidas, estudando com cuidado os caracteres da raiz do Perú e do Brasil, e demonstrou que as distincções que até então se tiravão unicamente da côr, erão insufficientes e erroneas, pois que a mesma especie vegetal apresentava alteraçõs extremamente variadas, e que a structura, e aspecto da raiz destas plantas ao contrario erão differentes em uma e outras, e constantes nos individuos da mesma especie: assim a raiz da ipecacuanha do Perú *psychotria emetica* é cylindrica e marcada de strias longitudinaes, produzidas pela dessiccação, no entanto que a da ipecacuanha do Brasil, fornecida pela *callicocca ipecacuanha* é irregularmente dobrada sobre si mesmo, e formada de pequenos anneis desiguaes e superpostos; a côr varia muito, e estabelece apenas ligeiras differenças nas duas especies.

Eis os caracteres da raiz de ipecacuanha annelada do Brasil: são raizes alongadas, irregularmente dobradas sobre si, da grossura de uma penna de escrever, simples ou ramosas, formadas de pequenos anneis desiguaes e mui aproximados, tendo pouco mais ou menos uma linha de altura, separados por depressões menos espessas; interiormente são formadas de duas partes, uma no centro, o eixo lenhoso, mais ou menos delgado, e uma camada cortical, mais espessa e de natureza resinosa; quebra-se facilmente, sobretudo a porção cortical; de côr cinzenta ou ligeiramente escura; sabor herbaceo, nauseante, ligeiramente acre e amargo, o cheiro, principalmente depois de reduzida á pó, é nauseante e muito desagradavel.

A raiz de ipecacuanha é conhecida no Brasil com os nomes de *poaia*, *poaia do mato*, *poaia de botica*. A planta que a fornece cresce nas matas humidas das provincias de Pernambuco, Bahia, Minas, Espirito Santo e Rio de Janeiro, e estende-se para o Sul até perto de Guaratinguetá, na provincia de S. Paulo, e abunda principalmente nas ilhas da Parahyba, e nas margens dos rios *Hipoto* e *Pomba*, de onde se fazem remessas consideraveis para o Rio de Janeiro.

« Ainda que esta especie, diz *M. Saint-Hill*, tenha sido destruida nos arrabaldes do Rio de Janeiro, pela devastação

dos matos virgens, e por senão esperar a colheta para quando os fructos se achão maduros, se encontra ainda em alguns lugares; e fôra importante cultival-a. Ensaio tentados por differentes pessoas provão, que a poaia pega de estaca tambem como por semente. Não demanda grandes cuidados quando cultivada nas matas, á sombra de grandes arvores, mas quando cultivada em lugares roteados, é necessario resguardal-a por uma sombra artificial. »

A colheta da raiz se faz quasi todo o anno, mas principalmente nos mezes de janeiro, fevereiro e março. Arranca-se a planta, separa-se a raiz, e depois de lavada reduz-se á pequenos feixes que se expõe ao sol para fazer secçar.

A ipecacuanha annelada foi objecto de analyse mui attenta para *M. Pelletier*, que nella descobrio um principio immediato novo, de natureza alcalina, á que este chimico deu o nome de *emetina*, por residir nelle a propriedade emetica da raiz de ipecacuanha.

A ipecacuanha é um dos medicamentos mais preciosos da therapeutica; a acção emetica que nella predomina, não é a unica que possui. Ninguem ignora a acção especial que exerce sobre as membranas mucosas, o que explica sua maneira de obrar nos catarros chronicos, nas diarrheas, e mesmo nas dysenterias; suas propriedades são tão conhecidas e tantos autores tem escripto sobre este objecto, que julgamos inutil entrar em detalhes mais circumstanciados.

## 2.º POAIA DO CAMPO.

Com este nome geral os habitantes do Brasil designão algumas raizes emeticas, que pertencem aos generos *Richardsonia* e *Spermacoce* da familia das Rubiaceas, e ao genero *lonidium* da familia das Violaceas.

A.—*Poaia branca*, *ipecacuanha branca* (*Richardsonia scabra*, L., AUG. ST. HIL., *Pl. us.*, t. 8; *Ricardia Brasiliensis*, GOMES Mem, *Sob. Ip. Lisb.* 1801). Esta especie foi designada em França por alguns autores com o nome de *ipecacuanha branca* do Brasil, ou *ipecacuanha amilacea*. A planta que a produz é muito commum em diversas partes do Brasil. No Rio de Janeiro acha-se em todos os lugares incultos, nos bordos dos caminhos, e até nas estradas menos

frequentadas. A raiz secca, tal como é empregada, tem a grossura de uma pequena penna de escrever, já cylindrica, já um pouco irregular, e com depressões anneladas mais espessas que as da ipecacuanha annelada, a côr é cinzenta suja, pouco intensa; o interior é quasi branco, composto igualmente de um feixe lenhoso e de uma parte cortical, pouco resinosa. Insipida, amilacea, pouco nauseante, e quasi sem cheiro. Esta raiz analisada por *M. Pelletier*, forneceu uma quantidade enorme de emetina, sete partes sobre cem, materia graxa, e pouca substancia lenhosa.

B.—Uma segunda especie do genero *Richardsonia*, cuja raiz tem o nome de *poaia do campo*, é a que *M. Aug. Saint-Hillaire* descreveu e figurou com o nome de *Richardsonia rosea* (*Pl. us.*, t. 7), e a mesma que *M. Martius* mais tarde chamou *Richardsonia emetica* (specim. mat. med. br. 1, p. 11). A raiz desta especie é tortuosa, da grossura de uma penna, guarneçada de grande numero de fibras capilares, branca no centro, e escura violeta externamente, com sabor analogo ao da *Cephoelis ipecacuanha*. A planta que fornece esta raiz cresce nos campos elevados de S. João d'El-Rei e Villa Rica, mesmo nos caminhos e lugares frequentados. Sua raiz é mui usada pelos habitantes dos lugares onde não vegeta a ipecacuanha annelada. Parece que sua acção é pelo menos igual á desta ultima, porque, segundo alguns praticos, obtem-se resultados analogos de doses menos consideraveis. Seria conveniente que os Brasileiros colhessem tambem esta raiz para exportal-a para a Europa, tanto mais que a verdadeira ipecacuanha, pelo pouco cuidado que se dá á sua reproducção, torna-se cada vez mais rara. Não duvidamos que os medicos Europeos, quando com sua pratica tivessem contestado a efficacia desta raiz, a empregassem indistinctamente com a ipecacuanha annelada.

C.—Duas especies do genero *Spermacoce* fornecem rai- zes igualmente notaveis por sua propriedade vomitiva. Uma é a *spermacoce ferruginea* (*Aug. St.-Hil. Pl. us.*, t. 13), outra é a *spermacoce poaia* (*id.* t. 12). Estas duas plantas crescem nas provincias de Minas e S. Paulo, e ahi são empregadas nos mesmos usos, que a verdadeira ipecacuanha; mas seu uso não se estende além dos sitios em que nascem naturalmente; por isso não julgamos necessario entrar em maiores detalhes sobre ellas.

Entre as raizes emeticas da familia das Rubiaceas, devemos igualmente collocar, 1.º a de *cainca*, de que fallamos tratando dos purgativos, porque com effeito, em alta dóse, ella obra como os medicamentos dessa ordem, mas possui tambem uma acção emetica bem pronunciada; 2.º a de *mannettia cordifolia* (MART. specimen mat. med. br. 1, p. 19, t. 7). Esta especie cresce na provincia de Minas, perto de Villa Rica; emprega-se como emetico, e como purgativo. A dóse varia de meia á oitava e meia; 3.º finalmente a mesma propriedade existe em muitas outras rubiaceas, bem que senão faça dellas habitualmente uso: taes são as *psycotria herbacea*, *cephælis muscosa*, c. ASTHMATICA, &c.

### FAMILIA DAS VIOLACEAS.

Geralmente encontra-se a propriedade emetica na raiz das plantas desta familia. Na Europa a raiz da violeta cheirosa (*viola odorata*, L.) foi proposta como um dos succedaneos indigenas da ipecacuanha do Brasil. Em nossa terra possuímos tambem um grande numero de plantas desta familia, sobre tudo no genero *ionidium*, cujas raizes são conhecidas vulgarmente por *poaia branca*, ou *poaia da praia*. Entre estas especies mencionaremos especialmente as duas seguintes:

#### 1.º POAIA BRANCA.

(*Ionidium ipecacuanha*, SAINT-HILL., PL. us., t. 11).

Esta especie é muito commum nas praias e lugares arenosos do Brasil; sua raiz da grossura de uma penna de escrever é mais ou menos tortuosa, ligeiramente striada pela dessiccação, branco sujo externamente, e no seu interior perfeitamente branca, offerecendo em sua extremidade grande numero de fibras grossas. É esta especie a que *Pison* mencionou (pag. 101) com o nome de *ipecacuanha branca*. A dóse desta raiz varia conforme é ella empregada no estado recente, ou secca. Quando fresca, toma-se em geral meia oitava da parte cortical, fazendo-a ferver em seis onças d'agua. Os Pernambucanos tem esta raiz como o melhor remedio contra a dysenteria. *M. Aug. de Saint-Hill.* diz que no Rio Grande do Norte assegurão que, para curar radicalmente as pessoas ata-

cadadas de gotta, é sufficiente tomar por alguns dias uma decocção branca destas raizes.

## 2.º POAIA DO CAMPO.

*M. Auguste de Saint-Hillaire (Pl. us.)* descreveu com o nome de *ionidium poaia* uma especie nova da familia das Violaceas, que confirma suas propriedades emeticas. Esta planta cresce com abundancia á Oeste do Rio de S. Francisco, em Minas Geraes, e na parte meridional da provincia de Goyaz. Os habitantes dos lugares em que ella cresce, substituem com sua raiz o cephælis, que não existe entre elles. Umaz vezes empregão-na só, outras a associação ao tartaro como se pratica frequentemente com a verdadeira poaia.

Além das duas especies de que fallamos mencionaremos ainda tres outras do mesmo genero, que gozão absolutamente das mesmas propriedades: o *ionidium parviflorum* descrito e representado por *M. St.-Hill. (Pl. us., t. 20)*; e duas especies novas que o professor *Martius* descreveu e figurou com os nomes *ionidium brevicaule*, e *ionidium urticofolium (specim. mat. med. br. 1, pag. 15, 16, t. 3-4)*. A raiz destas tres especies é emetica em doses variadas, e como tal empregada em diversas provincias do Brasil, em que crescem naturalmente.

## FAMILIA DAS POLYGALAS.

*M. Martius* no seu primeiro caderno do *specimen mat. med. br. p 13, tab. 2*, descreveu e representou uma nova *polygala*, mui semelhante á *polygala timoutou* de AUBLET á que elle chamou *polygala poaia*. Encontra-se na provincia de S. Paulo; sua raiz possui uma propriedade emetica mui energica, que se aproxima muito á da verdadeira ipecacuanha. Emprega-se na dose de dous escropulos á uma oitava, principalmente nas affecções beliosas.

Os diferentes medicamentos emeticos de que acabamos de fallar, não são os unicos que o Brasil offerece á therapeutica; a raiz de grande numero de vegetaes goza de propriedades inteiramente semelhantes. Por exemplo na familia das Apocynneas, e Euphorbiaceas não duvidamos que algu-

mas raizes poderiam ser utilmente empregadas como emeticas, mas como o Brasil possui nesta ordem o medicamento, cujas propriedades tem sido melhor averiguadas e contestadas, por isso torna-se menos necessario descobrir novos medicamentos emeticos.

O. A.  
(*Continúa.*)

---

INFRAÇÃO DO REGULAMENTO DA JUNTA CENTRAL DE HYGIENE  
PUBLICA: MULTA DE 200\$000 PAGOS DA CADÊA.

Em dias de março o mui digno Subdelegado da Freguezia do Sacramento, o Dr. Antonio Rodrigues da Cunha fez processar, como infractor do regulamento da Junta Central de Hygiene Publica, á Benigno de Souza Rangel, que sem estar competentemente habilitado exercia a medicina nesta côrte.

Depois de processado o réo, e convicto de sua criminalidade, requereu elle da cadêa para pagar a multa de 200\$000, o que lhe foi defferido, e assignou em presença do mesmo subdelegado acima o seguinte termo :

*Termo de obrigação.* Aos trinta dias de março de mil oito centos e cincoenta e tres, nesta côrte e casa do Subdelegado suppleto da Freguezia do Sacramento, Antonio Rodrigues da Cunha, ahi sendo presente o réo Benigno de Souza Rangel, por elle foi dito, que se obriga pelo presente termo a mais não usar da arte de curar, nem exercer a medicina em qualquer de seus ramos, e que quando isto não observe se sujeita ás penas que marca o Regulamento da Junta Central de Hygiene Publica e mais leis em vigor. E assignou este termo com duas testemunhas.

E' este um facto pelo qual não podemos deixar de tributar mil encomios ao Sr. Dr. Antonio Rodrigues da Cunha, cujo zelo no comprimento de seus deveres, e amor da humanidade, o não faz trepidar, pois estamos habilitados a poder affiançar que outros processos do mesmo genero se achão instaurados, e que em breve serão julgados. Oxalá que os outros seus dignos collegas o imitem; só assim a cidade deixará de ser infestada por esse bando de charlatães aventureiros, que tanto prejuizo causão á saude publica, sacrificando imensas vidas de cidadãos prestantes, que illudidos por seu desplante, em boa fé lhes confião o que possuem de mais caro e precioso — a vida —.

O. A.

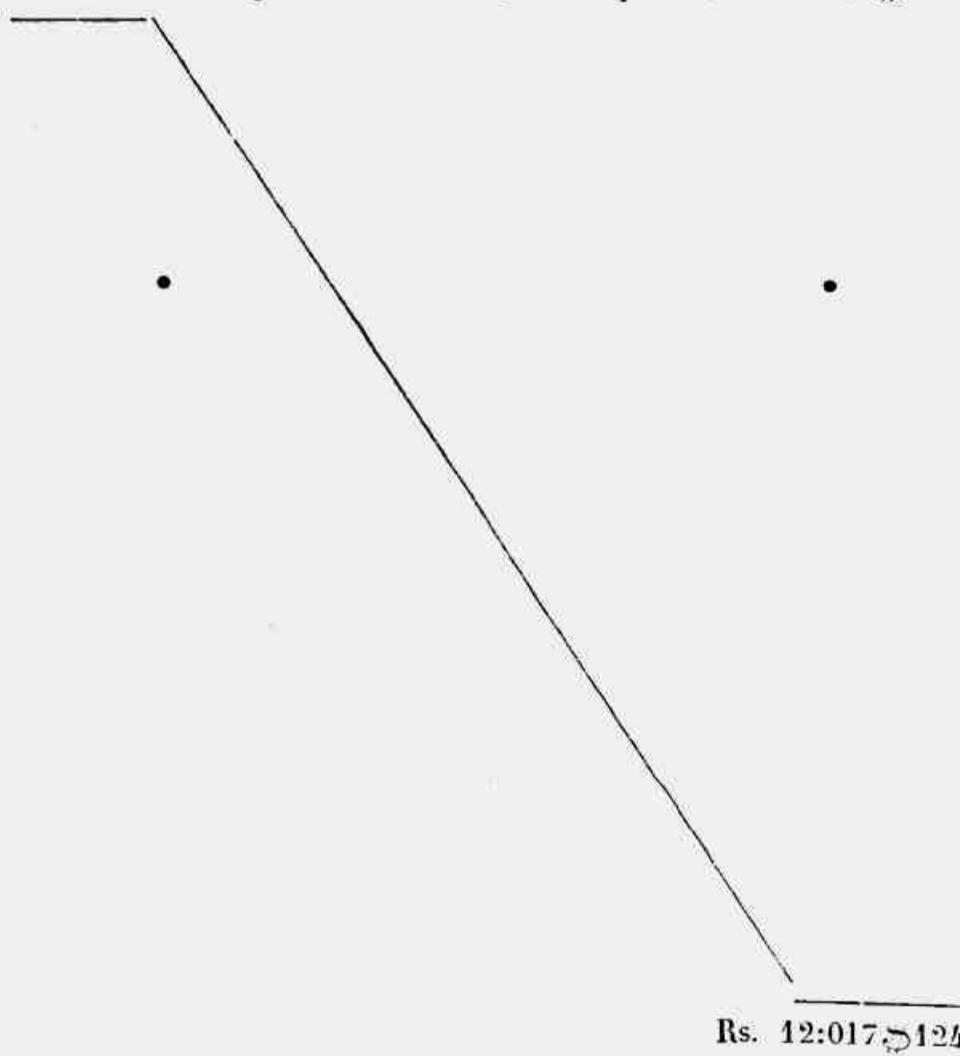
**BALANÇO ANNUAL DA RECEITA E DESPEZA DA SOCIEDADE PHARMACEUTICA, DESDE 15 DE MARÇO DE 1852 ATÉ 31 DE MARÇO DE 1853.**

**DESPEZA.**

Dinheiro que paguei a Antonio de Serpa Pinto, pelo aluguel das cadeiras para a sessão annual, documento n. 1. . . . .	12\$340
Idem que paguei a Bernardino da Silva Campos, para apromptar a sala da sessão annual, documento n. 2. . . . .	30\$000
Idem que paguei do aluguel de um tapete, impressão de cartas e cartões, e gratificação a quem as entregou, documento n. 3. . . . .	27\$000
Idem que paguei de dous pares de castiças, uma salva, dous copos, uma campainha, e mais objectos, documentos ns. 4 a 9. . . . .	24\$600
Idem que paguei ao entregador da <i>Revista Pharmaceutica</i> , documentos ns. 10 a 13. . . . .	39\$000
Idem que paguei a João Manoel de Mattos Pereira, por beneficiar as drogas do deposito, documentos ns. 14 e 15. . . . .	50\$000
Idem que paguei do aluguel da casa que serve de deposito das drogas, documentos ns. 16 e 17. . . . .	171\$000
Idem que paguei de dous livros de talão, e impressão de 400 recibos da <i>Revista Pharmaceutica</i> , documentos ns. 18 e 19. . . . .	14\$000
Idem que paguei da impressão de 400 diplomas para os socios, documento n. 20. . . . .	80\$000
Idem que paguei da impressão da <i>Revista Pharmaceutica</i> ns. 8, 9, 10, 11 e 12, sendo o n. 12 de folha e meia, documentos ns. 21 a 23. . . . .	157\$000
Idem que paguei de impressão da <i>Revista Pharmaceutica</i> do segundo anno, ns. 1, 2, 3, 4 e 5, documentos ns. 24 a 27. . . . .	150\$000
Idem que paguei ao porteiro, seu ordenado até 31 de março de 1853, documento n. 28. . . . .	66\$000
Idem que paguei do aluguel da casa que servia de deposito até 15 de março de 1853, documento n. 29. . . . .	75\$000
Idem que paguei a João Manoel de Mattos Pereira, por beneficiar as drogas, até 15 de março de 1853, documento n. 30. . . . .	25\$000
Idem que paguei ao cobrador da sociedade, da quantia que recebem, a razão de 8%, documento n. 31. . . . .	122\$520
Idem que paguei de portes de jornaes, cartas e velas para as sessões. . . . .	4\$640
Idem que paguei de diversas contas de drogas, documentos ns. 1 a 41. . . . .	7:923\$932
Saldo a favor da sociedade, que existe no Monte do Soccorro, e em caixa, a cargo do thesoureiro da sociedade. . . . .	3:045\$092
	<u>Rs. 12:017\$124</u>

**RECEITA.**

Saldo a favor da sociedade, conforme o balanço dado até 15 de março de 1852. . . . .	2:836\$716
Dinheiro recebido de joias, desde 15 de março de 1852 até 31 de março de 1853. . . . .	1:778\$000
Idem recebido de mensalidades, desde 15 de março de 1852 até 31 de março de 1853. . . . .	669\$000
Idem recebido de assignatura da <i>Revista Pharmaceutica</i> , desde 15 de março de 1852 até 31 de março de 1853. . . . .	135\$000
Idem recebido de juros do Monte de Soccorro e Banco do Brasil. . . . .	131\$386
Idem recebido de drogas vendidas a diversos socios. . . . .	1:119\$502
Idem recebido do fornecimento de drogas a Santa Casa, nos mezes de agosto a dezembro proximo passado. . . . .	5:347\$520



**Recapitulação de tudo quanto pertence a mesma sociedade até hoje.**

Dinheiro do saldo deste balanço a favor da sociedade. . . . .	3:045\$092
Por receber da Santa Casa, do fornecimento de drogas dos mezes de janeiro até 15 de março de 1853 . . . . .	1:678\$420
Por receber, de um socio, de drogas que comprou a sociedade, com 20% . . . . .	47\$448
Por receber de outro dito, de drogas que comprou a sociedade, com 20% . . . . .	142\$581
Existe em drogas, pertencente a sociedade, e entregues ao socio Simão Marcolino Fragoso, pelos preços do seu custo. . . . .	2:425\$410
	<u>Rs. 7:338\$954</u>

Rio de Janeiro, 31 de março de 1853.

Balthazar de Andrade Monteiro.



# REVISTA PHARMACEUTICA.

2.º ANNO.

N.º II. — MAIO DE 1853.

VOL. II.

## SOCIEDADE PHARMACEUTICA BRASILEIRA.

SESSÃO DE ELEIÇÕES EM 12 DE ABRIL DE 1852.

*Presidencia do Sr. E. Corrêa dos Santos.*

As seis horas da tarde estando presentes os Srs. Presidente E. Corrêa dos Santos, 1.º Secretario Silva Costa, Silva Leite, Balthazar, Fragozo, Lima, Antunes Pereira, Patricio Quintanilha, Gouvêa, José Maria de Souza, e Drs. Exequiel, Pereira Leitão e Araujo: o Sr. Presidente declarou aberta a sessão.

Depois de o Sr. 1.º Secretario Silva Costa ter lido o officio do Presidente da Junta Central de Hygiene Publica, em que motiva as razões, porque em sua tabella a mesma Junta de Hygiene dispensou alguns medicamentos, como não necessarios para a abertura legal de uma botica; ficando a Sociedade inteirada, passou-se a 2.ª parte da ordem do dia: eleição da mesa e mais membros, que tem de servir no 3.º anno social de 1853 á 1854, e obtiverão:

Para Presidente o Sr. E. Corrêa dos Santos, unanimidade menos um.

Para Vice-Presidente o Sr. Pereira Leitão, oito votos.

Para 1.º Secretario o Sr. Silva Costa, unanimidade menos um.

Para 2.º Secretario o Dr. O. Araujo, unanimidade menos um.

Para Thesoureiro o Sr. Balthazar, nove votos.

Para Redactor da Revista da Sociedade o Sr. Pires Ferrão, oito votos.

Para Archivista o Sr. E. F. dos Santos, oito votos.

Terminada assim a eleição, em que todos os socios eleitos obtiverão maioria absoluta, o Sr. Presidente reeleito, tomando a palavra disse :

Que tendo occupado já esse cargo por espaço de dous annos, era sua intenção pedir dispensa de exercel-o á Sociedade, mas que percebendo em outros membros, nesta occa-  
são reeleitos, pouca vontade de continuar a prestar-se no seguinte anno, se compromettia, se todos os eleitos não regeitassem favorecel-o com seus serviços, acceitando os encargos para que erão nomeados, a continuar a presidir os trabalhos desta Sociedade, e que nesse caso invidaria todos os seus exforços para o bem ser da mesma Sociedade, e justificar a honra e confiança de sua reeleição.

O Sr. Balthazar obtendo a palavra diz : que estando com a vista quasi perdida, desejava que a Sociedade o dispensasse de continuar a exercer o lugar de Thesoureiro, por isso que tendo de occupar-se da escripturação da thesouraria, que tem até o presente sido feita por si mesmo, se via assim forçado á augmentar o enfraquecimento de um orgão tão essencial ao exercicio de sua profissão e á vida ; que certo de que a Sociedade não quer para elle um projuizo tão real, espera que o seu pedido será attendido ; declara que sua isenção desse encargo não deve acarretar a isenção do Sr. Presidente, que attenderá, sem duvida, á razão tão valiosa de sua supplica.

O Sr. Presidente declara que a isenção de qualquer dos membros eleitos, para a directoria futura, por qualquer motivo, justifica inevitavelmente a sua.

Consultada, a Sociedade é de unanime parecer que o Sr. Balthazar valendo-se de sua boa vontade, apesar de algum sacrificio continue a exercer o lugar, para que foi tão bem e devidamente reeleito.

O Sr. Balthazar diz que é com bastante sacrificio que se encarrega da thesouraria, mas que acquiesce aos desejos da Sociedade.

O Sr. Presidente em uma bella allocução faz votos para que a directoria eleita invide seus exforços, para augmento da Sociedade e progresso da sciencia.

Nada mais havendo á tratar, levanta-se a sessão ás 7 horas da noite.

## Escola de Medicina — Cadeira de Pharmacia.

O governo imperial autorizado pelo corpo legislativo acaba de reformar os estatutos das escolas medicas do imperio, creando mais algumas cadeiras, sendo uma dellas e de mais palpitante necessidade, a cadeira especial de pharmacia, a cargo de cujo professor ficará pertencendo o ensino theorico e pratico de todas as preparações e operações pharmaceuticas, nas quaes a chimica é o pharol que deve indicar ao discipulo o ponto certo a que deve chegar, para que mais tarde possa, com conhecimento de causa, e sem remorsos de consciencia, dirigir bem uma botica, prestar importantes serviços a humanidade, e honrar a pharmacia e o Brasil. É pelos conhecimentos chimico-pharmaceuticos que bem se ha de dirigir o ensino da pharmacia, quer na pratica de todas as suas preparações, quer na explicação de suas theorias, porque não ha um só phenomeno no exercicio da pharmacia, que não seja regido em todas as suas acções pelas leis dessa grande potencia scientifica, que opéra até no homem, desde que nasce até além da sua morte, não ha mais pharmacia galenica.

A Sociedade Pharmaceutica, creada nesta cõrte, com o fim especial de reformar os abusos introduzidos na pharmacia, dando-lhe a importancia a que tem chegado em todos os paizes civilizados, não podia esquecer-se de que, para tal conseguir, tornava-se necessario reformar o modo porque ella se ensinava nas escolas do imperio, porque abi só se explicava, muito de passagem, algumas theorias pharmaceuticas; por muito illustrados e habéis medicos, é verdade, mas, que não se achão habilitados pela pratica, para poderem demonstrar por meio do exercicio a theoria ensinada, resultando dahi, que, tem sahido das escolas, pela maior parte, pharmaceuticos incapazes de dirigirem uma botica. A pratica acompanhada ao mesmo tempo pela habil theoria, está para o pharmaceutico, no mesmo caso que a clinica interna e externa está para o medico e cirurgião; tirai a estes o tirocinio pratico que tem a cabeceira do enfermo, guiados por seus mestres, e vêde se quereis ser seus doentes? Como hão de elles com certeza e sem trepidar a cada instante, conhecer a enfermidade, fazer o seu diagnostico e prognostico? Em que apuros não se achará continuamente a consciencia

de um tal medico? Assim, o pharmaceutico theorico se achará continuamente embaraçado, sempre que tiver de satisfazer uma receita, ou de praticar a mais insignificante operação, porque nunca vio praticar, nem mesmo talvez conheça os instrumentos de que para isso se deve servir.

Foi por tão justificados motivos, com vistas na humanidade, por honra da sciencia, do paiz e do seu governo, que, a Sociedade Pharmaceutica Brasileira apenas sciente de que se reformavão as Escolas de Medicina, se apressou a dirigir justificadas supplicas ao Supremo Poder do Estado, para que annexasse ás Escolas de Medicina uma cadeira especial de pharmacia pratica. Aconteceu isto no ministerio do illustre Sr. visconde de Mont'Alegre, que, apesar de já se acharem confeccionados os novos estatutos das escolas de medicina, aceitou com benignidade as justas observações, que lhe dirigio a Sociedade Pharmaceutica, demonstrando a utilidade e necessidade da criação da nova cadeira de pharmacia pratica, e os estatutos subindo de novo ao Conselho de Estado, onde foi igualmente reconhecida a utilidade dessa nova cadeira, foi ella incluída em o numero das novas creadas pela reforma.

Se a mais tempo os pharmaceuticos Brasileiros se compenetrassem do quanto, a bem da sciencia, a bem de sua propria dignidade, convinha que se reunissem em associação, para em corpo representarem quanto mister fosse para o progresso dessa parte tão importante da sciencia da vida, ha mais tempo que ella gozaria outra importancia que até aqui não tem gozado. Felizmente, porém, a cortina que encobria os interesses vitacs de pharmacia, rasgou-se, pela força patriotica e humana do Sr. visconde de Mont'Alegre, do Conselho de Estado, e finalmente pela boa vontade do Exm. Sr. Gonçalves Martins. Cumpre aqui não ser ingrato, não occultar um nome que muito concorreu para lançar a primeira pedra no novo e magnifico edificio que o anno de 1853 vai levantar a pharmacia; este nome é o do Exm. Sr. conselheiro José Clemente Pereira, a quem a Sociedade Pharmaceutica, tanto a este, como a outros respeito é devedora de grandes serviços.

É bem natural que, os que não tem acompanhado os factos como elles se hão passado extranhem o havermos dito que, os pharmaceuticos da Escola Medica tem sabido pela maior parte, sem nenhuns conhecimentos praticos da sciencia,

quando a lei de 3 de outubro de 1832, que organisou a actual Escola de Medicina, que vai ser reformada, dispõe mui sabiamente, que o alumno de pharmacia, para fazer o seu exame pratico, e obter diploma, que o autorise a exercer sua profissão, não o possa fazer sem apresentar á respectiva escola attestado de haver praticado por espaço de tres annos em botica conhecida. É isto, porém, o que geralmente não se tem verificado com a maior parte dos pharmaceuticos da escola, porque quando muito, apparecem elles algumas vezes em uma ou outra botica, sem ao menos conhecerem o gráo de calor de suas fornalhas, e até a fórma dos instrumentos mais usados, e com alguns tem succedido talvez, que só conhecem das boticas a fórma exterior, e lá vão no fim de seu curso theorico com um certificado gracioso fazer o exigido exame pratico, que consiste no reconhecimento de um sal ou um acido; e eis-aqui o que se chama exame pratico de pharmacia! Mas, concedendo-se mesmo que todos elles tivessem exercido a pharmacia praticamente por espaço de tres annos, como determina a já citada lei, ainda assim não podia a bem dos enfermos, do medico, e da pharmacia, dispensar-se uma nova organisação no seu ensino. Entre nós, que não possuímos ainda um código pharmaceutico; entre nós, que cada pharmaceutico escolhe a seu arbitrio, e segundo os seus conhecimentos; o autor para seguir em suas preparações, e variando estas tanto em quantidades nos differentes phormularios estrangeiros adoptados, segue-se, que, cada um pharmaceutico da escola seguiria um methodo muito differente na botica que houvesse de administrar, o que ninguem deixará de conhecer como um mal de mui serias consequencias, mal que, deve necessariamente acabar com o exercicio da nova cadeira de pharmacia pratica. Por effeito della os futuros pharmaceuticos terão de ser instruidos por um só professor, tanto na parte theorica dessa sciencia, como na sua importante pratica: o autor que devem seguir nesta ultima parte será o mesmo para todos, o methodo sempre o mesmo e o melhor, como é de suppôr, e assim haverá uniformidade em todas as preparações medicinaes que sahirem das boticas, contando o medico com a exactidão da prescripção feita ao seu doente.

Na qualidade de membro da Sociedade Pharmaceutica Brasileira, tão dignamente attendida pelo governo, a quem pedio a creação de uma cadeira de pharmacia pratica, jul-

gamos ser de nosso primeiro dever, de pôr este jornal, órgão da associação a que pertencemos, tributarmos em nome da sciencia, da humanidade, e da Sociedade Pharmaceutica, e em nosso proprio nome, o mais puro e desinteressado voto de cordial agradecimento, a todos que concorrerão para que fosse attendida a representação dos pharmaceuticos reunidos em associação, e um dia virá em que o paiz bendiga a todos.

---

**Medicamentos Brasileiros que podem substituir os exóticos na pratica da medicina no Brasil, pelo Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto.**

*(Continuação do numero antecedente.)*

## V. MEDICAMENTOS EMOLIENTES.

Ha poucos paizes que deixem de possuir medicamentos emolientes, porque as plantas que os fornecem pertencem á familias, que se encontram em todas as partes do globo. No Brasil o numero das malvaceas que crescem em diversas provincias é muito consideravel, e sem exageração, pôde-se dizer que á cada passo se encontram medicamentos emolientes. Julgamos inutil entrar em grandes detalhes sobre estes medicamentos, e nos limitaremos a enumeral-os, começando pelos que pertencem á familia das malvaceas.

### FAMILIA DAS MALVACEAS.

Quanto á suas propriedades medicinaes, ha poucas familias, cujas especies componentes offereção tanta analogia como as malvaceas: todas contém em suas diversas partes um succo mucilaginoso, mais ou menos abundante; por isso pôde-se indistinctamente tomar qualquer especie desta grande familia, quando se quizer empregar um medicamento emoliente. As flôres servem para as infusões, como se pratica na Europa, e as folhas e raizes para as decocções que são empregadas em loções, banhos, clisteres, cataplasmas, &c.

*M. St.-Hillaire*, em suas plantas usuaes, cita algumas malvaceas que vio empregar como emolientes, e são:

*Malvaisco*, é a *sphaeralcea cisplutina* da Flora do Brasil; sua raiz é perpendicular, e substitue a da malva.

*Douradinha*. (*Waltheria douradinha*, *Pl. us. t. 36*). Além de suas propriedades emolientes, erradamente lhe attribuem os Brasileiros propriedades antisiphiliticas. Si por ventura aproveita na syphiles é combatendo os symptomas inflammatorios, que immensas vezes acompanhão essa moléstia.

*M. St.-Hillaire* descreveu com o nome de *pavonia diuretica* (*Pl. us., t. 53*), uma outra malvacea, cuja decocção emoliente passa por diuretica. Concebe-se que em muitas circumstancias os medicamentos emolientes possam obrar como diuretico, diminuindo a inflamação dos órgãos urinaes.

A *urena lobata* de Cavanilles é empregada no Brasil com o nome de *malvaisco* e *guaxima*. Administra-se internamente a decocção do caule e da raiz.

*M. Martius* diz que vio empregar frequente o *sida carpinifolia*.

Os grãos do algodoeiro, tirados da felpa preciosa, que os cobre, são igualmente empregados em decocção, como emolientes. Poder-se-ia contundindo-os formar uma farinha semelhante á de linhaça, de que os medicos europeos fazem tão frequente uso.

A *guazuma*, que pertence á tribu das *Buttneriaceas*, possui tambem propriedades analogas. Seus frutos ainda que duros e lenhosos contém uma mucilagem doce e agradável, cujo sabor se assemelha aos dos figos. Sua decocção póde substituir as de jujubas e outros fructos peitoraes.

Poderíamos citar ainda muitas outras malvaceas, cujas propriedades são absolutamente as mesmas. ●

A familia das *Tilliaceas* tem, como ninguem ignora, grande analogia com a das *Malvaceas*, não só em seus caracteres botanicos, mas ainda em suas propriedades medicinaes. Em algumas provincias do Brasil emprega-se com o nome de *carrapixo de calçada* os *triumfetta luppula*, e *triumfetta semitriloba*. Sua propriedade emoliente é a mesma que a das plantas malvaceas.

Além destas duas familias, cujas especies, quasi todas, possuem propriedades semelhantes, temos ainda algumas

outras plantas de familias differentes, que se empregão tambem como emolientes, e são as seguintes :

1.º *Malva do campo, folha santa, pinhão.* Com estes differentes nomes designa-se no Brasil a *kieneyera speciosa* (Aug. St.-Hil. *Pl. us.*, t. 58) que pertence á familia das *Ternstræmiaceas*. Suas folhas são mui mucilaginosas e empregadas como as das *Malvaceas*.

2.º *Barbasco.* É a *buddleia connata* da familia das *Antirrhineadas*. Segundo o professor *M. Martius* empregão-se as folhas desta especie em lugar das do *verbascum*, que não vegeta no Brasil.

3.º *Burracha chimarona.* *M. Aug. St.-Hil.* descreveu e figurou (*Pl. us.*, t. 25), com este nome vulgar, uma planta europeia, que cresce igualmente no Brasil; é o *eclium plantagineum*, *L.*, da familia das *Borragineas*. Emprega-se no Brasil nas mesmas circumstancias que a borragem na Europa.

4.º *Cururu* (*amaranthus viridis*, *L.*)

5.º *Caruchiches*, ou *herva moira* (*solanum nigrum*, *L.*)

Estas duas especies europeas provavelmente naturalizadas no Brasil gozão tambem de propriedades emolientes.

*Feculas.* O Brasil possui um grande numero de plantas cuja raiz tuberosa contém em abundancia uma fecula amilacea, doce, nutritiva e analeptica. Entre estes vegetaes basta-nos citar a *mandioca* (*jatropha manihot*), cuja raiz, quando privada pela expressão e lavagem do succo acre e deleterio que contém, é quasi inteiramente formada de fecula branca e mui pura.

Ha ainda plantas de outras familias, cujas raizes abundão em fecula amilacea; seja exemplo o *caladium esculentum*, conhecido com os nomes vulgares de *taya* e *tayauva*. Sua raiz carnosa contém grande porção de fecula, e é empregada tambem como alimento, e nos usos medicos em cataplasmas com muita vantagem nos tumores inflammatorios. O *caladium pæcile*, *SCHOTT.* *Cal. sagittæfolium*, e *calbicolor* são empregados tambem nos mesmos usos.

*Gomma.* Os habitantes da America Meridional colhem uma gomma que póde substituir a gomma arabica, é a que corre do *anacardium occidentale*, grande arvore da familia das *theribentaceas*: apresenta-se em massas consideraveis formadas de lagrimas alongadas e superpostas, é transparente, limpida, um pouco colorida de amarello, quebradiça e de sabor doce e um pouco adstringente. No Brasil esta gomma



póde substituir a arabica, não só nos usos medicos, mas ainda nas artes. Os encadernadores cobrem os livros com uma camada de solução desta gomma, e por esse meio as preservão das traças e do copim.

A raiz de alcassuz, de que se faz tanto uso na Europa, para a preparação das tisanas, é substituida no Brasil e em muitas partes da America Meridional, pela do *abrus præcatorius*, L., sarsa espinhosa que pertence, como o alcassuz, á familia das Leguminosas.

## VI. MEDICAMENTOS REFRIGERANTES.

Os medicamentos refrigerantes tem sabor mais ou menos acidulo e agradavel, que é devido á presença de um acido vegetal, acompanhado de mucilagem ou de uma materia assucarada. Estes medicamentos mitigão a sede, diminuem o calor do corpo, e são utilmente empregados nas irritações brandas, quando convenientemente deluidos, em um liquido aquoso.

Entre as plantas Brasileiras, com mais frequencia empregadas, achamos algumas especies do genero *oxalis*, da familia das Gereniadas. *M. St.-Hil.* em suas plantas usuas descreveu e figurou com os nomes *oxalis repens* tab. 43; *oxalis fulva*, tab. 44; *oxalis cordata*, tab. 45; tres especies daquelle genero que contém muito acido oxalico, combinado com potassa, e é a presença desse sal que lhe dá o sabor acidulo.

Empregão-se tambem nas mesmas circumstancias algumas especies do genero *begonia*, cujas folhas por seu sabor assemelhão-se ás azedas europeas. Estas especies são conhecidas vulgarmente por *herva de sapo*, *azedinha do brejo*. Suas folhas cozidas, e o succo que dellas se tira, quando frescas, são refrigerantes. *M. Martius* cita tambem as especies seguintes: *begonia ulmifolia*, HUMB.; *begonia tridentata*, RADDI; *begonia spathulata*, WIUD; *begonia cucullata*, WIUD; *begonia hirtella*, LINK.

A *cecropia peltada*, L., arvore da familia das urticeas é vulgarmente designada por *ambaiva*. Os habitantes do Rio S. Francisco diz, *M. Martius*, me confirmarão as propriedades attribuidas por *Pison* ao succo tirado de suas folhas, e grelos; é um medicamento refrigerante, cuja acção parece depeader de um principio acidulo; emprega-se contra a

diarrhéa aguda, gonorrhéa, e metrorrhagia. As folhas em cataplasma são uteis para facilitar a cicatrização das feridas e úlceras.

Poderíamos ainda aqui juntar a polpa de tamarindos, que quando recente e bem diluída n'água, fórma uma bebida temperante, mas já della fallamos tratando dos medicamentos purgativos.

É nesta classe de medicamentos que se deve collocar o succo acido de limão e laranja, com que se preparão as limonadas e laranjadas, bebidas temperantes por excellencia. Os limoeiros e lorangeiras estão de tal modo naturalizados no Brasil, que parecem indigenas.

## VII. MEDICAMENTOS SUDORIFICOS.

Em frente dos medicamentos sudoríficos indigenas do Brasil collocaremos o sassafrás e a raiz de pipi.

*Sassafrás.* O verdadeiro sassafrás (*laurus sassafrás*, L.) acha-se frequentemente nas mattas virgens da provincia de S. Paulo. Não devemos entrar em detalhes desta planta tão conhecida e empregada na Europa.

*Raiz de pipi.* Dá-se este nome no Brasil á raiz do *petiveria tetrandra* de GOMES, especie mui proxima, senão identica á *petiveria alliacea*, L. Emprestaremos ao professor M. Richard a descripção que desta raiz publicou no *Jornal de Chimica Medica* (janeiro 1829). «Esta raiz é pivotante, da grossura do dedo minimo, irregularmente ramificada, um pouco amarella-escura; sua parte cortical, tem meia linha de espessura, de cheiro fracamente alliaceo, semelhante ao de algumas cruceiferas; a parte central, que é mui dura, é quasi insipida. Esta raiz goza no Brasil de grande reputação como sudorífico, e é quasi um especifico contra a paralytia. Usa-se fazendo ferver um pugilo de raizes em um vaso cheio d'água e convenientemente tapado, de modo á perder a menor quantidade de vapores possivel. Quando a agua tem fervido durante algum tempo põe-se o vaso destampado por baixo de uma cadeira á assento de palha, e senta-se o doente envolvendo-o, e o apparelho com cobertas de lã e de algodão, e deixa-se assim exposto ao vapor durante algum tempo, depois do que é o doente levado para um leito quente e bem coberto. Sobrevem uma abundante transpiração, que alivia o enfermo de modo que começa depois

da primeira fumigação a fazer uso do membro, cujas funções estavam paralyzadas. Reiteirão-se estas fumigações até que a parte paralytica tenha recuperado todo o movimento e sensação. Como quer que seja, junta *M. Richard*, os elogios prodigialisados pelos medicos Brasileiros devem falhar, porque pensamos, que em immensas circumstancias, em que a paralytia depende de uma lesão material do orgão cerebrospinal; os sudorificos ainda os mais energicos devem ser impotentes. »

*Salsaparrilha.* O Brasil possui tambem uma salsaparrilha, é a *herreria salsaparrilha* de *Martius* (familia das Asparagineas). Segundo o professor *Martius* é um arbusto fraco, á caule herbaceo ramoso, coberto de espinhos, e cuja raiz tuberosa assemelha-se muito á do *smilax squina*, *L.* Esta raiz é empregada em decocção como depurativa, e tem uma utilidade evidente no tratamento da syphiles recente. Deve ser colhida antes da florificação.

Acha-se em differentes partes do Brasil um grande numero de plantas do genero *smilax*. Não duvidamos que entre ellas existão algumas, cujas raizes tenham propriedades analogas á da salsaparrilha verdadeira (*smilax salsaparrilha*, *L.*). Deste numero é o *Smilax glauca* do professor *Martius*, cuja raiz é commumente chamada *raiz de china branca e rubra*, e empregada como sudorifico.

*Guayaco.* O guayaco (*guayacum officinale*, *L.*) é uma arvore originaria da America Meridional. Ainda que até o presente não tenha sido mencionada entre os vegetaes indigenas do Brasil, tudo nos leva á crer que ella ahi existe, e quando assim seja, o Brasil possuirá os medicamentos sudorificos mais empregados na Europa, a saber: a salsaparrilha, o sassafrás e o guayaco.

Além dos medicamentos precedentes, que são sem contradicção os mais importantes, alguns outros vegetaes são empregados em diversas provincias como sudorificos ou diaphoreticos. Mencionaremos os seguintes:

*Aya-pana.* A historia deste medicamento é mui conhecida para que entremos em detalhes circumstanciados. Sabe-se que esta planta, a que se prestão propriedades maravilhosas, pertence á familia das corymbiferas. *Ventenat* a descreveu com o nome *eupatorium aya-pana*. Ainda que se tenha exagerado muito a acção deste vegetal, que por algum tempo se considerou como uma sorte de panacea universal, hoje está

collocado, onde seu verdadeiro merito o devêra pôr; tem-se a infusão de suas folhas, como uma bebida agradável e diaphoretica, que em muitas circumstancias pôde e muito aproveitar.

*Chá.* De ha muitos annos o governo brasileiro procura introduzir em seu territorio o cultivo do chá. Ainda que os resultados desta empresa verdadeiramente nacional não tenha por ora correspondido as vistas esclarecidas e patrioticas do nosso Augusto Soberano, tudo nos leva a erer, que com perseverança nosso paiz poder-se-ha em breve enriquecer com este precioso vegetal; e então não só deixaremos de ser tributarios dos estrangeiros que nos trazem o chá, mas acharemos em sua cultura um novo producto de exportação. Esperamos que o nosso governo não desanimará pelas difficuldades inseparaveis de sua aclimatação.

*Chá do Paraguay,* vulgarmente chamado *herva* ou *chá dos jesuitas, mate congonha.* Depois das observações de *M. de St.-Hillaire*, sabe-se que arvore fornece a herva do Paraguay, é uma especie de azevinho, a que elle chama *ilex mate.* Este infatigavel viajor contestou, que esta arvore existe tambem no interior do Brasil. Elle a achou em abundancia perto de Coritiba. Assim, pois, os Brasileiros, que fazem grande consumo da infusão de folhas de mate, não precisarão compral-as aos habitantes do Paraguay, pois que ella cresce naturalmente no Brasil.

*Capitão do mato, chá de pedestre.* Designa-se com estes nomes, em algumas provincias do Brasil, um pequeno arbusto da familia das Verbenaceas, que *M. St.-Hillaire* descreveu e figurou com o nome de *lantana pseudo-thea.* (Pl. us., t. 70). Esta especie cresce na provincia de Minas Geraes; suas folhas exhalão um cheiro aromatico mui suave; sua infusão dá uma bebida mui agradável, que o mesmo *M. St.-Hillaire* prefere ao chá da India. Segundo o professor *Martius* algumas especies do genero *lantana*, que os Mineiros confundem com o nome geral de *camara*, gozão das mesmas propriedades, mas este sabio botanico não indica quaes são estas especies.

*M. Aug. St.-Hillaire* assignalou ainda propriedades diaphoreticas, analogas ás das plantas precedentes, na verbena da Jamaica (*verbena Jamaicensis*).

O *Phlomis nepetifolia*, L., conhecido com o nome de *cordão de frade*, o *solanum cerneum*, o alecrim brabo (hy-

pericum laxiusculum,, St.-HIL., Pl. us., t. 62), são igualmente empregadas em diversas provincias como sudorificos.

O *Feto pequeno*, conhecido na Europa com o nome de *capillaria de Mont-pellier* (*adiantum capillus veneris*, L.) se acha igualmente em algumas provincias do Brasil, com o nome de *avenca*, ou *avencão*. Sua infusão é ahí empregada nos mesmos casos que na Europa.

O. A.

(*Continúa.*)

---

## NECROLOGIA DE ORFILA

Por Mr. Chevallier.



A Faculdade de Medicina de Paris, a Academia Imperial de Medicina, a Escola de Pharmacia, a Sociedade Prevenção, a commissão de aguas da França, a redação do jornal de Chimica Medica, &c., acabão de soffrer uma perca immensa na pessoa do professor Orfila, que por uma curta enfermidade falleceu sabbado 12 de março, com sessenta e seis annos de idade.

Em poucas palavras traçaremos a vida de Orfila.

Matheos José Boaventura Orfila nasceu á 24 de abril de 1787, em Mahon (ilha Minorca). Seu pai, honrado negociante, o destinou á marinha. Em 1801, tendo apenas quinze annos de idade, embarcou-se á bordo de um navio mercante que demandava o Egypto; e Orfila que apesar de sua tenra

idade conhecia já algumas linguas, visitou as costas septentrionaes da Africa, a Sardenha, a Sicilia, e voltou para Mahon.

Nesta ultima cidade Orfila fez conhecer a pouca vocação que tinha para a carreira á que o destinavão, e decidio-se á seguir os estudos medicos: entregou-se com ardor ao estudo das mathematicas e da phisica. Em 1804 mandado por seu pai á universidade de Valença, obteve nessa universidade em 1805 o primeiro premio de phisica e chimica.

Em 1806 deixou Valença e foi para Barcelona, onde os estudos erão mais regulares, e ahi distinguio-se de sorte que a junta de Barcelona decidio que fosse mandado, á custa do Estado, fazer seus estudos em Madrid e depois em Paris, com uma pensão annual de 1500 francos, e impozerão-lhe as condições de ficar dous annos em cada uma daquellas cidades e de voltar depois para Barcelona, para ahi professar a chimica.

Deixando Barcelona, demorou-se poucos dias em Madrid e chegou á Paris á 9 de julho de 1807. Apenas familiarizado com os estudos desta capital declarou-se a guerra entre estas duas nações, acontecimento este que escapou de transtornar a carreira de Orfila. Com effeito, não recebendo mais os subsidios da Hespanha, e tendò o chefe do Estado ordenado que todos os Hespanhoes, que se achavão em França, se retirassem para differentes cidades do interior, Orfila recebeu ordem de deixar Paris. Dous homens se apresentarão então patrocinando-o; um de seus tios, negociante em Marselha, que lhe estabeleceu uma pensão, e Vauquelin que, affrontando o desfavor que lhe podia accarretar esta acção, reclamou Orfila ao prefeito de policia, e obteve á força de empenhos que elle ficasse em Paris sob sua responsabilidade.

Orfila continuou seus estudos com grande aproveitamento, e á 27 de outubro de 1811, tendo sustentado uma these *Sobre a presença de bile na urina do ictericos*, obteve o grão de doutor em medicina.

Uma vez formado, o nosso joven chimico não tinha clientela, no entanto era-lhe preciso prover ás necessidades da vida; mas sua sciencia, energia, e persistencia o salvarão, e collocarão nas primeiras ordens da sociedade. Em 1812 abrio um curso de chimica.

Em 1814, Orfila não esquecido para com a junta de Barcelona de seu compromisso, compromisso que quanto á nós tinha caducado pela declaração da guerra, e não recebimento da pensão de 4500 francos, poz-se a disposição dessa junta; mas tendo a guerra arruinado o paiz, responderão á Orfila que os recursos de Barcelona não lhe permittião crear a cadeira que elle devia professar, e por esse facto votarão-lhe agradecimentos, e restituirão-lhe sua palavra. Foi por esse episodio da guerra de Hespanha, que fez com que Orfila ficasse em França, que elle prestou á sciencia, e particularmente á toxicologia e á chimica medica, e ao paiz immensos serviços.

Mais tarde o rei de Hespanha offereceu á Orfila a cadeira de professor de chimica, que o sabio Francez Proust occupára, mas Orfila impoz uma condição que não foi aceita: Orfila queria instituir em Madrid uma escola que desse á Hespanha todos os chimicos de que carecesse o reino.

Este plano pareceu mui grandioso e sobretudo mui custoso, não foi adoptado.

Orfila inteiramente livre votou se á sciencia, naturalisou-se e em 1818 recebeu carta de naturalisação. Ao depois casou-se com uma Franceza, a filha do célebre statuario Lesueur.

Em 1816, Orfila foi nomeado medico de Luiz XVIII; membro correspondente do Instituto; em 1819, professor da faculdade (\*); em 1820, membro da Academia Real de Medicina; em 1830, deão da faculdade; em 1832, membro do conselho geral dos hospitaes; em 1834 obteve carta de grande naturalisação; foi nomeado membro do conselho real de instrucção publica; membro do conselho geral do departamento do Sene; official da legião de honra; em 1838 commendador desta ordem.

Mais tarde Orfila foi cruelmente mortificado; não se pensou nos serviços por elle prestados á sciencia e á humanidade, não se levou em conta suas dôres de familia; não se lhe fez justiça. Outros mais eloquentes que nós que tracem estas peniveis phases da vida de Orfila, que se achão por assim dizer ligadas á historia dos nossos ultimos annos.

---

(\*) Depois do licenciamto da Escola de Medicina, em 1823, Orfila entrou para a escola mas como professor de chimica.

Orfila publicou um *Tratado de toxicologia geral*, um *Tratado de Chimica Medica*, um *Tratado de exumações juridicas*; nesta ultima obra teve por collaborador seu cunhado, O. Lesueur; finalmente numerosas memorias publicadas nos *Annaes de Hygiene*, no *jornal de chimica medica*, na *União medica*, &c.

Foi um dos fundadores do *jornal de chimica medica*, creado em 1825, entre os quaes se contavão tambem Laugier, Serrullas, e Richard, mui cedo roubados á sciencia.

O que contribuirá á recordar aos alumnos o nome de Orfila é a creação da clinica de partos; do jardim botanico do Luxemburg; das salas de dissecção da escola pratica; do Museo de anatomia physiologica; do Museo de Orfila; finalmente, a creação dos premios que instituiu em sua vida e que montão a 120.000 francos, premios que devem ser conferidos pela Academia Imperial de Medicina, pela Escola de Pharmacia, &c.

Orfila fundou tambem a Associação de Prevenção dos Medicos de Paris, e todos sabem a utilidade desta creação destinada ao soccorro de homens desgraçadamente maltratados pela fortuna.

O acompanhamento funebre de Orfila provou que elle contava numerosos amigos e obrigados; a Faculdade, a Academia Imperial de Medicina, a Escola do Val-de-Grace, personagens célebres, o elito da corporação Medica de Paris, os discipulos das Escolas acompanharão os restos mortaes de Orfila até ao cemiterio do Montparnasse.

Orfila em seu testamento prestou um ultimo serviço aos discipulos, quiz que se fizesse a autopsia de seu cadaver, para se possivel fosse poder inda prestar á sciencia.

Sobre seu tumulo recitarão-se ainda outros discursos os de M. M. Berard, Dubois, Bussy, Perdrix, Barth, e o de um alumno; M. Salvandy por molesto não pôde ler o que para esse fim tinha preparado.



# REVISTA PHARMACEUTICA.

2.º ANNO.

N.º 12. — JUNHO DE 1853.

VOL. II.

## SOCIEDADE PHARMACEUTICA BRASILEIRA.

SESSÃO LITTERARIA EM 10 DE MAIO DE 1852.

*Presidencia do Sr. E. Corrêa dos Santos.*

As seis horas da tarde estando presentes os socios constantes do livro de presença, o Sr. Presidente declarou aberta a sessão.

Foi lida e sem alteração approvada a acta da sessão antecedente.

Foi unanimemente approvado para socio contribuinte o Sr. Bartholomeo José Tavares, pharmaceutico estabelecido nesta côrte.

Não se apresentando pareceres de commissão, passa á discussão a 1.ª parte da ordem do dia: — Deve a Sociedade representar ao governo contra os abusos praticados, admitindo a exames praticos de pharmacia individuos, que não estão para isso habilitados.

O Sr. Presidente toma a palavra, e começa por motivar a causa porque deu para discussão a ordem do dia, de que é questão: diz que moços se tem apresentado para soffrerem exames praticos de pharmacia, quando para isso não estão legalmente habilitados, nem pela idade; e que é tempo que se reclame a cessação desse abuso, pois o contrario ácarreta o prejuizo dos jovens, que consomem sua mocidade, frequentando o curso da escola, quando outros são admittidos a fruir os mesmos direitos, que elles, pelo simples facto de passarem um exame, para que não estão as mais das vezes habilitados.

O Sr. Dr. Ezequiel pede que se ponha a votos.

O Dr. O. Araujo obtendo a palavra declara que vota contra a ordem do dia, estabelece sua argumentação, fundando-se em que a não habilitação é dependente, ou de falta dos quesitos exigidos por lei, para a admissão á esses exames, ou da falta de sciencia precisa, para a approvação nesses mesmos exames; que o primeiro caso senão podia suppôr, porque o ministro competente não mandaria admittir a exames, senão aquelles que se apresentassem convenientemente habilitados, e que nessa circumstancia senão dava abuso, e que no segundo suppunha que ninguem pensaria que a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, senão achasse sufficientemente habilitada e moralisada, para consentir em taes abusos, o de que já por mais de uma vez tem dado provas, e termina dizendo que a Sociedade não é a habilitada para fazer a representação em qualquer dos casos.

O Sr. Dr. Ezequiel falla contra as idéas do Dr. O. Araujo, e insiste em que se faça a representação, e que a Sociedade é a isso obrigada pela letra dos seus estatutos.

O Dr. O. Araujo responde ao Sr. Dr. Ezequiel, e diz que não acha artigo nenhum nos estatutos, que obrigue á Sociedade a arvorar-se em denunciante.

O Sr. Presidente declara que os abusos se tem dado admittindo a exames individuos que, não tendo idade, nem pratica, se mostram habilitados com documentos que não são verdadeiros: mostra com um artigo dos estatutos que estando a Sociedade obrigada a velar e promover os progressos da sciencia deve representar, e tem disso obrigação, sempre que se derem casos que prejudiquem o progresso da pharmacia, e termina estranhando que o Dr. O. Araujo se mostre tão contrario a essa representação.

O Dr. O. Araujo diz que não pôde imaginar como a falta de idade só, como se dá nos casos de abuso de que falla o Sr. Presidente, possa prejudicar os progressos da sciencia, continúa a votar contra a representação, porque não quer que a Sociedade seja a todo o tempo taxada de denunciante de documentos falsos.

O Sr. Fragoso opina no sentido em que ultimamente fallou o Dr. O. Araujo, e apresenta a idéa de que se peça ao governo que faça cessar a continuação dessa lei, que concede que se faça ainda exames praticos, e fundamenta essa sua idéa.

O Dr. O. Araujo diz que vota pela emenda apresentada pelo Sr. Fragoso.

O Sr. Balthazar diz que a Sociedade tem representado contra os charlatães, e que por isso ainda não adquirio o epitheto de denunciante, e diz que vota pela representação de que falla o Sr. Presidente.

O Dr. O. Araujo diz que os charlatães prejudicão a sciencia, e....

O Sr. Dr. Ezequiel diz (pela ordem) que o Dr. O. Araujo já fallou por mais de duas vezes, e que os estatutos não lhe permittem que possa continuar a fallar.

O Dr. O. Araujo diz que só pedio a palavra uma vez, e que só tem respondido com apartes.

O Sr. Presidente diz que sempre permittio que em materia de sciencia se fallasse por mais de duas vezes, e convida o Dr. O. Araujo a continuar a discussão.

O Dr. O. Araujo continúa dizendo que os charlatães prejudicão intrinseca e realmente a sciencia, e que por isso está a Sociedade obrigada a representar contra elles, tanto mais que compromettem a vida e saude publica, e só incorrem em um crime de policia medica, e que a representação contra o abuso de admissão a exames com documentos falsos importa um crime degradante, uma infracção dos artigos do codigo de policia penal, e que muito principalmente por isso, insiste em votar contra a representação, tanto mais que sendo quasi todos os pharmaceuticos desta côrte membros da Sociedade, não quer por modo nenhum concorrer para que se descubra em algum delles essa falta tão grave.

O Sr. Presidente diz que é essa uma razão mais forte para que elle insista pela representação.

Não havendo mais quem peça a palavra, o Sr. Presidente dá por encerrada a discussão, e põe a votos; a Sociedade approva que se faça a representação, votando contra o Dr. O. Araujo, e nomêa para redigil-a, por escrutinio secreto, o Sr. Pires Ferrão.

Achando-se adiantada a hora, o Sr. Presidente adia para a sessão seguinte a 2.<sup>a</sup> parte da ordem do dia.

Constando que o Governo Imperial reformou nos novos estatutos o curso de pharmacia da Escola de Medicina, creau-do uma cadeira de pharmacia pratica, e tendo a Sociedade

representado ao Governo a necessidade da criação dessa cadeira, o Sr. Presidente pede authorisação a Sociedade, para, em seu nome, agradecer a S. M. I. a graça de ter attendido a esse reclamo.

A Sociedade approva que se dê esse signal de agradecimento a S. M. I. e ao Exm. Sr. Visconde de Mont'-Alegre, Ministro que occupava a pasta do Imperio ao tempo que se fez essa representação.

O Sr. Presidente encerra a sessão ás oito e meia horas da noite.

---

### Accidentes causados pela agua contendo chumbo em dissolução (\*)

Traduzido do *Journal de Chimie Medicale* de janeiro de 1853, com algumas observações sobre o novo encanamento de aguas do Rio de Janeiro, e sobre o estado sanitario do mesmo.

O capitão Flotard, commandante da *Duchesse Anne* chegada do Rio de Janeiro a 22 de Agosto, deu a conhecer as seguintes observações, que são assaz interessantes, debaixo do ponto de vista de *Hygiene Publica*. Na minha viagem (diz elle) do Rio ao Havre, a bordo da *Duchesse Anne*, minha equipagem ficou successivamente atacada de colicas seccas, ou pelo menos de uma molestia que tinha todos os seus symptomas.

Admirado de que este mal se tornasse epidemico, e tendo ouvido dizer que os dous capitães antecedentes tinham tambem horriavelmente soffrido do mesmo mal, acreditei que a causa deste incommodo provinha do apparelho distillatorio.

Fiz pois os exames mais minuciosos, e percebi que o tubo que levava a agua distillada ao reservatorio, que servia para os gastos diarios de bordo era de chumbo; sabendo que o oxido de chumbo é um veneno, apressei-me em tiral o, e só dei á tripolação, d'ahi em diante, a agua das peças de reserva, para algum caso de desarranjo no apparelho distillatorio.

---

(\*) Direi antes em suspensão, porque acredito que era ao protoxido de chumbo que ella devia suas propriedades toxicas.

Elles continuárão a soffrer, é verdade, por isso que estavam envenenados, porém tive a satisfação de ver seus soffrimentos mitigados, e seu estado menos assustador.

« O tubo que tirei estava interiormente decomposto em  
« pequenas moleculas negras, que cahião no reservatorio  
« e ficavão em suspensão n'agua, constantemente agitada a  
« bordo do navio.

« Estou persuadido que sem esta precaução teria perdido pelo menos metade de minha tripolação no mar.

« Será urgente (termina elle) que os Srs. capitães tomem  
« sentido d'aqui em diante em que o *encanamento* de seus  
« aparelhos seja de *ferro*, pois que assim não terão perigo  
« algum deste genero a receiar.

Este artigo me fez recordar de outro que o nosso digno 1.º Secretario o Sr. Silva Costa imprimio na nossa *Revista*, quando se principiou a usar no Rio de Janeiro da agua do novo encanamento, cujas ramificações são todas em chumbo, attribuindo a agua d'elle provenientes propriedades toxicas, em razão do seu contacto com o chumbo.

Pedimos a attenção dos Srs. doutores em geral, e particularmente aos da Junta Central de Hygiene Publica para este facto, que os dignos redactores do *Journal de Chimie Medicale* nos mandão talvez para nosso aviso.

É certo que desde esse tempo para cá, e sempre em augmento se tem desenvolvido no Rio de Janeiro (como melhor do que nós sabem os mesmos senhores) as diarrheas, e dysenterias, que o nosso povo apesar de soffredor e como que acostumado á *canga* appellidou de *Schotisch*, não se tendo por isso livrado de irem descançados tomar os ares de nossos cemiterios, como todos sabemos pelas estatisticas dos obitos diarios.

E não será esta uma das immensas causas que avultão os obitos diarios desta cidade, cada vez mais pestilenta? Não será devido á agua, um dos principaes agentes de nossa nutrição, um crescido numero de doentes fallecidos, de diarrheas, e de tantos incommodos gastricos e intestinaes? Melhor do que eu, o saberão aquelles a quem peço me esclareção com sua illustrada opinião.

Talvez alguém diga que a agua não tem tempo de oxidar o chumbo, por isso que está successivamente se renovando, porém na minha fraca opinião essa idéa cahirá por si mesma, si attendermos que o encanamento é todo fechado por

torneiras, o que faz com que a agua permaneça estagnada, ao menos durante o espaço da noite em que não é renovada, e quasi me atreverei a dizer que se hoje se tirar uma dessas ramificações, se achará a parte interna forrada com uma crusta esbranquiçada de *carbonato de chumbo*.

E porque razão não admittiremos esta idéa, se a agua de bordo da *Duchesse Anne* só pela simples passagem pelo tubo de chumbo se tornava toxica? Creio ser muito razoavel.

Não quero dizer com isto que seja esta a unica causa que tem contribuido para o crescido numero de molestias que presentemente reinão, porque seria isso sobremodo absurdo.

O clima do Rio de Janeiro (diz o distincto Presidente da Junta Central de Hygiene Publica, no seu relatorio apresentado á Academia Imperial de Medicina) isto é, o ar respirado pelos seus habitantes tem soffrido notavel modificação com o crescimento de sua população e com as mudanças que a civilisação tem operado em seus costumes. Certas molestias inherentes a esta cidade, como as erysipelas, febres intermittentes, hepatitis, e opilação (hepemia) têm desaparecido, ao passo que a tísica, a *diarrhea*, as febres typhoides, a amarella, apparecem ou recrescem em numero ou intensidade: resulta evidentemente desta confrontação, que, o *clima* ou outro agente da saude publica se tem modificado pela mudança que a sociedade ou a civilisação tem com ellas acarretado. Mais adiante attribue o mesmo senhor ás emanações, ou miasmas paludosos, a alteração do clima, e continúa dizendo que é a *atmosfera* o primeiro, senão o principal objecto que se deve ter em vista quando se trata de salubridade publica, e de tal maneira se explica ácerca do ar atmospherico e dos miasmas com elle absorvidos pela inspiração, que, convencidos da verdade de suas asserções, lamentamos o estarmo-nos envenenando diariamente sem ter remedio proximo.

Além destas immensas causas por todos reconhecidas, como prejudiciaes á saude publica, porém por ninguem remediadas, temos ainda uma que não é menos interessante, e vem a ser, a falsificação de todos os nossos alimentos, desde o fabricante até o ultimo *taverneiro*, que os vende para o consumo geral! Emfim terminarei dizendo que si

se attender ao que diz o digno *Presidente da Junta Central*, si se attender á corrupção dos alimentos, si attender-se ao estado de nossas ruas e praças, que mais parecom *charcos de rãs*, do que ruas da capital do Imperio do Brasil, se tambem attendermos ou examinarmos o encanamento ha pouco feito para o abastecimento d'agua, se finalmente se executarem as leis municipaes e hygienicas, talvez se melhore o estado sanitario desgraçadamente ludibrio e es-carneo dos estrangeiros civilisados, que pela primeira vez nelle pisão.

E. F. Santos.

---

**Medicamentos Brasileiros que podem substituir os exóticos na pratica da medicina no Brasil, pelo Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto.**

(Conclusão.)

## VIII. MEDICAMENTOS ANTISYPHILITICOS.

Esta ordem de medicamentos se compõe de substancias que exercem uma acção notavel sobre o systema ganglionar e lymphatico. A' excepção de alguns medicamentos que como o mercurio, e as preparações de ouro tem uma acção toda especial, a maior parte dos antisymphiliticos ou pertencem á classe dos sudorificos, ou obrão de uma maneira particular, que não é inda perfeitamente conhecida.

Pode-se pois, como já indicamos, empregar os differentes medicamentos sudorificos de que fallamos. Citaremos ainda aqui como medicamentos proprios á combater os differentes symptomas da syphilis os seguintes :

*Douradinha do campo.* Uma especie do genero *palicurea* da familia das Rubiaceas, e que *M. de Humboldt* chamou *palicurea speciosa*, goza no Brasil de uma grande reputação como antisymphilico. E' de suas folhas que se faz uso, em infusão, mas este medicamento deve ser empregado com muita circunspecção, porque em dóse um pouco elevada obra como um verdadeiro veneno.

Com os nomes *herva mudar*, e *currateira* os habitantes do Brasil empregão uma planta da familia das Euphorbiaceas,

que *M. Martius* designou por *croton antisyphiliticum*; as folhas desta planta obrão com muita energia sobre a pelle e rins, activando suas funções: uma outra especie do mesmo genero *croton fulvum* do professor *Martius* fornece com sua raiz um excellente antisyphilitico. E' em decocção que se administra este medicamento. Esta propriedade antisyphilitica existe em muitas outras plantas da familia das Euphorbiaceas, e especialmente no buxo, que é empregado na Europa como um dos melhores sudorificos indigenas.

Algumas especies de *bignonia* são tambem contadas no numero dos antisyphiliticos pela propriedade sudorifica de suas cascas. Entre estas especies faremos notar a *bignonia antisyphilitica* do professor *Martius*: no dizer deste sabio botanico a casca dos ramos novos é um excellente medicamento, para combatter os tumores syphiliticos. Esta especie é vulgarmente conhecida por *caroba*.

## IX. MEDICAMENTOS DIURETICOS.

Chamão-se diureticos os medicamentos que tem a propriedade de facilitar e activar a secessão dos rins e expulsão da urina. A falta de secessão urinaria póde depender de tres sortes de causas: 1.º obstaculo mecanico; 2.º irritação dos orgãos urinarios; 3.º subtracção de actividade; ou de irritabilidade necessaria ao exercicio desses orgãos.

As primeiras causas reclamão soccorros cirurgicos; não fallaremos dellas: as ultimas podem ser combattidas por meios medicinaes, que não sendo medicamentos diureticos podem ser emollientes ou excitantes.

### 1.º DIURETICOS EMOLLIENTES.

Quando a falta de emissão urinaria depende da irritação de seus orgãos, todos os meios proprios á combatter as inflammções devem ser empregados e collocados na ordem dos diureticos, taes são as sangrias geraes e locaes, e todos os medicamentos emollientes de que já fallamos, tratando especialmente delles.

### 2.º DIURETICOS EXCITANTES.

Acontece frequentemente que a secessão urinaria é interrompida ou diminuida em consequencia do estado de fra-



queza dos órgãos urinarios ; é neste caso que se pôde empregar com vantagem os medicamentos proprios a reanimar a acção e trazel-a á seu typo normal. Indicaremos aqui alguns vegetaes brasileiros que se empregão nestas circumstancias.

Collocaremos em primeiro lugar o *chá*, não só o da *India*, mas ainda a *herva do Paraguay*. A bebida preparada com estas folhas é um excellente diaphoretico, principalmente tomada bem quente, e ao mesmo tempo excita os órgãos urinarios e pôde ser classificada no numero dos diureticos. Não entramos em mais detalhes sobre estas duas substancias, por já termos dellas fallado tratando dos medicamentos diaphoreticos.

*Butua*. Assim se chama o *cissampelos pareira*, L. da familia das Menispermeas; sua raiz é empregada em decocção como diuretica. E' preciso não confundir esta planta com a da Guyana, esta ultima é a *abutua rufescens* DE AUBLET, que pertence tambem á familia das Menispermeas.

*Herva de rato*. Em algumas provincias do imperio brasileiro designa-se com tal nome algumas especies do genero *palicurea* da familia das Rubiaceas. Suas folhas segundo o professor *Martius*, e principalmente os fructos, são notaveis por suas propriedades activas e mesmo delecteriaes; taes são entre outras, as *palicurea noxia* de MART., e *palicurea longifolia* de ST. HIL. A infusão das folhas destas duas especies e de algumas outras como a *palicurea sönans*, MART.; *palicurea diuretica*, MART.; *palicurea officinalis*, MART.; *palicurea strepens*, MART. são frequentemente usadas contra as retenções de ourinas. A dôse regula de meio á um escropulo em seis onças d'agua, á que se adiciona alguns aromaticos, como a canella, a pimenta da Jamaica &c.

*Periparoba*. Uma especie de pimenta (*piper umbellatum*, L.) é assim chamada no Rio de Janeiro e S. Paulo, no entanto que em Minas a chamão *caapeba*. Sua raiz é com frequencia usada, principalmente nas obstrucções abdominaes, que sobrevem ás febres intermitentes; ella augmenta a actividade de diferentes órgãos, principalmente os do systema lymphatico. Emprega-se nas mesmas circumstancias os fructos de uma especie semelhante (*piper peltatum*, L.) que se designa tambem por *caapeba*.

*Alfavaca de cobra*. E' a *monnieria trifolia*, L., que pertence á familia das Rutaceas; esta planta cresce nos matos

virgens do Brasil, e algumas outras partes da America meridional: *Pison* a menciona com o nome de *jaborandi*. Sua raiz tem um sabor acre e aromatico; obra como diuretico, e do mesmo modo que alguns outros medicamentos desta ordem favorece a transpiração cutanea, e é por isso tambem empregada como sudorifico.

*Herva de cobra.* Os mineiros com este nome empregão uma planta da familia das *Synanthereas*, que *Mart.* designou por *mikania opifera*. O succo extrahido da herva fresca, é administrado como um excellente diuretico; toda a planta goza de grande reputação contra a mordidura das cobras; finalmente é uma propriedade que participa com algumas outras plantas da mesma familia, das quaes citaremos a *mikania guaco*, HUMBOLD; *mikania contrayerva*, L. &c.

*Guajamaricola e fedegoso.* Algumas especies de canafistula e especialmente a *cassia occidentalis*, *c. falcata*, *c. hirsuta*, L. são communmente designadas no Brasil com estes dous nomes. São plantas mui communs, mui abundantes, e que parecem buscar as habitações, por crescerem na proximidade dos lugares povoados. *M. Martius* diz que sua raiz exerce uma acção especial sobre o systema lymphatico; e emprega-se frequentemente contra a hydropesia. Os grãos torrados são usados nas mesmas circumstancias, e diz-se que seus effeitos tem muita analogia com os que produz o caffè de bolotas torradas.

## X. MEDICAMENTOS ANTHELMINTICOS.

Os medicamentos anthelminticos são ou purgativos mais ou menos energicos, ou medicamentos amargos aromaticos, ou finalmente substancias, cujo modo de acção nos não é bem conhecido; taes são, por exemplo, as raizes de feto macho e romeira, que se empregão tão frequentemente na Europa.

Nada dizemos sobre os medicamentos purgativos nem amargos aromaticos, porque já delles fallamos precedentemente; estas differentes substancias poderão ser empregadas com successo para combater os accidentes, que resultão da presença de vermes no canal alimentar. Além destas substancias faz-se tambem uso no Brasil, como tendo uma acção especial, de outros vegetaes; assim para substituir o caule ou raiz do feto macho (*polypodium filix mas*, L.), emprega-se

a raiz do *polypodium lepidopteris*, que se designa por feto macho, á quem substitue, e se administra nas mesmas doses e sob as mesmas fórmas.

*Marcgrave e Pison* figurarão e descreverão com o nome de *andira ibaiariba* ou *angelim*, uma arvore da familia das Leguminosas, que os botanicos designão por *andira racemosa*. Os habitantes do Brasil empregão a amendoa contida na noz deste fructo, como um excellente vermifugo, sobretudo para expellir os vermes que se formão no canal digestivo. Este medicamento obra com grande energia, e deve ser administrado em doses mui fracas, de dez a vinte grãos sómente: em dóse mais elevada produz symptomas toxicologicos.

Póde-se tambem empregar como um excellente anthelmintico a casca da *parayba*, ou *simarouba versicolor* de M. AUG. ST.-HILAIRE. O excessivo amargo das diversas partes desta arvore torna-a mui propria nas affecções verminosas.

## XI. MEDICAMENTOS NARCOTICOS.

O opio é sem contradicção o mais poderoso dos medicamentos narcoticos; mas a papoula que o produz é originaria da Asia-Menor; no entanto como é uma planta annual, cuja cultura é extremamente facil, tem-se espalhado por quasi todos os paizes quentes do antigo continente, principalmente entre os povos que mais uso fazem d'elle. Este medicamento é levado para a Europa, de alguns lugares da Asia-Menor, da Persia, da India, &c.

Não é só nos paizes quentes que a papoula somnifera produz o opio: sabe-se que em França obteve-se opio de papoulas ahi cultivadas. A quantidade é sem duvida menos consideravel, porém pela analyse comparativa, feita pelo celebre *Vauquelin*, o opio indigena contém os mesmos principios que o opio do Oriente.

O opio consumido no Brasil é-nos trazido da Europa, mas quem nos impede de cultivar a papoula para extrahir esse poderoso medicamento? Não duvidamos que esse vegetal cultivado nas provincias intertropicaes do imperio, não só se aclimataria, mas ainda nos daria resultados identicos ao que produz no Egypto, na Persia, e em Benguela. Esta cultura não exige grandes cuidados, e com ella o Brasil teria uma quantidade de opio sufficiente para seu consummo, e

talvez algum dia pudesse exportar em troca de outros productos europeos, de que nos não podemos dispensar. O governo deveria prestar toda a sua attenção e sollicitude a objectos desta ordem, que podem um dia ter grande influencia na prosperidade de nossa patria.

A cultura da papoula somnifera teria ainda outra vantagem, a de nos fornecer as *capsulas* ou *cabeças de dormideiras*, empregadas tão frequentemente para fazer as decoções calmantes, e com que se prepara o xarope de diacodio; de mais os grãos tão numerosos contidos nas capsulas, fornecem um oleo graxo que se emprega para a iluminação. Acreditamos pois que o governo devia animar a cultura deste vegetal, cujos productos variados offerecerião tantas vantagens para o Brasil.

Nós possuímos alguns outros medicamentos narcoticos, que tem sido introduzidos e naturalizados no Brasil, á muitos annos; taes são a cicuta (*conium maculatum*) e a *datura stramonium*. L. &c.

Pensamos finalmente que entre o grande numero de vegetaes indigenas que crescem com tanta profusão em nosso rico paiz, os naturalistas acabarão por descobrir alguns cujas propriedades calmantes e narcoticas poderão ser utilmente aproveitadas.

O. A.

FIM.

---

**Observações de M. Ed. Becquet, discipulo de pharmacia sobre a morphina que se encontra nos residuos do opio, que servio para preparar o laudano de Sydenham.**

O laudano é uma das preparações mais heroicas da pharmacia, e seu principio activo reside quasi inteiramente na morphina. Fui levado á crer que o laudano de Sydenham não contém a quantidade de morphina, correspondente á quantidade do opio empregado, porque o residuo de sua preparação contém ainda grande quantidade desse precioso alcaloide.

M. Ernest Barruel propoz ultimamente um processo para extracção da morphina, que nos parece dar melhores resultados que os até aqui conhecidos : eu o experimentei operando sobre quantidades pouco consideraveis.

Tomei 40 grammas de residuo de laudano de Sydenham, preparado, segundo o Codex, e sobre que lancei do mesmo vinho de Hespanha que servira para sua preparação ; para extrahir completamente os restos do liquido laudanizado : fervei esta quantidade com 300 grammas de agua destilada, e 16 gottas de acido hydrochlorico puro ; depois de meia hora de ebullição tirei o liquido do fogo, e depois de frio passei-o a expressão : levei de novo o residuo ao fogo com a mesma quantidade de agua destilada, mas desta vez sem acido, e passei-o pelo mesmo processo, e inda terceira vez o tratei da mesma maneira. Reunidos os liquidos resultantes, e filtrados, precipitei-os por uma mistura de 15 grammas de sub-acetato de chumbo, e 15 grammas de acetato neutro da mesma base, dissolvidos em uma quantidade sufficiente de agua destilada, depois de meia hora de contacto, filtrei e submetti o liquido á uma corrente de acido hydro-sulfurico.

Logo que se completou a precipitação do sulfureto de chumbo, filtrei de novo, e evaporei até que só ficassem 50 grammas de liquido, que deixei esfriar ; depois precipitei por uma solução concentrada de carbonato de potassa ; filtrei ainda e lavei o precipitado por algumas vezes em agua destilada ; o liquido filtrado foi de novo saturado de acido hydro-chlorico puro, e evaporado até reduzir-se á 40 grammas. Depois de frio precipitei este liquido segunda vez pela solução concentrada de carbonato de potassa ; passei de novo sobre o mesmo filtro que tinha servido precedentemente, e depois de filtrado saturei segunda vez com o acido hydro-chlorico, e evaporei até reduzi-lo ao mesmo grão precedente. Depois de frio, precipitei-o terceira vez, e filtrei de novo, sempre sobre o mesmo filtro, que colloquei em papel pardo e levei á estufa para seccar.

O liquido, resultado destas diversas operações, deixou ainda depôr cristaes de morphina ; a morphina bruta, que recolhi, pesava 1,90 centigramas.

Dissolvi 3 grammas e 50 centigramas de potassa caustica á cal em 30 grammas de agua destilada ; triturei em um gral morphina bruta com a dissolução da potassa caustica ; depois

de alguns minutos de contacto filtrei e lavei o filtro por diversas vezes. Esta operação tinha por fim dissolver a morphina e separal-a da narcotina: saturei os liquidos pelo acido hydro-chlorico, e evaporei até reduzir-as á 30 grammas. Depois de frios precipitei pelo carbonato de potassa em dissolução; passei sobre o filtro precedente, e lavei o filtro; saturei segunda vez os liquidos pelo acido hydro-chlorico; fiz terceira operação e filtrei sempre sobre o mesmo filtro.

Sequei o filtro á uma temperatura branda; e destaquei do filtro morphina, que pesava 50 centigrammas.

Esta morphina foi dissolvida em 10 grammas de alcool á ferver, e o filtro lavado com outras 5 grammas de alcool tambem a ferver; fiz evaporar em banho a maria até á cristallisação, puz os cristaes em um filtro e fiz evaporar o resto do liquido, e reuni os cristaes no mesmo filtro. Obtive delles 20 centigrammas de morphina pura ou 1/2 por cento do peso do residuo do opio.

Este corpo apresentava todos os caracteres da morphina, isto é, vermelho côr de sangue pelo acido nitrico á frio, e azul escuro por um sal de ferro.

Os cristaes de porphina forão de novo redissolvidos em acido hydro-chlorico e tratados pelo carvão animal. Desde que se neutralizou o liquido, depoz pelo resfriamento cristaes radiados de hydro-chlorato de morphina.

Pensamos côm alguma razão que se devia preparar o laudano de Sydenham, de modo a duas vezes fazer a maceração, com metade por cada vez do vinho que deve servir para a dóse que se prepará; por este meio depois da expressão da primeira maceração, o residuo desta maceração se acharia ainda em contacto com a segunda porção de vinho que absorveria mui provavelmente a maior parte da morphina que elle contivesse.

Deve-se notar que todas as preparações que tem por base o opio e que são tratadas por um vehiculo, deixão no residuo uma quantidade notavel de alcaloide, que só póde ser tirado por ebullições em agua destilada acidulada com acido Hydro-chlorico.

(*J. de Chimie Medicale*)



Da acção de alguns reactivos sobre a quinina.

PELO SR. VOGEL.

O Sr. Brandes demonstrou que o soluto de sulphato de quinina tomava uma côr *verde-esmeralda*, quando se lhe juntava uma porção d'agua chlorada, addicionada d'ammoniaco caustico.

Partindo deste facto, conseguiu o Sr. Vogel produzir, com o soccorro de um pequeno numero de outros reactivos, mudanças de côr mui caracteristicas no soluto do sulphato de quinina; estes caracteres, servindo a demonstrar a pureza da quinina, servem igualmente a distinguil-a da cinchonina, cujo soluto não produz as mesmas reacções.

Se ao soluto do sulphato de quinina, misturado com a agua chlorada se ajuntar, em lugar do ammoniaco, um soluto concentrado de ferro cyanureto de potassio, produzirse-ha immediatamente uma côr vermelha intensa, que por algumas horas se conserva sem a menor alteração, mas que passa ao verde, expondo-a, especialmente, á acção da luz. Esta reacção da quinina, aliás tão caracteristica, é mui propria para reconhecer a sua pureza. Se, em lugar do ammoniaco, se empregar a potassa caustica, o soluto tomará uma côr amarella como a do enxôfre. Póde-se substituir vantajosamente o chloro com um soluto de chlorureto de cal, com acido hydrochlorico. Neste caso, pelo ammoniaco precipita-se um pó verde. As reacções precedentes não se manifestão com a cinchonina, e podem servir, por conseguinte, para distinguir os dous alcaloides.

*Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana.*

---

## AO DEIXAR A REVISTA.

Ahi vae o nosso ultimo numero, e com elle terminamos a publicação do 2.º anno da *Revista Pharmaceutica*.

Devida sua publicação a nossos unicos exforços levamos á termo a nossa missão, pois que apenas fomos com um só artigo coadjuvados pelo nosso amigo e collega o Sr. E. F. dos Santos. Na falta de exercicios praticos sobre pharmacia, cujas experiencias nos fornecessem materia sufficiente para preencher as publicações mensaes, recorreremos muitas vezes

á jornaes estrangeiros, de onde extrahimos os artigos que mais interessantes e uteis julgamos, á esclarecer o adiantamento da Pharmacia. Dahi se collige a mesquinhez de nosso trabalho ainda que nelle tivessesmos empregado os nossos melhores desejos.

Publicada sob a protecção da Sociedade Pharmaceutica, que tem até o presente invidado todos os seus esforços, para promover o adiantamento da Pharmacia no Brasil, e tornar seu exercicio uma arte nobre, honroza e util á humanidade, vae esta Revista continuar o seu terceiro anno de existencia, sob os cuidados e redacção do nosso douto e illustrado collega o Sr. M. H. Pires Ferrão.

Pharmaceutico estabelecido nesta côrte, filho da Escola do Rio de Janeiro, é o Sr. Pires Ferrão um dos socios fundadores desta Sociedade, cujas discussões tem sido abrihantadas por suas luses; não podia pois a nomeação de redactor de sua Revista recahir em pessoa mais asada. Possa o espirito de associação e amor á sciencia dos nossos collegas coadjuval-o em tão importante missão, deixem-se os nossos illustrados collegas desse mesquinho egoismo, que os faz occuparem-se só daquillo de que são especialmente incumbidos, barateem um pouco suas luses e seus escriptos, adornem as paginas da Revista da Sociedade com seus illustrados nomes, e a *Revista Pharmaceutica*, de cuja redacção, como dissemos, vae ser encarregado o nosso douto collega, marcará uma época de brilhantismo para a Sociedade.

Pensem que a nossa Sociedade não é ephemera, e que a publicação de sua Revista será para o futuro a pedra de toque, por onde se apreciará seu valor.

Ao terminarmos a nossa redacção, pedimos á Sociedade Pharmaceutica, queira acceitar o nosso trabalho como uma tenue mas sincera prova do nosso reconhecimento e dedicação.

DR. O. Araujo.

**FIM DO VOL. II.**